

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CCE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED**  
**CURSO MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ALEXSANDRO ROCHA DA SILVA**

**EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM O. G. REGO DE CARVALHO**  
**(1940 – 1979)**

**TERESINA, PI**

**2024**

**ALEXSANDRO ROCHA DA SILVA**

**EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM O. G. REGO DE CARVALHO  
(1940 - 1979)**

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria do Amparo Borges Ferro.

**TERESINA, PI**

**2024**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação  
Serviço de Representação da Informação

S586e Silva, Alexsandro Rocha da  
Educação, história e memória em O. G. Rego de Carvalho (1940 –  
1979) / Alexsandro Rocha da Silva. – 2024.  
149 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de  
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Teresina, 2024.

“Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Amparo Borges Ferro.”

1. Educação – História. 2. Memória. 3. O. G. Rego de Carvalho.  
I. Ferro, Maria do Amparo Borges. II. Título.

CDD 370.903

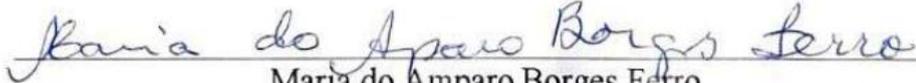
**ALEXSANDRO ROCHA DA SILVA**

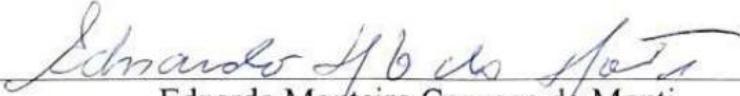
**EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA EM O. G. REGO DE CARVALHO  
(1940 - 1979)**

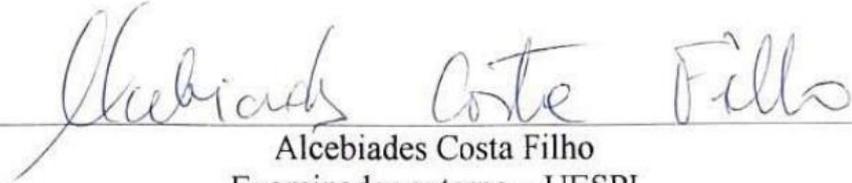
Dissertação de Mestrado submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) do Centro de Ciências da Educação (CCE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito final para à obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: 26/01/2024

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Maria do Amparo Borges Ferro  
Presidente – UFPI

  
\_\_\_\_\_  
Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti  
Examinador interno – UFPI

  
\_\_\_\_\_  
Alcebiades Costa Filho  
Examinador externo – UESPI

Teresina, PI  
Janeiro de 2024

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todas as pessoas que foram fundamentais em minha jornada acadêmica e pessoal.

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha profunda gratidão a minha orientadora, professora Maria do Amparo Borges Ferros, pela sua orientação excepcional, paciência e apoio contínuo.

Dedico também a minha família, que sempre acreditou em mim, apoiando-me ao longo dos anos. Por fim, dedico este trabalho a todos os mentores que me inspiraram sabedoria.

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa representa o resultado de inúmeras horas de esforço e dedicação. Em momentos como este, quando reflito sobre a luz divina que recebi, sinto uma profunda gratidão em meu coração, uma gratidão que se estende para além do que as palavras podem expressar. Assim, compreendo que gratidão seja uma virtude valiosa que fortalece os relacionamentos e cria um ambiente positivo ao nosso redor. Faz parte do meu propósito de vida continuar compartilhando amor e apreço com as pessoas que convivo. A Deus, a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas e a Jesus, nosso mestre e modelo a ser seguido, dedico este humilde ato de gratidão que é sincero e vem do coração como forma de apreço. Neste gesto de gratidão, reconheço que sou beneficiário das bênçãos divinas, do amor inestimável de Deus e da sabedoria e inspiração que Jesus nos proporcionou.

Agradeço em especial a minha orientadora, a professora doutora Maria do Amparo Borges Ferro, pela orientação dedicada e valiosas sugestões ao longo do processo de pesquisa. Seu comprometimento com a excelência acadêmica foi inspirador. Através da sua personalidade carismática sempre expressou empatia, confiança, senso de humor saudável, positividade e autenticidade. Tudo isso foi fundamental no meu crescimento acadêmico e pessoal.

Meus agradecimentos também vão para aquele que produziu e proporcionou as fontes desta pesquisa, meus agradecimentos sinceros ao escritor Orlando Geraldo do Rego de Carvalho, que embora tenha partido, permanece como uma figura central e inspiradora neste estudo. Sua contribuição e legado continuam a ecoar através do tempo, influenciando positivamente a área de pesquisa na qual este trabalho se insere. Apesar de sua ausência física, sua memória e legado persistem, guiando e motivando aqueles que continuam a explorar e expandir o campo de estudo em que ele se destacou.

Também agradeço a minha família pelo apoio incondicional, paciência e encorajamento ao longo de toda a jornada acadêmica. Aqui cito meus pais Francisco e Jossita, meus irmãos Helissandro, Maria Solange, Elissando; minha cunhada Elisângela e meus sobrinhos Fábio Delano e Beatriz. Todos vocês foram uma fonte constante de força e motivação.

Agradeço também a professora Amada de Cássia por suas contribuições e auxílio na busca por fontes, seu altruísmo será lembrados com gratidão. Enfim todos que compõe o Núcleo de Educação História e Memória – NEHME, têm meus sinceros agradecimentos. As nossas reuniões semanais foram momentos de profunda troca de conhecimento.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar a educação piauiense com foco na relação entre história, memória, literatura e educação a partir das obras do escritor Orlando Geraldo do Rego de Carvalho (1940 - 1979), importante literato piauiense, natural da cidade de Oeiras. Escritor, membro da Academia Piauiense de Letras, bacharel em direito, professor e funcionário público do Banco do Brasil, colaborou com jornais e revista locais. O estudo parte de uma questão central: Quais aspectos abordados nas obras de O. G. Rego de Carvalho podem ser relacionados à história e memória da educação no Piauí? Com a finalidade de discutir esse ponto definiu-se os objetivos do trabalho: conhecer o escritor e sua obra; entender o lugar social ocupado pelo escritor piauiense no meio literário local e nacional; identificar os aspectos educacionais presentes nas obras de O. G. Rego de Carvalho; investigar a colaboração do escritor com a educação por meio da introdução de suas obras nas escolas e em concursos vestibulares. O período em análise vai de 1940, ano em que foram localizadas as primeiras produções escrita de O. G. Rego, quando tinha 10 anos de idade e escrevia para o mensário escolar, *O Fanal*, na cidade de Oeiras, estendendo-se até ano de 1979, quando já havia se consolidado como escritor no meio literário com a publicação das obras *Ulisses Entre o Amor e a Morte*; *Rio Subterrâneo* e *Somos Todos Inocentes*. As fontes acionadas nesta pesquisa são variadas: jornais, revistas, biografia, autobiografias e as obras do escritor. Para operar com esse conjunto de fontes, de modo geral, segue-se as orientações teóricas metodológicas da Nova História Cultural apoiadas em autores como Burke (2011); Chartier (1998); Halbwachs (1990), Le Goff (2013, dentre outros. Por meio das fontes foi possível compreender sua produção escrita, a educação, a história e memória entrelaçadas em muitos aspectos da vida e obra que foram problematizados e analisados. Constatou-se a presença de suas obras em escolas de Ensino Médio e instituições de Ensino Superior do país e diversas indicações de suas obras como referências obrigatórias para os concursos vestibulares no Piauí. As fontes biográficas e autobiográficas trazem informações da sua trajetória desde a infância, seu percurso escolar, a produção de textos para o jornal da escola em que estudava, o processo de produção, circulação e recepção de suas obras. Assim, as fontes apontam para a importância do escritor como sujeito da pesquisa, contribuindo com a ampliação dos estudos na área da história da educação piauiense.

**Palavras-chave:** O. G. Rego de Carvalho, Educação, História, Memória.

## ABSTRACT

This research aims to study education in Piauí focusing on the relationship between history, memory, literature and education based on the works of writer Orlando Geraldo do Rego de Carvalho (1940 - 1979), an important writer from Piauí, born in the city of Oeiras. Writer, member of Academia Piauiense de Letras, bachelor in law, professor and civil servant of Banco do Brasil, collaborates with local newspapers and magazines. The study starts from a central question: Which aspects considered in the works of O. G. Rego de Carvalho can be related to the history and memory of education in Piauí? With the purpose of discussing this point, the objectives of the work are defined: to know the writer and his work; understand the social place occupied by the writer from Piauí in the local and national literary milieu; identify the educational aspects present in the works of O. G. Rego de Carvalho; investigate the writer's collaboration with education through the introduction of his works in schools and entrance exams. The period under analysis goes from 1940, the year in which the first written productions of O. G. Rego were located, when he was 10 years old and wrote for the school monthly, *O Fanal*, in the city of Oeiras, extending until 1979, when he had already established himself as a writer in the literary world with the publication of his most famous works. The sources used in this research are celebrated: newspapers, magazines, biography, autobiographies and the works of the writer. To operate with this set of sources, in general, the methodological theoretical guidelines of the New Cultural History are followed, supported by authors such as Burke (2011); Chartier (1998); Halbwachs (1990), Le Goff (2013, among others. Through the sources it was possible to understand his written production, education, history and memory intertwined in many aspects of life and work that were problematized and analyzed. of his works in schools High School and Higher Education Institutions in the country and several indications of his works as a mandatory reference for entrance exams in Piauí. The biographical and autobiographical sources bring information about his trajectory since childhood, his school career, the production of texts for school newspaper where he studied, the process of production, circulation and reception of his works.

**Keywords:** O. G. Rego de Carvalho, Education, History, Memory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - O. G. REGO DE CARVALHO (1967) .....	19
FIGURA 2 - O. REGO DE CARVALHO QUANDO CRIANÇA.....	21
FIGURA 3 - O. G. REGO COM APROXIMADAMENTE 10 ANOS E SUA IRMÃ ANÁLIA .....	24
FIGURA 4 - PRIMEIRA E ÚLTIMA PÁGINA DO <i>FANAL</i> CONTENDO O TEXTO <i>A FEIRA</i> .....	27
FIGURA 5 - ANOTAÇÕES DE O. G. RÊGO DE CARVALHO ADOLESCENTE.....	33
FIGURA 6 - CONCURSO DE CONTOS - A CIGARRA .....	35
FIGURA 7 - UM FILHO, CONTO DE O. G. REGO.....	36
FIGURA 8 - CADERNO DE LETRAS MERIDIANO .....	37
FIGURA 9 - MARLENE, CONTO PUBLICADO NA REVISTA <i>O CRUZEIRO</i> .....	39
FIGURA 10 - CAPA DO LIVRO <i>ULISSES ENTRE O AMOR E A MORTE</i> .....	43
FIGURA 11 - O. G. REGO LENDO TRECHOS DE <i>ULISSES</i> .....	54
FIGURA 12 - CAPA DO LIVRO <i>RIO SUBTERRÂNEO</i> .....	55
FIGURA 13 - CAPA DO LIVRO <i>SOMOS TODOS INOCENTES</i> .....	61
FIGURA 14 - O. G. REGO RECEBENDO O PRÊMIO COELHO NETO NA ABL.....	64
FIGURA 15 - NOTÍCIA DO JORNAL <i>O ESTADO</i> , 1975 .....	75
FIGURA 16 - ILUSTRAÇÃO - CAPA LIVRO E A ATRIZ GLÓRIA MENESES EM CENA DA NOVELA <i>O SEMIDEUS</i> .....	76
FIGURA 17 - REVISTA DE CULTUA BRASILEÑA .....	78
FIGURA 18 - ESCRITOR PIAUIENSE ADOTADO NAS ESCOLAS DO RIO .....	99
FIGURA 19 - PROGRAMA PARA O VESTIBULAR - 1976.....	102
FIGURA 20 - VESTIBULAR - 1974 .....	103
FIGURA 21 – IMAGEM DE D. JULINHA , PLACA EM SUA HOMENAGEM .....	112

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 COMO E PORQUE ME FIZ ESCRITOR: A TRAJETÓRIA DE O. G. REGO DE CARVALHO.....	18
2.1 Recusa e persistência.....	35
2.2 A viagem de cura: a evolução como escritor.....	41
3 O ROMANCISTA DE OEIRAS: ENTRE O LOCAL E O NACIONAL.....	68
3.1 O. G. Rego e o reconhecimento além do nacional.....	72
3.2 Mas vamos adiante: escrevi Ulisses e não fui bem sucedido em minha terra.....	79
3.2.1 <i>O prelúdio de uma polêmica</i> .....	81
3.2.2 <i>Nuances da história: os dois lados da querela</i> .....	84
3.2.3 Os efeitos da publicação do A. B. C. da filosofia.....	90
3.3 Educação e literatura: a presença das obras de O. G. Rego de carvalho nas escolas e concursos vestibulares.....	98
4 LITERATURA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO.....	108
4.1 A representação do espaço escolar no livro Ulisses entre o Amor e a Morte.....	108
4.1.1 <i>Tia Julinha, a professora que O. G. Rego imortalizou no livro Ulisses</i> .....	109
4.1.3 <i>A mudança para capital</i> .....	115
4.1.4. <i>Os estudos em Teresina</i> .....	118
4.1.5 <i>Juventude e Escola em Ulisses</i> .....	119
4.2 Educação na obra de O. G. Rego: diálogo intertextual e espaço social.....	120
<b>4.3 Rio Subterrâneo: educação, capacidade intelectual e desenvolvimento de valores</b> .....	<b>121</b>
4.3.1 <i>Aspectos sociais</i> .....	124
4.3.2 <i>Literatura e música</i> .....	125
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
6 REFERÊNCIAS.....	128
7 ANEXOS.....	138

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar a educação piauiense com foco na relação entre história, memória, literatura e educação a partir das obras do escritor Orlando Geraldo do Rego de Carvalho<sup>1</sup> (1930 - 1979), importante literato piauiense, natural da cidade de Oeiras. Escritor, membro da Academia Piauiense de Letras, bacharel em direito, professor e funcionário público do Banco do Brasil.

Investigando sobre sua produção literária observou-se que o escritor teve uma intensa atuação intelectual na sociedade piauiense e na esfera nacional com informações da repercussão de seu nome em revistas estrangeiras especializadas em literatura. No campo da educação, inicialmente chamou atenção as diversas indicações de suas obras como referência obrigatória para os concursos vestibulares nas universidades públicas do Piauí. Ao iniciar a pesquisa de forma mais sistemática e analisar a vida e obra de O. G. Rego de Carvalho, percebeu-se que havia diferentes aspectos que o ligavam à história da educação. Assim, as fontes encontradas demonstravam a importância da realização de um estudo tomando o escritor como sujeito da pesquisa.

Ao considerar o escritor O. G. Rego de Carvalho como pertencente à categoria de *intelectual*, faz-se necessário discutir sobre o uso deste termo que é polissêmico, portanto, o conceito pode variar de acordo com o tempo e o sentido que lhe é atribuído. A esse respeito, Norberto Bobbio destaca que:

O nome é relativamente recente, mas o tema é antigo. De fato, o tema é habitualmente introduzido quando se pretende falar do problema da iniciação (ou da falta de incidência) das ideias sobre a conduta dos homens em sociedade, e em especial dos governantes presentes ou futuros, com particular referência a um sujeito específico, considerados como criadores, portadores, transmissores de ideias, que desde há um século são normalmente chamados de ‘intelectuais’ (Bobbio, 1997, p. 109).

Neste sentido, tomam-se por referência os estudos de Vieira (2008; 2015) cujos estudos procuram fazer uma reflexão do tema *intelectual e educação* apoiando-se em autores e textos que possibilitam entender o papel e o lugar social ocupado pelos sujeitos denominados de intelectuais. Em seus estudos, o autor procura demarcar as discussões a respeito dessa

---

<sup>1</sup> O escritor assinava seus livros e ficou conhecido como O. G. Rego de Carvalho, portanto, será esta a nomenclatura que será adotada neste trabalho.

questão no Brasil, mostrando que no campo da história da educação há uma significativa tradição de estudos acadêmicos sobre o tema dos *intelectuais e a educação*.

Feito essas considerações, esta pesquisa parte de uma questão central: Quais aspectos abordados nas obras de O. G. Rego de Carvalho podem ser relacionados à história e memória da educação no Piauí? Com a finalidade de discutir esse ponto definiu-se os objetivos do trabalho: conhecer o escritor e sua obra; entender o lugar social ocupado pelo escritor piauiense no meio literário local e nacional; identificar os aspectos educacionais presentes nas obras de O. G. Rego de Carvalho; investigar a colaboração do escritor com a educação por meio do uso de suas obras nas escolas e concursos vestibulares.

Considerando as fontes o recorte deste trabalho tem início em 1940, ano em que foram localizadas as primeiras produções textuais de O. G. Rego quando tinha 10 anos de idade e escrevia para o mensário escolar, *O Fanal*, na cidade de Oeiras, estendendo-se até o ano de 1979. A opção de abarcar este período temporal leva em consideração que este intervalo abrange o momento de iniciação e consolidação do escritor no meio literário com as publicações de suas obras de maior renome. Por outro lado, também é preciso considerar que estender o recorte demandaria maior tempo para localizar e analisar outras fontes e sistematizar a escrita, o que seria complicado em virtude do prazo estabelecido para a finalização deste estudo. Contudo, vale ressaltar que este recorte não esgota a atuação do literato piauiense e pode ser retomado em pesquisas futuras.

As fontes que estão sendo acionadas nesta pesquisa são variadas: jornais e revistas que foram localizadas no Arquivo Público do Estado do Piauí, no site Memória do Jornalismo Piauiense<sup>2</sup> e na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.<sup>3</sup> Além dos periódicos também está sendo utilizada uma obra autobiográfica “Como e porque me fiz escritor”, assim como outros escritos do autor e uma biografia de autoria Kenard Krueel, “O. G. Rego de Carvalho Fortuna Crítica”. O trabalho vale-se ainda de outras fontes de informações, a exemplo de sites eletrônicos que publicaram notícias sobre a vida e obra do literato piauiense, livros, artigos, teses e dissertações que trazem informações que auxiliem na produção deste estudo.

No que diz respeito às publicações sobre sua vida e obra podem ser mencionadas as seguintes<sup>4</sup>: *Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, de Francisco Miguel de Moura; *O. G. Rego de Carvalho Fortuna Crítica*, de Kenard Krueel; *Rio Subterrâneo – Estrutura e Intertextualidade*, de Maria Gomes Figueiredo dos Reis; *O mundo Degradado de Lucínio*, de

---

<sup>2</sup> Endereço do site memória do jornalismo piauiense < <http://memoriadojornalismopi.com.br/> >.

<sup>3</sup> Endereço do site da Biblioteca Nacional <https://www.gov.br/bn/pt-br>.

<sup>4</sup> Fonte e registro livro *Ulisses entre o Amor e Morte* (Carvalho, 2013, p.99).

Francisco C. Rios. Além desses livros, o nome do escritor piauiense consta em sete dicionários<sup>5</sup>, dentre estes: *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega* (publicado em Portugal) e *Dictionary of Contemporary Brazilian de Authors*, de Devid William Foster, editado nos Estados Unidos. O nome de O. G. Rego também consta em mais de doze livros e enciclopédias, eis algumas dessas obras<sup>6</sup>: *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, de Afrânio Coutinho; *História da Literatura Brasileira*, de Massaud Moisés e *Enciclopédia Barsa Universal* (Redator-Chefe: Antônio Callado , editora Planeta).

No que se refere a trabalhos acadêmicos foram localizados: *Literatura e cinema: a convergência de sistemas semióticos em Ulisses entre o Amor e a Morte*, de O. G. Rego de Carvalho, de autoria de Antônio José Fontenele da Silva (mestrado em Letras - Universidade Estadual do Piauí, ano 2019); *O. G. Rego de Carvalho e a escrita dos ressentimentos: uma história de sensibilidades*, de autoria de Natália Ferreira de Sousa (mestrado em História - Universidade Federal do Piauí, ano 2021), *A letra e o tempo: a escrita de O. G. Rego de Carvalho entre a ficção e a história da literatura*, de autoria de Pedro Pio Fontenele Filho (doutorado em História - Universidade Federal do Ceará, ano 2016).

Se por um lado, na escrita da história, trabalhar com fontes diversas pode enriquecer bastante o trabalho, por outro, demanda do investigador atenção quanto as especificidades na operação que cada uma delas demanda. A esse respeito Certeau escreve que:

Em história, tudo começa com o gesto de reunir, de transformar em separar, “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em tais documentos, produzir pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto (Certeau 1982, p. 81)

O autor explica que “não se trata apenas de fazer falar estes ‘imensos setores adormecidos da documentação’ e dar voz a um silêncio, ou efetividade a um possível. Significa transformar alguma coisa, que tinha sua posição e seu papel, em alguma *outra coisa* que funciona diferentemente” (Certeau, 1982, p. 83).

Le Goff (2013, p. 111), alerta para o fato de que nenhum documento é inocente, portanto, o historiador deve ser capaz de analisar e avaliar sua credibilidade. “Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado [...]. Os documentos só

---

<sup>5</sup> Informações obtidas no livro *Ulisses entre o Amor e a Morte*, p.99-100.

<sup>6</sup> Informação 15ª edição de *Ulisses Entre o Amor e a Morte*, p.99-100.

passam a ser fontes históricas depois de estarem sujeitos a tratamentos destinados a transformar a sua função de mentira em confissão de verdade.

O trabalho do pesquisador consiste assim em localizar, reunir, selecionar, interrogar e acionar as fontes. Assim, entendido é preciso desconfiança das fontes, essa desconfiança pode levar a diversas ações a fim de confirmá-las ou refutá-las. Utilizar-se de fontes diversas e quando for possível fazer o cruzamento das informações é um dos caminhos possíveis. Contudo, ao operar com diferentes tipos de fontes é necessário considerar que metodologicamente cada documento tem suas próprias características o que demanda diferentes métodos de análise.

Os jornais e revistas, por exemplo, configuraram-se como importantes fontes para a história da educação e têm sido muito utilizados por historiadores interessados em desvelar diferentes aspectos do passado. No entanto, é preciso considerar alguns procedimentos metodológicos que norteiam o trabalho com esse tipo de fonte. Assim, para analisar as fontes periódicas este trabalho procurou seguir as orientações metodológicas apresentadas por Tania Regina de Luca que adverte sobre a necessidade do pesquisador observar dentre outros aspectos qual grupo é responsável pela publicação, quem são os colaboradores, a que público se destina, qual destaque foi dado à notícia, dentre outros elementos que implicam no que foi publicado (Luca, 2008, p. 140). Portanto, o investigador deve estar ciente das condições de produção e circulação dos jornais e revistas para saber interrogá-los conscientemente.

Compreendido esses aspectos metodológicos, a imprensa configura-se como um importante meio de conhecimento de diversos aspectos do passado. Sousa (2020, p. 17), em importante estudo sobre as “*instituições escolares no Piauí em páginas de jornais (1961 a 1971)*” fez o seguinte relato sobre o uso da imprensa como fonte:

Compreendi que, por intermédio da imprensa, podem-se encontrar vários discursos educacionais de professores, diretores, alunos, membros da sociedade, governantes e estudiosos, e obter a leitura da educação de um período específico, com riqueza de detalhes, uma vez que é contada por pessoa que a vivenciaram em seus diversos aspectos (Sousa, 2020, p. 17).

Neste sentido, ressalta-se que por meio dos jornais e revistas encontram-se muitas informações sobre O. G. Rego de Carvalho, desde a infância até seu amadurecimento como escritor. Através dessas fontes observa-se o processo de produção, publicação e circulação de seus livros na sociedade e nas escolas, também há notícias sobre a recepção, as críticas e os elogios às suas obras. O uso dessas fontes amplia a visão da história da educação vista em um quadro social onde se percebe a repercussão da educação e da literatura na imprensa que por sua vez estão diretamente ligadas ao contexto.

Sobre o uso da literatura como fonte para a história Levillain faz a seguinte observação:

Quer se alimente de mitos, notadamente no teatro, quer invente seus personagens ou os tome emprestados da História, no domínio romanesco, a Literatura responde sempre a uma interrogação sobre a identidade do homem através do tempo e à necessidade de não deixar perder nada de sua essência por trás da mobilidade das aparências (Levillain, 2003, p. 154).

A esse respeito, é preciso lembrar que a relação entre história e literatura é estudada do ponto de vista da memória. Halbwachs (2006, p. 100), define história e memória da seguinte forma: “a história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens”. A memória, ao contrário da história, é capaz de redimir, de transformar o passado em presente. Assim, a história é um produto do homem, já a memória é um produto do homem e da sociedade. Sobre a história de um período, de uma sociedade e de uma pessoa, Halbwachs expressa:

A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam alguma lembrança. Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo [...], então o único meio de preservar essas lembranças é fixá-los por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem (Halbwachs 2006, p. 101).

No entanto, é importante lembrar que a memória deve ser tratada com atenção pelo historiador, uma vez que é do presente que se “volta ao passado”, dessa forma, as lembranças são influenciadas pelas demandas do presente e podem ser reformuladas. “Algumas lembranças reais juntam-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias” (Halbwachs, 2006, p. 32). Por esta linha de pensamento, compreende-se que ao estudar a memória individual é possível encontrar elementos da memória coletiva.

Quanto à autobiografia, não há uma definição única para este gênero literário, mas para efeito da discussão neste trabalho utiliza-se como referência Lejeune (2008, p. 14), que define esse tipo de texto como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade.”

Ao utilizar-se destas variedades de fontes para falar da trajetória de vida do escritor O. G. Rego de Carvalho, tomou-se como referência o texto, “*A ilusão biográfica*” de Pierre Bourdieu, por considerar importante o que adverte o autor quando explica que uma vida não é “uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não

aquela de um nome próprio” (Bourdieu, 2008, p. 81). Com isto, o autor chama atenção para a necessidade de compreender o indivíduo a partir de suas relações sociais.

Neste sentido, para Chartier (1990, p. 16-17), a história cultural “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada e dada a ler”. Para o autor essa tarefa pressupõe vários caminhos:

O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreensão do real. Variáveis consoantes as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidos pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo (Chartier, 1990, p. 17).

Deste modo, este estudo tomando por referência o escritor O. G. Rego de Carvalho, busca discutir por meio de seus escritos sua percepção do mundo social, ao mesmo tempo, em que por meio de fontes, tais como: notícias de jornais e revistas, livros de críticas e trabalhos acadêmicos produzidos sobre a vida e obra do autor é possível perceber a representação social construída a respeito do literato piauiense. A noção de representação apoia-se nos trabalhos de Chartier (1990, p. 17) entendida como “esquemas intelectuais incorporados que criam figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço a ser decifrado”.

A partir da perspectiva da Nova História Cultural os pesquisadores têm cada vez mais se preocupados com sentimentos, emoções, opiniões de homens e mulheres e com suas experiências da mudança social. A história dos intelectuais “também tem deslocado sua atenção dos grandes livros ou das grandes ideias – seu equivalente aos grandes homens – para a história das mentalidades coletivas ou para a história dos discursos ou linguagens” (Burke, 2011, p. 13). É, portanto, é com base na perspectiva teórico-metodológica da Nova História Cultural que este trabalho está sendo desenvolvido. O texto foi organizado em três partes:

O primeiro capítulo, “Como e porque me fiz escritor: a trajetória de O. G. Rego de Carvalho,” apresenta informações sobre a vida e obra do escritor com destaque para as memórias escolares (06 anos); as produções de textos no espaço da sala de aula; publicações no jornal da escola (10 anos); o perfil familiar; a metodologia da professora do primário (tia Julinha); a decisão de ser escritor; quadro com as notas escolares; anotação no Livro de Consulentes da Biblioteca de Oeiras (16 anos); recusas dos jornais em publicarem os textos; as primeiras publicações de contos em jornais e revista de circulação nacional, e a importância da Revista Caderno de Letras Meridiano para divulgação e publicação da literatura do estado; as

publicações das obras; as reedições dos livros; a recepção dos leitores; a repercussão na imprensa nacional e internacional; e a análise dos críticos literários.

O segundo capítulo, “O romancista de Oeiras: entre o local e o nacional”<sup>7</sup>. Neste capítulo, discute-se a consolidação de O. G. Rego como escritor; a inserção das obras do romancista nas instituições de ensino do país com destaque às fontes que noticiaram a adoção dos livros nos estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e no Distrito Federal; a inclusão de suas obras nos exames vestibulares das universidades do estado do Piauí; a atenção do estado em proporcionar curso de literatura piauiense; o cuidado dos professores com a elaboração e divulgação de resumos e questões nos jornais, com foco nas obras de O. G. Rego; e a repercussão, na imprensa, após a opinião do escritor sobre a criação da Faculdade de Filosofia do Piauí.

O terceiro capítulo, “Literatura, sociedade e educação”. Discorre sobre a representação do espaço escolar no livro *Ulisses entre o Amor e a Morte*; o percurso formativo da professora Júlia Carvalho que o escritor imortalizou no livro *Ulisses*; educação, capacidade intelectual e desenvolvimento de valores, na obra *Rio Subterrâneo*; dentre outros que norteiam a compreensão do contexto educacional da época.

---

<sup>7</sup> A expressão “entre o local e o nacional” é um indicador preciso da posição de O. G. Rego, destaca não apenas sua inserção e aceitação em diferentes partes do Brasil, mas também enfatiza o impacto duradouro de suas obras nos domínios educacionais e culturais.

## 2 COMO E PORQUE ME FIZ ESCRITOR:<sup>8</sup> A TRAJETÓRIA DE O. G. REGO DE CARVALHO

Há quem diga que se deve conhecer o autor através de suas obras, mas acho que um pouco de conhecimento da vida do autor ajuda também a compreender sua obra.

*O. G. Rego de Carvalho*

Este capítulo apresenta algumas passagens da trajetória de vida do escritor O. G. Rego de Carvalho. Para este propósito é importante destacar que neste estudo, compreende-se que uma vida não é “uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não aquele de um nome próprio” (Bourdieu, 2008, p. 81). Ao analisar uma vida é preciso levar em consideração as estruturas e as relações existentes no trajeto. É, portanto, neste sentido que se busca compreender a vida e obra do sujeito desta pesquisa. A análise se estende além dos eventos isolados, visando capturar a complexidade das influências e experiências que moldaram o curso dessa trajetória singular.

Nesta secção, será utilizada como fonte a autobiografia intitulada “*Como e porque me fiz escritor*” (2014); a biografia “*O. G. Rego de Carvalho – Fortuna crítica*” de autoria de Kenard Krueel (2007); além de textos de jornais e revistas que apresentam informações sobre a vida e obra do autor.

O escritor Orlando Geraldo do Rego de Carvalho é natural da cidade de Oeiras - PI, tendo nascido na data de 25 de janeiro de 1930, filho de José do Rego de Carvalho e Aracy Carvalho. Aos seis anos de idade começou a estudar na escola Armando Burlamaqui<sup>9</sup>. Residiu em Oeiras até os doze anos quando deixou sua cidade natal para morar em Teresina-PI. Na capital deste estado, estudou nas escolas: Grupo Escolar Engenheiro Sampaio<sup>10</sup>; Colégio São Francisco de Sales - Diocesano<sup>11</sup> e no colégio Zacarias de Góis (Liceu Piauiense)<sup>12</sup>. Em 1950

<sup>8</sup> Título do livro autobiográfico do autor.

<sup>9</sup> A escola Armando Burlamaqui fica situada na rua Miguel Oliveira, sn - centro, Oeiras – PI. “A Escola Agrupada Armando Burlamaqui foi criada em 1938” (Reis, 2009).

<sup>10</sup> Avenida Campos Sales – centro – Teresina - PI.

<sup>11</sup> Rua Barroso, 363 - Praça Saraiva – centro – Teresina - PI. Colégio So Francisco de Sales mais conhecido como Diocesano, foi “inaugurado em 25 de março de 1906” (Mendes, 2012, p. 152).

<sup>12</sup> Rua Benjamin Constant, 1125 – centro – Teresina - PI. O Liceu Piauiense criado “pelo decreto nº 63, 14 de dezembro de 1896, assinado pelo governador Raimundo Arthur de Vasconcelos” (Mendes, 2012, p. 144).

entra para a Faculdade de Direito do Piauí. Neste período, também passa a lecionar Literatura e Língua Portuguesa no colégio Zacarias de Góis, o Liceu Piauiense (Carvalho, 2016).

Figura 1 - O. G. Rego de Carvalho (1967)



Fonte: Carvalho (2013, p. 7).

O título deste capítulo e a epígrafe, apresentada no início, advertem o leitor para a importância de se conhecer um pouco da vida do autor para compreender sua obra. Neste sentido, o trecho seguinte retirado do livro *Como e Por que me Fiz Escritor* é bastante esclarecedor para os objetivos desta pesquisa.

Esse tema como e por que me fiz escritor não é novidade. Já no século passado, José de Alencar escreveu um livro - que não li chamado “Como e por que sou romancista”. José de Alencar escreveu esse livro para contestar a crítica que se fazia a ele, dizendo que era um escritor poético. José de Alencar não gostava dessas comparações, não. E dizia: “Eu sou é romancista, eu sou é prosador” - quando eu acho que chamar um prosador de poeta é um dos maiores elogios que se possa fazer, porque em geral os prosadores se inspiram nos poetas e quando o romancista serve de inspiração para outros escritores, outros poetas, é porque também é poeta (Carvalho, 2014, p. 15).

Assim como o escritor José de Alencar que escreveu texto em prosa e se incomodava

em ser classificado como escritor poético<sup>13</sup>, O. G. Rego também conviveu com isso, além de ser considerado autobiográfico. Por conseguinte, José de Alencar e O. G. Rego respectivamente escreveram: *Como e por que sou romancista* e *Como e por que me fiz escritor*. A escrita autobiográfica permite ao sujeito apresentar uma versão dos fatos e acontecimentos vividos.

Compreende-se que a história de um período ou de uma pessoa está associada à memória coletiva. Em vista disso, “a necessidade de escrever a história de um período, [...] e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam lembrança” (Halbwachs 2006. p. 101).

Isso pode ser percebido, por exemplo, quando o escritor O. G. Rego lembra o seu primeiro dia de aula, aos seis anos de idade, na escola Armando Burlamaqui, em Oeiras-PI. “O menino tímido adentra a sala de aula conduzido pela mão firme da professora. Já lê e escreve, pois, essas coisas em Oeiras de antigamente aprendiam-se em casa, senta-se calado e observa atentamente a mestra” (O Dia, 1970 *apud* Kruehl, 2007 p.10). Ainda sobre o primeiro dia de aula há outra informação interessante no espaço da sala de aula.

Senta se calado e observa atentamente a mestra. – “Agora, meninos, escrevam seus nomes na primeira página do caderno”. Reboleço na sala. O menino tímido continua com olhar distante. – “Vamos Geraldo escreva seu nome”. Insiste. O menino continua quieto. Impaciente, a professora dirige-se ao quadro negro e com letra caprichada traça à giz – “Orlando Geraldo do Rêgo de Carvalho”. O menino hesita ainda um pouco, mas logo se decide e segue o exemplo no seu próprio caderno”. – “Agora meninos, leiam os nomes que escreveram nos cadernos”. Um por um, os alunos lêem os nomes. Estupefação de mestra - todos escreveram “Orlando Geraldo do Rêgo de Carvalho”, relata Igor Achatkin (O Dia, 1970 *apud* Kruehl, 2007 p.10).

Esse relato, sobre o primeiro dia de aula de O. G. Rego, mostra que antes de entrar para a escola o aluno já sabia ler e escrever o que evidencia a preocupação e os cuidados da família com a educação da criança. Neste sentido, Ferro (1996) em estudo sobre a educação no Piauí durante as primeiras décadas do período republicano observa, “nesta época, de forma enfática, a responsabilidade das famílias sobre a escolarização dos filhos. Em muitos casos as primeiras letras eram ensinadas no próprio ambiente doméstico por pais, parentes ou

---

<sup>13</sup> A expressão escritor poético vai além da simples comunicação de informações. Foi usada porque o autor utiliza recursos como figuras de linguagem e imagens sensoriais, criando assim um texto que desperta emoções e reflexões no leitor.

professores contratados pela família” (Ferro, 1996, p. 91). Assim, ao chegar à escola pela primeira vez, O. G. Rego já tinha sido alfabetizado por sua mãe no âmbito doméstico.

Corroborando com os estudos realizados por Ferro, Vasconcelos (2005), esclarece: “No Brasil, até o início do século XX, a educação doméstica era uma prática comum [...], não só para a formação elementar, ou seja, para o ensino da leitura, escrita e contas, mas também para o ensino dos conhecimentos, que eram considerados fundamentais à época”, (Vasconcelos 2005, p.15). Continuando essa observação a autora ainda informa: “os meninos, na maioria das vezes, iniciavam sua educação no âmbito doméstico e, posteriormente, eram encaminhados para uma das instituições escolares existentes” (Vasconcelos 2005, p.15).

Na escola Armando Burlamaqui, onde o escritor iniciou sua vida escolar, teve como primeira professora sua tia Julinha que incentivava os alunos a escreverem para o mensário escolar, *O Fanal*. Nesse jornal escolar o então aluno Orlando Geraldo do Rego de Carvalho teve três textos publicados: *Descoberta da América*; *Bandeira Brasileira* e *A Feira*.

Figura 2 - O. Rego de Carvalho quando criança



Fonte Kruehl (2007, p. 86)

A imagem acima representa o escritor O. G. Rego quando tinha aproximadamente oito anos, na cidade de Oeiras. Portanto, é sobre esse período que o romancista narra, através de

memórias, nos capítulos *Viagem de cura* e *A Selga*, do livro *Ulisses*, os momentos de dor por consequência da doença do pai e logo em seguida a morte do mesmo.

Retornando ao jornal *Fanal*, periódico que publicou os primeiros textos de O. G. Rego, que era um mensário produzido pelos alunos do Grupo Escolar Costa Alvarenga<sup>14</sup> e das Escolas Agrupadas Armando Burlamaqui. Sobre este periódico, em 1943, *A Gazeta do Piauí*, informava que esse jornal era de propriedade do Coronel Orlando Barbosa de Carvalho, prefeito da cidade de Oeiras, sendo também o responsável pela redação e direção daquela folha escolar. Na ocasião, *A Gazeta do Piauí*, também noticiou: “O *Fanal* que tinha a sua confecção confiada à oficina desta capital está agora sendo editado em oficina própria e é bastante variado” (As visitas (...), 1943, p. 9). *A Gazeta do Piauí* ainda explicou o seguinte sobre o *Fanal*.

Temos sobre a nossa banca de trabalho o nosso coleguinha *Fanal*, órgão do Grupo Escolar “Costa Alvarenga” e das Escolas Agrupadas “Armando Burlamaqui”, de Oeiras, e que obedece à redação, direção e propriedade do Sr. Coronel Orlando Barbosa de Carvalho, Prefeito daquela localidade (As visitas (...), 1943, p. 9).

Sobre o *Fanal*, periódico que fez parte de sua vida escolar e se configurou como primeiro veículo de divulgação de seus escritos, O. G. Rego de Carvalho fez o seguinte registro:

Pois bem. De Oeiras, com a morte de meu pai, nós nos transferimos para Teresina. Não havia educandários superiores em Oeiras. Mas lá, em Oeiras, eu tive minha primeira manifestação escrita, não vou dizer como escritor, que um menino de 10 anos não é escritor, essa é a verdade. A Professora da minha escola nos fazia escrever trabalhos, e meu avô, que era Prefeito Municipal, tinha um jornal chamado “*Fanal*” – *Fanal* quer dizer *Farol* – dedicado exclusivamente à publicação de trabalhos de alunos das duas escolas Municipais de Oeiras (Carvalho, 2014, p. 22-23).

É importante observar que esse jornal era de propriedade do prefeito da cidade e destinado a publicação de alunos das duas escolas da cidade. Essa informação é relevante por mostrar, pelo menos neste caso, que havia interesse do poder público municipal em incentivar a produção da escrita na escola. Conforme noticiou *A Gazeta do Piauí*, houve por parte do prefeito, que era avô de O. G. Rego, um segundo investimento que foi a aquisição de uma oficina própria para edição autônoma daquela folha escolar, o que leva a pressupor que as publicações do *Fanal* podem ter sido ampliadas a partir desse período.

---

<sup>14</sup> Fundado em 1929.

Por outro lado, considerando os laços de parentesco entre o prefeito que era proprietário e incentivador do jornal escolar e o sujeito desta pesquisa, é possível pensar que o neto, sentia-se incentivado tanto pelo avô como pela professora (sua tia), conforme já foi relatado pelo autor, o que possivelmente influenciou no início de sua vida escolar e em seu trajeto de futuro escritor.

Mesmos após a notoriedade de suas obras, O. G. Rego manteve guardado em sua memória as lembranças do início da vida escolar. “Eu me lembro de que o primeiro trabalho escolar que eu publiquei foi até um artigo de fundo sobre o descobrimento da América e terminava de uma forma que já antevia o escritor dramático que eu havia de ser” (Carvalho, 2014, p. 23). E continuando com as lembranças do cotidiano escolar, O. G. Rego descreve a sua primeira produção textual, “*O Descobrimento da América*” que foi publicada pelo jornal *Fanal*.

Eu dizia assim, no fim, que Colombo, apesar de ter levado o ouro da América para o reino da Espanha, tinha morrido pobre e abandonado por todos. Essa tônica, Colombo pobre e abandonado por todos, que não deixa de ser uma forma de romantismo, já eu tinha aos 10 anos de idade, sem consciência de que ia ser escritor (Carvalho 2014, p. 23).

Portanto, o texto que o escritor descreveu traz marcas do Romantismo<sup>15</sup>, estilo que posteriormente acabou influenciando suas produções literárias. O escritor esclarece que o conteúdo do texto escrito aos 10 anos não é incoerente, mas já apresentava características que mais tarde foram confirmadas na prosa desenvolvida em seus textos.

Além destas informações sobre sua primeira publicação na época de estudante, quando cursava o 2º ano do ensino primário, na escola Armando Burlamaqui, foi localizado na íntegra, no *Fanal*<sup>16</sup>, o texto intitulado de *A Feira*, abaixo está a transcrição deste.

O sábado é o dia destinado à FEIRA, em Oeiras. Desde a véspera, na sexta-feira, os matutos começam a chegar, com os ceriaes<sup>17</sup>, frutas, ovos, galinhas, e tudo, em fim para a venda no Mercado, no dia seguinte. É um dia de festa na cidade. Esta fica movimentada; o comércio se intensifica, e desde as creanças<sup>18</sup> até os velhos, correm pressurosos para o mercado público, uns por curiosidade e outros para fazerem as compras do que precisam, para a semana a entrar. Aqui e ali, ouve-se o som das harmônicas e a cantilena fanhosa dos pedintes e dos que apregoam as suas mercadorias. Gósto muito do dia de sábado (Carvalho, 1940, p. 8).

---

<sup>15</sup> Romantismo foi um movimento literário que surgiu na Europa no século XVIII, enfatizava a subjetividade, o sentimentalismo e o nacionalismo.

<sup>16</sup> Fanal significa farol.

<sup>17</sup> Ceriaes como está escrito no texto, a intenção do autor era escrever cereais.

<sup>18</sup> Creanças como está escrito no texto do jornal, a intenção do autor era escrever crianças.

Nesse texto, O. G. Rego faz uso da escrita no periódico escolar para comunicar ou expressar emoções, transmitindo assim a história do cotidiano de sua cidade, ou seja, escreve sobre a realidade dos fatos. Chama atenção que o assunto escolhido não se refere ao cotidiano escolar, mas ao dia-a-dia da cidade. Através dessa publicação escolar é possível perceber aspectos do contexto social, político e econômico em que o pensamento de O. G. Rego começa a se desenvolver. No texto o estudante narra fatos de forma descritiva sobre os acontecimentos da feira da cidade, que acontecia aos sábados. O gênero textual que o estudante adotou foi a crônica, nesse tipo de texto, destacam-se situações do cotidiano.

O texto *A Feira*, apresenta elementos interessantes sobre os costumes, cultura e modo de vida das pessoas da cidade, através da percepção de uma criança de 10 anos de idade. Na próxima imagem tem-se O. G. Rego e sua irmã Anália, um registo feito quando o romancista tinha aproximadamente a idade em que escreveu o texto *A Feira*.

Figura 3 - O. G. Rego e sua irmã Anália



Fonte: (Criador [...], 2023)

Sobre o gênero crônica, classificação do texto *A Feira*, o professor José d' Assunção Barros destacou que a crônica como fonte apresenta vínculo com outros textos, ou seja, “o que há em comum entre os ‘textos jornalísticos’, [...] as ‘crônicas’ propriamente ditas e, finalmente, a própria ‘historiografia’ [...] é seu vínculo em maior ou menor medida com a realidade efetiva” (Barros, 2019, p.103). Dessa forma, ao observar o conteúdo de “*A Feira*”, este remete o leitor

ao cotidiano da cidade. Sobre os registros escritos, produzidos por um escritor que pode fornecer informações sobre um período, ou seja, a “fontes literárias” e também “fontes realistas”. A esse respeito, Barros (2019) observa o seguinte.

O que distingue das “fontes literárias” os tipos de textos que categorizaremos como “fontes realistas” - uma designação com a qual devemos sintonizar a própria “historiografia” - é o fato de que estes textos, de modo geral também autorais, pretendem se referir de alguma maneira à realidade, não se tratando de pura ficção ou criação livre. [...]. Esses vários tipos de fontes realistas dependem muito claramente de produzir um forte efeito de realidade. Não se trata somente de fazer o leitor, no momento em que lê o texto, ter a sensação de que o que está sendo narrado está acontecendo, como fazem os escritores de ficção com tanta habilidade. Trata-se, rigorosamente falando, de deixar no leitor uma impressão de realidade que perdure, particularmente depois que ele já fechou o livro ou abandonou a leitura (Barros, 2019, p.103).

Assim, o texto escolar de O. G. Rego pode ser considerado uma representação da realidade local. É importante observar que ao elaborar o texto “*A Feira*”, o aluno atendia duas exigências: a publicação no jornal *Fanal* e a atividade da aula de Língua Portuguesa, proposta pela professora. Portanto, não foi por acaso que o autor procurou adequar-se ao gênero textual mais comum nos jornais e revista. Dessa forma, o *Dicionário de Termos Literários*, diz que [...] “a crônica de feição moderna, via de regra publicada em jornal ou revista, e muitas vezes reunida em volume, concentra-se num acontecimento diário que tenha chamado a atenção do escritor, e semelha à primeira vista não apresentar caráter próprio ou limites muito precisos” (Moisés, 2013, p.112). Ainda segundo Massaud Moisés, a crônica quando relacionada à literatura:

[...] “classifica-se como expressão literária híbrida, ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria, necrológio, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo, de personagens reais e/ou imaginárias, e análise dessas várias facetas permite inferir em torno que a crônica constitui o lugar geométrico entre a poesia (lírica) do sempre a visão pessoal, subjetiva, ante etc. A um fato qualquer do cotidiano, a crônica estimula a veia poética do prosador; margem a que este revele dotes de contador de histórias” (Moisés, 2013, p. 112).

A temática de “*A Feira*” retrata as tradições e costumes da cidade de Oeiras-PI, bem como o encontro de diferentes classes sociais que é simbolizado pelas pessoas que participam desse evento. Usando fatos, o autor alegoriza ou simboliza questões sociais que refletem sobre a história, reinterpretando-a e criando contexto para o ambiente descrito, característica do

cronista. “A partir do Renascimento<sup>19</sup> (séc. XVI), o termo crônica passou a ser substituído por História (...), para que a crônica ganhe foros estéticos, há de prevalecer o poder de recriação da realidade sobre o de mera transcrição” (Moisés, 2013, p.112).

Assim, o referido texto pode ser compreendido como narrativa de memória, busca evocar lembranças e experiências pessoais ou coletivas. Além de comunicar o contexto histórico de um assunto em particular, mas também contém elementos literários, com estilo marcado pela utilização de descrições detalhadas que criam um ambiente realista e emocionalmente envolvente. O. G. Rego, no texto “*A Feira*”, fazendo uso do gênero crônica, relata, documenta fatos e acontecimentos. Assim, registra a história escrita e possibilita ao leitor o conhecimento do passado.

Para Benjamin (1996, p. 209), “a história escrita se relacionaria com as formas épicas como a luz branca com as cores do espectro” [...]. Neste sentido, a relação da forma épica com a história escrita permite à narrativa histórica viver a realidade. Ainda segundo Walter Benjamin.

Como quer que seja, entre todas as formas épicas a crônica é aquela cuja inclusão na luz pura e incolor da história escrita é mais incontestável. [...] escreve a história, o historiador, e quem a narra, o cronista. O historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo. É exatamente o que faz o cronista, especialmente através dos seus representantes clássicos, os cronistas medievais, precursores da historiografia moderna (Benjamin, 1996, p. 209).

Considerando que as informações fundamentais do texto literários são fatos que fornecem pistas para a compreensão da obra literária, Afrânio Coutinho expressou que os fatos literários do texto, “são as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido de vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida” (Coutinho, 2008, p. 24). Nesse sentido, a literatura tem uma importância na formação humana, pois a obra literária possibilita que se vivencie uma percepção de realidade.

O número em que *A Feira* foi publicado, no dia 31 de março de 1940, tinha oito páginas, era a edição n. 5 (Ano I) e apresentava as seguintes matérias: notícias sobre o recenseamento de 1940; nota de falecimento; informe com característica de prestação de contas da prefeitura de Oeiras; uma seção denominada de “*Fanal social*”, onde foram destaques as

---

<sup>19</sup> O Renascimento na literatura refere-se a um período de renovação, revitalização e mudanças significativas nas formas literárias e temáticas.

notícias da partida de estudantes oeirenses para Fortaleza - CE, Rio de Janeiro e Teresina a fim de prosseguirem seus estudos; felicitações de aniversários; notas fúnebres; um apólogo *O meu guarda-chuva*; <sup>20</sup> anúncios; notas sobre visitantes ilustres que passaram pela cidade; e por fim, as publicações dos alunos. O *Fanal* era vendido a 200 réis.

Encontra-se nesta publicação sete textos de alunos (páginas 07 a 08) na seguinte sequência: Perfil de uma coleguinha, de Benedito Oliveira, aluno do 2º ano; Oeiras, de Maria Siqueira, aluna do 3º ano; A Igreja do Rosário, de Benedita Costa, aluna do 3º ano; Brasil, de Hercília de M. B, aluna do 3º ano; A Escola, de José Hipólito, aluno do 1º ano; A Feira, de Orlando G. Rego de Carvalho, aluno do 2º ano; Perguntas e respostas recreativas, assinadas por vários alunos.

Figura 4 - primeira e última página do *Fanal* contendo o texto *A Feira*



Fonte: *Fanal* (1940)

Percebe-se, na edição analisada, que embora o mensário se intitulasse como um jornal escolar havia notícias diversas. Sobre este aspecto o *Fanal* informava que: “Não obstante ser, apenas, um pequeno estímulo de nossas escolas, fundado expressamente para os alunos tem,

<sup>20</sup> Texto sem autoria.

contudo, o prazer de noticiar em suas diminutas colunas, sempre que sobre espaço, os acontecimentos que mais de perto tocam à Oeiras” (Fanal, 1940, p. 3). No entanto, ao contrário do que era noticiado, na edição examinada as publicações dos alunos aparecem somente nas duas últimas páginas, indicativo de que apenas um pequeno espaço era destinado aos alunos naquela folha.

Constata-se que estimular a escrita na escola permite resultados importantes como o desenvolvimento da expressão e comunicação, pois a criança pode expressar suas ideias e sentimentos, sendo capaz de comunicar-se melhor com outras pessoas. Por isso, O. G. Rego sempre teve consciência da relevância do trabalho e metodologia desenvolvida por sua professora. “A professora da minha escola nos fazia escrever trabalhos” (Carvalho, 2014, p. 23). Nota-se que sua professora aplicava práticas que hoje são consideradas letramento. De acordo com Magda Soares, letramento é “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que se adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (Soares, 2009, p.18).

Vale ressaltar que na década de 1940, período em que o texto *A feira* foi publicado em Oeiras, no Piauí, já circulavam diversos periódicos. Vilanova (2022, p. 48), em estudo sobre a imprensa escolar no Piauí, informa que foi possível notar evidências da manifestação da imprensa periódica escolar no Piauí desde o final do século XIX. Por volta das décadas de 1930 e 1940, de modo geral, os periódicos exerciam um papel importante na população letrada. Nesse período, “as escolas também tomaram a iniciativa de motivar a produção de jornais e revistas tornando esses veículos parte da sua cultura, de modo que proliferaram em Teresina e em outras cidades que experimentaram um certo grau de desenvolvimento, como Parnaíba e Floriano” (Vilanova, 2022, p. 131).

A prática de produção de periódicos nas escolas deu-se nos diferentes níveis e modalidades de ensino. Escolas públicas, privadas, de ensino secundário ginasial, profissional e de ensino primário, aderiram à produção de veículos de notícias para dinamizar e propagar as atividades que desenvolviam, tomando os periódicos um importante elemento que era, ao mesmo tempo, um meio de os estudantes manifestarem suas distintas vozes e um recurso colaborador à sua formação (Vilanova, 2022, p. 131).

Quanto à formação cultural de O. G Rego, processo promovido por meio de interações sociais, da educação, da leitura e do contato com outras pessoas, o escritor expôs: “minha mãe era musicista. Esse ponto é particularmente importante para minha formação e na minha

formação de escritor. Mamãe gostava de tocar piano, bandolim - que é um instrumento local muito conhecido -, violão e harmonia” (Carvalho, 2014 p. 21).

A respeito do que foi apresentado no parágrafo anterior, Reis (2009, p. 72) em estudo sobre a história e memória da educação em Oeiras, no período de 1830 a 1950, relata que na primeira capital do Piauí, por volta do início do século XX, as mulheres começaram a participar com mais frequência da vida social da cidade. “A janela deixou de ser o limite entre sua casa, a rua e a igreja o espaço de suas aparições em público, embora os locais frequentados muitas vezes ainda fossem definidos pelo homem - seus pais, maridos ou irmãos”. A autora também destaca que neste contexto a educação das mulheres passou a ser complementada com a música - e os instrumentos preferidos pelas mulheres eram o violino, banjo e bandolim.

Distintas senhoras se ocupavam como professoras de música das moçoilas da cidade, chegando a formar grupos musicais como a bandinha “A Voz do Coração” organizada nos anos trinta por Dona Araci Carvalho, mãe do notável escritor O. G. Rego de Carvalho, além de dona Araci a cidade também contava com outras admiráveis musicistas (Reis, 2009, p. 72).

Em *Como e Porque Me Fiz Escritor*, o romancista lembra-se das aspirações da época que era criança. “Eu sou escritor por derivação, porque queria ser realmente era compositor” (Carvalho, 2014 p. 21-22). O. G. Rego tinha o sonho em aprender música com sua mãe.

Lá em casa, ela ensinava para uma turma de rapazes e moças oeirenses e para meus irmãos - éramos seis. Meus cinco irmãos mais velhos sabiam música; e eu, nada. Minha mãe não queria me ensinar, e eu perguntava quando iria aprender, e ela respondia que quando tivesse 10 anos de idade. E eu dizia: “Quando é que terei 10 anos? ”. Mamãe, para se livrar de mim, dizia, fazendo um risco na parede: “Quando você atingir esta altura aqui”. Todo dia eu me colocava nas pontas dos pés para ver se tinha alcançado aquela altura dos 10 anos para poder estudar música. Deixa que meu pai morreu antes disso, e mamãe se enlutou e não me ensinou música. E eu fiquei com esse ressentimento, até hoje, de não ter aprendido música, porque eu gostaria de ter sido compositor. Essa é que é a verdade. Eu sou escritor por derivação, porque queria realmente era ser compositor. Mas a musicalidade está empregada na forma como escrevo (Carvalho 2014, p.21 - 22).

Nesse trecho, O. G. Rego relata a não realização do sonho de aprender música em consequência da não concretização da promessa feita por sua mãe para ensiná-lo, em decorrência da morte de seu pai. Por essa razão sua mãe se enlutou e mudou-se para Teresina. Após a morte do pai, o pequeno escritor do *Fanal* e estudante da escola Armando Burlamaqui precisou deixar sua cidade natal, neste período, leu o primeiro livro de literatura “*O Guarani*”, de José de Alencar, aos 12 anos. Livro que segundo relato do próprio O. G. Rego, exerceu grade

influência sobre seu espírito. “Esse livro exerceu tanta influência em mim, que até hoje lhe devo muito. Primeiro, porque José de Alencar criou o chamado romance aberto, no Brasil” (Carvalho, 2014, p. 24). Ainda sobre a leitura do primeiro clássico da literatura, relata que ao ler “*O Guarani*” teve uma intuição que deveria ser escritor. “No romance aberto não existe uma diegese<sup>21</sup> com princípio, meio e fim bem definidos: os episódios sucedem-se, interpenetram-se ou condicionam-se mutuamente, mas não fazem parte de uma ação única e englobante” (Silva, 2007, p.724).

A influência de José de Alencar também se fez no estilo adotado por O. G. Rego, a obra aberta no gênero romance. E foi assim, que aos 12 anos de idade decidiu que queria ser escritor e começou a escrever um conto por semana: “Na verdade não eram contos. Eu desejava era escrever romances como José de Alencar tinha feito. Mas, como é que um menino de 12 anos de idade pode escrever romance, sem vivência, sem experiências literárias, sem leitura?” (Carvalho, 2014, p. 27). Percebe-se que desde muito cedo O. G. Rego tinha em mente o desejo de ser escritor.

Nessa época, já morando em Teresina, o autor de *A Feira*, dá continuidade a seus estudos em escolas da capital. A seguir mostrar-se-á um quadro ilustrativo que contém as notas escolares de O. G. Rego, elaborado a partir das informações que constam em sua biografia.<sup>22</sup>

#### Quadro 1: Notas escolas

ANO: 1942			
GINÁSIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE SALES			
EXAME DE ADMISSÃO			
DISCIPLINAS	NOTAS	DISCIPLINAS	NOTAS
Português Escrito	6	História do Brasil	10
Português Oral	6	Geografia	10
Aritmética Escrito	9		
Aritmética Oral	10		
Média final 8,8			
ANO: 1943			
GINÁSIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE SALES			
1ª SÉRIE GINASIAL			
DISCIPLINAS	NOTAS	DISCIPLINAS	NOTAS
Português	8,3	História do Brasil	8,4

<sup>21</sup> Os elementos diegéticos são aqueles que fazem parte desse mundo narrativo e são diretamente apresentados ou representados na história. Portanto, ao falar sobre “diegese no romance”, a ênfase está nos aspectos não românticos da narrativa, como enredo, personagens e desenvolvimento da história, sem a inclusão proeminente de relacionamentos românticos.

<sup>22</sup> Kruehl (2007).

Latim	9,1	Geografia Geral	8,8
Francês	7,1	Desenho	8,4
Matemática	8,9		
Média final 8,4			
ANO: 1944 GINÁSIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE SALES 2ª SÉRIE GINASIAL			
DISCIPLINAS	NOTAS	DISCIPLINAS	NOTAS
Português	8,1	História do Geral	9,1
Latim	9,8	Geografia Geral	9,1
Francês	8,5	Desenho	9,1
Matemática	9,0	Inglês	9,0
Média final 8,8			
ANO: 1945 LICEU PIAUIENSE 3ª SÉRIE GINASIAL			
DISCIPLINAS	NOTAS	DISCIPLINAS	NOTAS
Português	9,1	História do Geral	7,0
Latim	5,9	Geografia do Brasil	8,4
Francês	5,7	Desenho	7,6
Matemática	6,5	Inglês	6,3
Ciências Naturais	7,0		
Média final 7,0			
ANO: 1946 LICEU PIAUIENSE 4ª SÉRIE GINASIAL			
DISCIPLINAS	NOTAS	DISCIPLINAS	NOTAS
Português	9,6	História do Geral	8,4
Latim	6,9	Geografia do Brasil	6,9
Francês	6,7	Desenho	6,2
Matemática	6,4	Inglês	6,4
Ciências Naturais	8,1	Canto Orfeônico	6,2
Média final 7,1			
ANO: 1947 LICEU PIAUIENSE 1ª SÉRIE CURSO CLÁSSICO			
DISCIPLINAS	NOTAS	DISCIPLINAS	NOTAS
Português	9,6	História Geral	8,9
Latim	7,4	Geografia geral	9,4
Francês	6,5	Inglês	6,9
Matemática	6,3	Espanhol	6,8

Média final 7,7			
ANO: 1948			
LICEU PIAUIENSE			
2ª SÉRIE CURSO CLÁSSICO			
DISCIPLINAS	NOTAS	DISCIPLINAS	NOTAS
Português	9,8	História Geral	7,8
Latim	7,7	Geografia geral	9,3
Francês	6,7	Inglês	7,7
Matemática	9,0	Filosofia	7,2
Física	7,6	Química	7,9
Média final 8,0			
ANO: 1949			
LICEU PIAUIENSE			
3ª SÉRIE CURSO CLÁSSICO			
DISCIPLINAS	NOTAS	DISCIPLINAS	NOTAS
Português	8,7	História do Brasil	8,3
Latim	8,8	Geografia do Brasil	8,5
Física	9,6	História Natural	7,6
Matemática	7,6	Filosofia	7,7
Química	7,4		
Média final 8,2			

Fonte: (Kruel, 2007).

O quadro além de apresentar as escolas onde o escritor estudou, em Teresina, traz informações importantes sobre seu rendimento escolar, sendo possível observar quais disciplinas o estudante tinha maior rendimento, o que leva a pressupor que em alguns casos essas áreas do conhecimento fossem também as que o aluno tinha mais afinidade. De todo modo, constata-se que O. G. Rego de Carvalho sempre foi um estudante dedicado, que se esforçava para obter bons resultados. Seu empenho rendeu-lhe o reconhecimento de seus professores. Ao concluir, no Liceu Piauiense, o curso clássico, no ano seguinte em 1950, o diretor Agripino Oliveira, o convidou para lecionar as disciplinas Língua Portuguesa e Literatura (Kruel, 2007, p. 15).

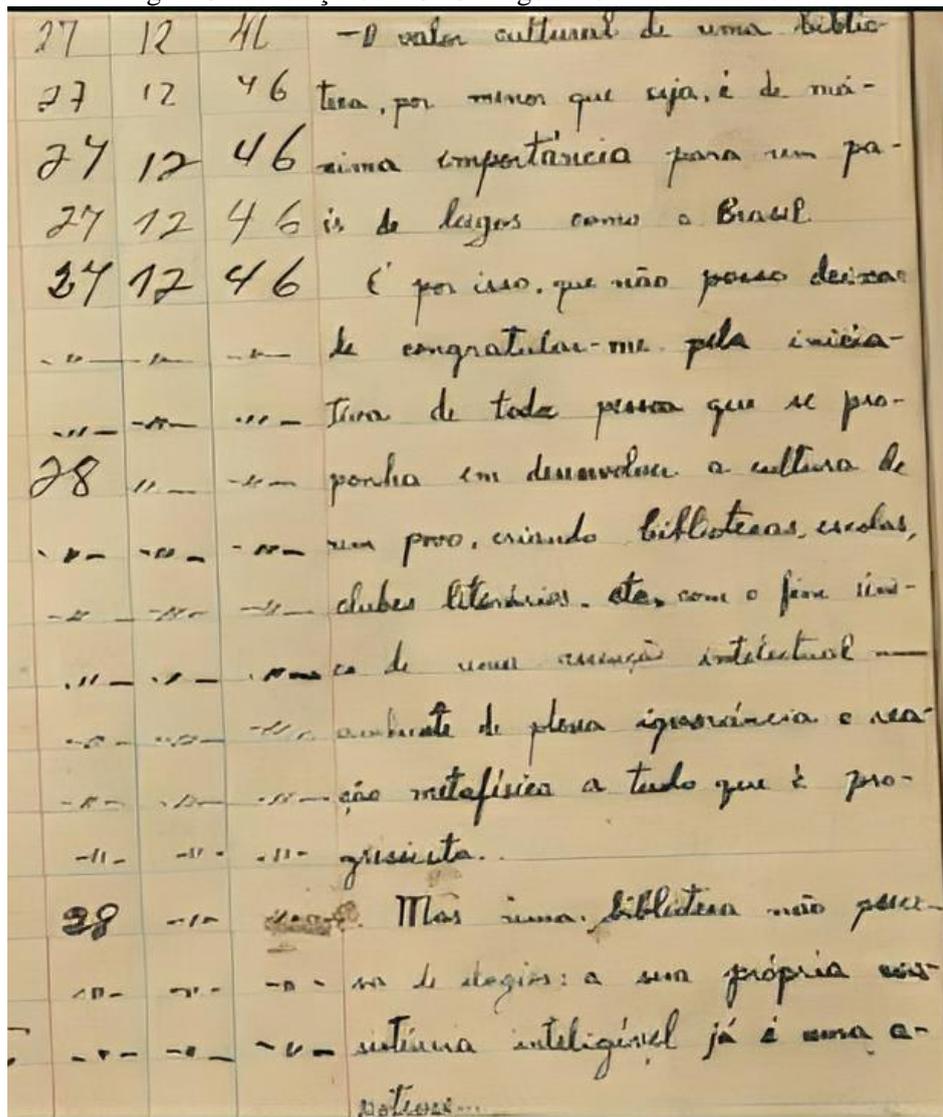
Desde jovem, O. G. Rego externava preocupação em utilizar a educação como meio de promover o conhecimento, era consciente que a educação possibilitava o caminho para o progresso, assim defendia o valor cultural das bibliotecas, conforme pode ser observado na transcrição abaixo.

O valor cultural de uma biblioteca, por menor que seja, é de máxima importância para um país de leigos como o Brasil. É por isso que não posso

deixar de congratular-me pela iniciativa de toda pessoa que se proponha a desenvolver a cultura de um povo, criando bibliotecas, escolas, clubes literários, com um fim único de uma ascensão cultural num ambiente de plena ignorância e reação metafísica a tudo que é progressista. Mas uma biblioteca não precisa de elogios: a sua própria existência inteligível já é uma apoteose... (Carvalho, 2021).

Na imagem a seguir, tem-se as anotações originais da transcrição anterior:

Figura 5 - Anotações de O. G. Rêgo de Carvalho adolescente



Fonte: Carvalho (1946)

Esse manuscrito é uma anotação que O. G. Rego fez aos 16 anos, no Livro de Consulentes da Biblioteca Municipal de Oeiras. Neste breve comentário o jovem escritor oeirense reconhece a importância e o valor cultural de uma biblioteca, saudando todos aqueles que por diferentes meios promovem a cultura do povo. Nota-se que em sua opinião, a criação

de bibliotecas, clubes literários e escolas, são meios através dos quais é possível afastar-se da ignorância e elevar o nível cultural do povo. Pode-se inferir que desde cedo o escritor preocupava-se com a questão da difusão cultural.

O. G. Rego também admirava aqueles que trabalhavam em prol das Letras com produção de conteúdo relevante para melhoria da educação. Exemplo disso, foi que ainda na adolescência, copiou a seguinte frase que escritor Humberto de Campos<sup>23</sup> escreveu no livro de impressões da Escola Modelo de Teresina, em 1928. A cópia foi publicada no *Dário de Notícias* (RJ), em 1951.

Impressões. No livro de impressões da Escola Modelo, de Teresina, Piauí, deixou Humberto de Campos, em novembro de 1928, as seguintes palavras copiadas por O. G. Rego de Carvalho: “Se os homens não adorassem a Mulher, honrando nelas a Mãe, adorá-la-iam na santidade das Mestras. Esta casa honra a mulher piauiense, patenteando a sua inteligência, a sua cultura, a sua dedicação, as qualidades e virtudes, em suma, que fazem dela mãe ou esposa, filha ou educadora o encanto e a glória da vida. Humberto de Campos” (Impressões, 1951, p. 2).

Sobre a transcrição que O. G. Rego fez desta breve nota assinada por Humberto de Campos, dois aspectos podem ser observados: o primeiro remete ao período em que o escritor Humberto de Campos, a época deputado federal pelo Estado do Maranhão, fez o registro no livro de impressões da Escola Modelo, de Teresina, em 1928. Nesta época, a ideologia do magistério como missão e da professora primária vista como mãe, circulava amplamente na sociedade. No Piauí, por exemplo, em 1921 “a exigência do celibato para que as mulheres pudessem exercer a função de professoras do ensino público estava na proposta do Estatuto da Instrução Pública nos seus artigos 22 a 25, apresentado pelo diretor Anísio de Brito” (Ferro, 1996, p. 93).

No entanto, o legislativo piauiense aprovou o texto com alterações no que se refere a exclusividade de mulheres no magistério público e a exigência do celibato. O texto aprovado adotou uma posição conciliatória com a seguinte redação: “As nomeações de professoras recairão de preferência em normalistas solteiras” (Brito, 1996, p. 60).

O segundo aspecto é referente ao escritor Maranhense, Silva (2022)<sup>24</sup> em estudo sobre Humberto de Campos, destacou o caráter educativo de sua escrita, observando que ele foi um

<sup>23</sup> Humberto de Campos Veras, nasceu em Miritiba-MA, hoje cidade Humberto de Campos. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1934. Foi escritor, membro da Academia Brasileira de Letras, jornalista e político.

<sup>24</sup> Silva (2022), Três momentos de uma peça pública: o caráter educativo da escrita de Humberto de Campo (1912-1934).

autor reconhecido nacionalmente e que até aproximadamente a década de 1950, sua obra mais conhecida, *Memórias*, era lida e indicada aos jovens pelo fato do autor ser visto por alguns como um “exemplo de vida,” alguém que venceu pelo estudo e pelo trabalho.

Por que O. G. Rego copiou as impressões deixadas por Humberto de Campos no livro da Escola Modelo, de Teresina, em 1928? A informação sugere que, talvez, O. G. Rego tenha sido leitor de Humberto de Campos. As leituras dos sujeitos podem ajudar a entender a formação do leitor/autor.

## 2.1 Recusa e persistência

Constata-se que desde o início, a vida escolar de O. G. Rego foi acompanhada do ato de escrever e do desejo de ser escritor. Sobre isto, tempo depois do início de sua carreira o escritor relatou que depois dos 16 anos de idade escreveu vários contos que eram enviados para publicações em jornais do sul do país, a exemplo das revistas *A Cigarra*, *O Cruzeiro*, *Correio da Manhã* e outros. Porém, estes contos eram frequentemente rejeitados.

Figura 6 - Concurso de contos - A Cigarra



Fonte: (Concurso [...], 1948, p. 134).

A imagem apresentada mostra uma página da revista *A Cigarra* com a publicação do resultado de um dos concursos de contos que eram promovidos pela mesma. Tendo O. G. Rego

submetido um conto ao concurso, recebeu a seguinte resposta: “você tem jeito para escrever. A frase lhe ocorre com facilidade e seu senso de observação é flagrante. O conto, porém, é de uma banalidade comovedora, faça um novo trabalho que não seja tão destituído de força psicológica, e, tente outra vez” (Concurso [...], 1948, p. 134).

O. G. Rego de Carvalho, lembrando esse período de sua vida, fez o seguinte comentário: “porque não escrevia ainda suficientemente bem, nem tinha amadurecimento nenhum para escrever contos aceitáveis. Tive 17 contos recusados, que me lembre, mas fazendo uma estatística melhor, eu acho que tive umas 30 recusas” (Carvalho, 2014, p. 29). Apesar das recusas constantes o escritor não desistia, continuava enviando seus contos para grandes veículos de circulação nacional, recebia as críticas e procurava aperfeiçoar seus escritos. Persistiu, até que em abril de 1949, finalmente teve seu primeiro conto aceito em uma revista no sudeste do país.

Figura 7 - Um Filho, conto de O. G. Rego



Fonte: Carvalho (1949, p. 40).

A imagem acima mostra o conto *Um Filho* publicado na revista paulista *A Cigarra*. Como se pode observar o conto (ilustrado) de O. G. Rego, ocupou uma página da revista *A Cigarra*, periódico lançado em 1914, em São Paulo, trazia em suas páginas ilustradas uma variedade artística e cultural e permaneceu em circulação por mais de seis décadas, neste espaço de tempo, tornou-se uma das mais importantes referências da vida cultural de diferentes grupos de leitores. Pode-se dizer que *Um Filho* marca, portanto, o início da inserção do nome do escritor piauiense na literatura nacional.

Naquele mesmo período, no Piauí surgia um importante veículo de publicação local, a revista *Caderno de Letras Meridiano*, criada em 1949, por um grupo de jovens literatos piauiense. O periódico possuía uma colaboração variada e foi inicialmente dirigido por O. G. Rego de Carvalho, Hindemburgo Dobal e M. Paulo Nunes, ilustrações de Correia Dias, localizava-se na rua Lisandro Nogueira, nº 1223, em Teresina-PI (O Piauí, 1949). A imagem a seguir é da edição 03, do ano de 1950 da referida revista.

Figura 8 - Caderno de Letras Meridiano

**MERIDIANO**  
CADERNO DE LETRAS



DIREÇÃO  
HINDEMBURGO DOBAL  
O. G. REGO DE CARVALHO  
M. PAULO NUNES

Durante meses ausente da cidade das letras, reaparece, à procura de um cantinho de estante, nossa pequena revista, com esta edição especialmente dedicada à divulgação de uma das mais puras expressões da poesia nacional: Da Costa e Silva. Sensibilizados pelo acolhimento da crítica que desde o primeiro número nos viu com simpatia, arrumamo-nos a um empreendimento de maior vulto, para de todo não deixar esquecido o grande e magoado cantor de "Yecânica". Neste ensejo queremos exprimir nosso absoluto reconhecimento pelo apoio do Governador Rocha Furtado, tanto mais valioso quando se sabe da impossibilidade desta homenagem sem o mesmo.

Ilustrações de Correia Dias

Correspondência para: Rua Lisandro Nogueira, n.º 1223  
TERESINA — PIAUÍ

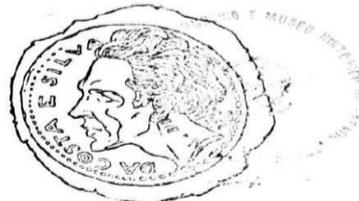
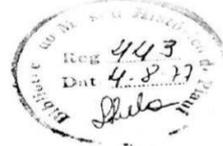
N.º 3 — SETEMBRO — 1950

NENHUM elogio enteneceu mais o coração do poeta amaranthino do que ter um livro seu roubado numa livraria do Recife: a edição era modesta, e o anônimo admirador de Antônio Francisco da Costa e Silva quebrou o vidro do mostruário e retirou o último exemplar de "Sangue". Consagrado dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, pela crítica de Clóvis Bevilacqua, Tristão de Athayde, Antônio Torres, Silvio Romero, José Veríssimo, Mário Rodrigues, e tantos outros, que não contiveram o pasmo admirativo ante a revelação de um grande artista, que raramente recorria ao artifício, Da Costa e Silva morreu contudo no mais aabruahador esquecimento, em meio às sombras de um mundo fantástico e irreal. Diante de tão inexplicável silêncio, quer "Meridiano" prestar um tributo de saudade e carinho àquele que, mesmo na adversidade, sempre trazia no coração o amor à sua terra — a que dedica "Zodíaco" com este singular oferecimento: "Ao meu longínquo Piauí — na divina evocação de sua natureza maravilhosa". Terra para se amar com o grande amor que tinha, Da Costa e Silva exaltou-a no "Hino" que as crianças entoam nas escolas, "sob um céu de imortal claridade". Eis parte desse cântico:

"Salvê! terra que aos céus arrebatas nossas almas nos dons que possuis: a esperança no verde das matas, a saudade nas serras azuis.

"Piauí, terra querida, filha do sol do Equador, pertencem-te a nossa vida, nosso sonho, nosso amor! As águas do Parnaíba, rio abaixo, rio arriba, espalhem pelo sertão e levem pelas quebradas, pelas várzeas e chapadas, teu canto de exaltação".

O. G.

Fonte: Meridiano (1950)

O grupo de jovens literatos piauienses do qual O. G. Rego de Carvalho fazia parte era bastante heterogêneo. Em 1947, criaram a Associação Brasileira de Escritores - Seção Piauí (ABDE-PI), numa sessão do Clube dos Novos<sup>25</sup> (Andrade, 2012, p. 173). O Clube dos Novos tinha como objetivo dar ao Piauí destaque na literatura nacional.

De modo geral, esse grupo desejava dar visibilidade nacional à literatura piauiense, mas O. G. Rego demonstrava um certo ceticismo com as iniciativas que eram desenvolvidas pelos “novos” para alcançar tal finalidade. Ao mesmo tempo esse grupo de jovens literatos também almejava criar um espaço local para difundir suas publicações. No final de 1949, fundaram a Revista *Caderno de Letras Meridiano*, sob a liderança de O. G. Rego de Carvalho, Manuel Paulo Nunes e H. Dobal.

Nesse contexto, de criação da revista *Meridiano*, os textos de O. G. Rego já recebiam elogios provenientes dos jornais. Os elogios literários dos periódicos e a qualidade dos textos de O. G. Rego foram importantes para o desenvolvimento e reconhecimento de sua literatura. Isso porque, naquela época, os jornais eram as principais fontes de informação para o grande público, e os críticos literários dos jornais eram os principais responsáveis por divulgar e interpretar a produção literária brasileira.

Os idealizadores da revista *Meridiano* pretendiam reunir os principais representantes da cultura local em torno do periódico e também contar com a colaboração de outros expoentes da literatura nacional. Dar destaque à literatura do Piauí, e não especificamente aos diretores, era o objetivo da revista *Meridiano*, como constatação disso a edição 03 do ano de 1950, é dedicada ao poeta piauiense Da Costa e Silva.

Durante meses ausente da cidade das letras, reaparece, à procura de um cantinho de estante, nossa pequena revista, com esta edição especialmente dedicada à divulgação de uma das mais puras expressões da poesia nacional: Da Costa e Silva. Sensibilizados pelo acolhimento da crítica que desde o primeiro número nos viu com simpatia, arrojamo-nos a um empreendimento de maior vulto, para de todo não deixar esquecido o grande e magoado cantor de “Veronica”. Neste ensejo queremos exprimir nosso absoluto reconhecimento pelo apoio do Governador Rocha Furtado, tanto mais valioso quando se sabe da impossibilidade desta homenagem sem o mesmo (Um Instantâneo [...], 1950, p. 1).

Apresentando variada colaboração, o *Caderno de Letras Meridiano* começou a circular em Teresina, no final de 1949. Ocupava “lugar de destaque na nova folha literária os trabalhos

---

<sup>25</sup> Almejava dar destaque ao Piauí através da produção literária dos novos escritores.

de Costa Andrade, Clemente Fortes e O. G. Rego de Carvalho entre outros. Foi recebido com aplausos pela crítica” (Antologia [...], 1949, p. 4).

Finalmente, o Piauí pela proa. E que ele vem e já vem tarde através das páginas de MERIDIANO, que os novos de Terezina quiserem pôr na rua e puzeram. Aqui está: são dezesseis páginas apenas, más quanta bravura e quanta fidelidade! A direção é de Hindenburgo Dobal, O. G. Rego de Carvalho e M. Paulo Nunes a que se acrescentam, na feitura da revista, uns poucos mais: Da Costa Andrade, Clemente Fortes, José Virgílio Rocha (A Vez [...], 1949, p. 03).

Pode-se dizer que o ano de 1949, foi marcado pelo início do reconhecimento da literatura de O. G. Rego. No ano seguinte, seu nome ganha maior destaque na literatura nacional com publicações em diversos jornais do país. Nesse momento os periódicos noticiavam não só as produções do escritor, mas também a importância da Revista *Caderno de Letras Meridiano*.

A habilidade singular do escritor O. G. Rego, em criar narrativas envolventes, é evidenciada de maneira notável em seu conto *Marlene*, publicado pela revista carioca *O Cruzeiro*, em 1950.

Figura 9 - Marlene, conto publicado na revista *O Cruzeiro*



Fonte: Carvalho (1950, p. 47).

O trecho que será mostrado é a transcrição do referido conto, publicado pela revista *O Cruzeiro*.

[...]. A noite estava próxima. Mesmo assim, pode distinguir na penumbra uma alamêda, e ao fundo, escondido no laranjal, o prédio para onde nos dirigíamos. Durante todo o resto do caminho, continuamos mudos, embevecidos em contemplar a paisagem soturna que nos cercava. Quando chegamos em casa e subimos os degraus do alpendre, Marlene, afastando com os dedos uma trepadeira que crescia perto, virou-se para um escuro ao lado da montanha e apontou: Ali ficam a floresta e o rio negro. Olhei para o lugar indicado, vencido por uma tristeza súbita. A sensação da noite caindo me constrangia, desde a infância. Creio que se Marlene não me levasse pelo braço para apresentar-me o pai, não tiraria a vista dali por alguns momentos. Entrando, encontrei-me, com um senhor já meio chegado em anos, que me estendeu a mão, sorrindo com uma expressão calma no olhar: - Enterneceu-se vendo a selga ao longe, não foi, perguntou, notando-me triste. Amanhã essa impressão de angústia passará. Quis agradecer aquela afeição por mim e não achei palavras com que exprimisse meu reconhecimento. A um sinal de Marlene, acompanhei-a até uma sala pequena, - uma mesinha com alguns livros perto da janela, o lençol branco cobrindo a cama, e num canto a bilha d'água, [...] (Carvalho, 1950, p. 47).

O conto *Marlene* foi publicado na revista *O Cruzeiro* (RJ), sendo considerado o melhor do ano. Dentre as características do escritor O. G. Rego, está a capacidade de criar obras que se conectam profundamente com os leitores. Foi com esse estilo que procurou contar histórias de forma única, característica de um escritor autêntico, conforme escreveu o escritor Dalton Trevisan sobre O. G. Rego. “Um escritor autêntico, e exatamente sua procura de autenticidade é que me agrada. Sua leitura nunca nos deixa indiferentes” (Trevisan, 2013)<sup>26</sup>.

Sobre a forma de contar história através dos personagens do romance, a escritora Lygia Fagundes Telles escreveu a seguinte mensagem sobre os livros *Ulisses entre o Amor e a Morte* (1953) e *Rio Subterrâneo* (1967). “Gostei muito de Ulisses. Numa linguagem simples e harmoniosa, tão natural e, entretanto, premeditada, revelando o artesão consciente e lúcido, numa forma, desataviada e elegante, conta a espontaneidade de uma água corrente. Por isso mesmo me encantou” (Telles, 2013)<sup>27</sup>.

Assim, dez anos após escrever seus primeiros textos que foram publicados no pequeno mensário escolar, na cidade de Oeiras, o ex-aluno da escola Armando Burlamaqui imprimia seu nome em duas das mais importantes revistas de circulação nacional da época, *A Cigarra* e *O Cruzeiro*. Por outro lado, destacava-se localmente com a publicação da revista *Meridiano*. Desta forma, pode-se dizer que aos 20 anos de idade O. G. Rego, já era um escritor conhecido

<sup>26</sup> A citação de Dalton Trevisan consta na capa do livro *Ulisses entre o Amor e a Morte* (15ª edição).

<sup>27</sup> A citação de Lygia Fagundes Telles consta na capa do livro *Ulisses entre o Amor e a Morte* (15ª edição).

nacionalmente. E a partir da publicação de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, em 1953, torna-se um escritor reconhecido, mais tarde seu nome passa a fronteira do nacional.

Nota-se pelas fontes apresentadas até aqui que o escritor piauiense já havia conseguido projetar seu nome na literatura nacional. Desse modo, o próximo tópico, mostrará a fase seguinte de sua carreira como escritor, momento que as produções dispersas vão cedendo lugar para os livros que vão surgir, recebendo diversos comentários de consagrados críticos da literatura nacional.

## 2.2 A viagem de cura<sup>28</sup>: a evolução como escritor

A presença dos textos de O. G. Rego na imprensa era constante, desde criança já estavam presentes nos jornais. Em 1950, antes de ter seus livros publicados, novamente a revista *A Cigarra* faz a divulgação de outro conto<sup>29</sup>, *A Viagem de Cura*, texto que faz parte de um dos capítulos do seu primeiro livro, *Ulisses entre o Amor e a Morte*. Na narrativa desse conto tem-se detalhes sobre a família do personagem “Ulisses”, eu-lírico<sup>30</sup> da história, que conta de forma precisa o sofrimento por ver seu pai doente, o distanciamento dos pais por consequência da viagem a Teresina em busca de tratamento. Ficando Ulisses, sua irmã Anália e seu irmão José em Oeiras, aos cuidados da tia Julinha que também era professora dos três irmãos. No relato desse acontecimento, o autor conduz o leitor a um passado vivo. Assim, o romancista documenta a realidade daquele período, cujas marcas, ainda persistem no cotidiano da sociedade piauiense.

Dessa forma, a história da narrativa tem como suporte a memória efetivada nos escritos do autor. “A memória, onde cresce a história [...], procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (Le Goff, 2003, p. 437). Essa característica de memória apresentada por Le Goff está presente nas narrativas de O. G. Rego de Carvalho.

O fragmento a seguir, extraído do primeiro capítulo de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, denominado, *A viagem de cura*, contém essa característica de memória expressa por Le Goff. Respectivamente será apresentado uma passagem do referido livro e a imagem da capa do mesmo.

---

<sup>28</sup> Título do primeiro capítulo do livro *Ulisses entre o Amor e a Morte*.

<sup>29</sup> A definição de conto pode variar, mas, de maneira geral, um conto é uma narrativa curta que apresenta uma estrutura compacta, com foco em um evento específico, personagem ou ideia.

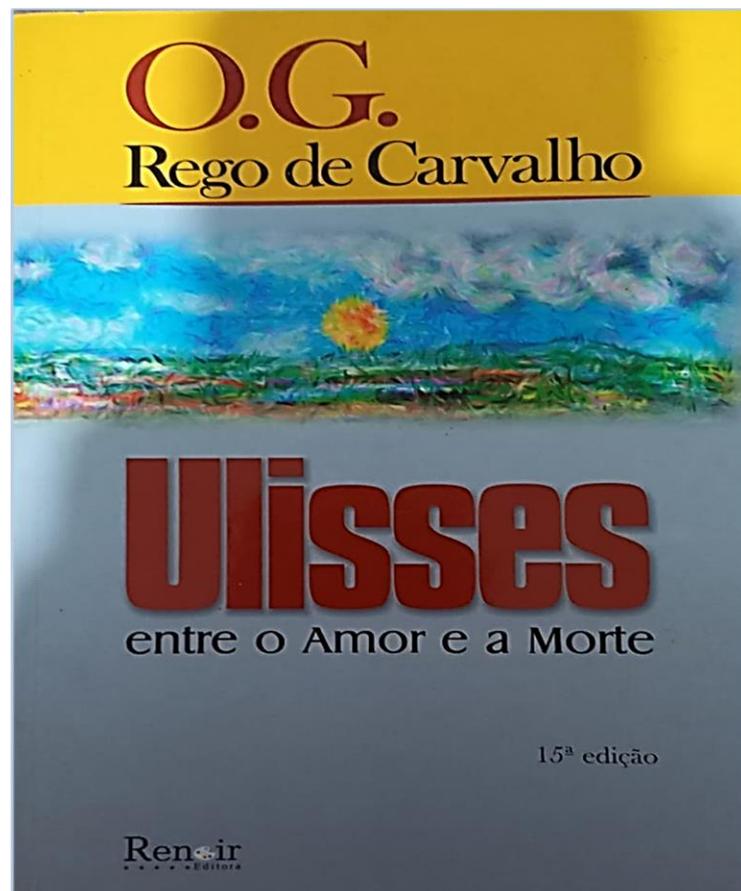
<sup>30</sup> O “eu-lírico” se refere à voz poética ou narrativa presente em um texto literário, muitas vezes associado à poesia, mas também aplicável a outras formas de expressão literária, incluindo o romance. No contexto de um romance, o “eu-lírico” pode ser identificado como o narrador ou a voz narrativa que conta a história.

Certa vez, minha mãe chamou-me e disse, enquanto arrumava as malas para a viagem: -José e você ficarão na casa do Avô. Era a primeira ocasião em que me veria afastado dos pais, e a segunda, da mana. Pensar como seria a ausência, que poderia durar meses, dependendo de o velho curar-se, trazia para mim uma onda de emoções, que embalde queria sufocar. Anália, dissera-me que não chorasse. Mas, como reprimir as lágrimas que me vinham aos olhos? Havia a recordação de meu pai, que iria a Teresina buscar repouso para o coração. Naquele dia, levantou-se agoniado e não conseguiu chegar à loja. A meio caminho, tropeçou numa pedra e caiu. Quase no mesmo instante, senti uma dor no peito, a qual o fez respirar fundo. Um amigo, que passara nessa hora, ajudou-o a erguer-se e levou-o ao médico. Este examinou-o e, abanando a cabeça em negativa, recomendou-lhe tratar-se num centro maior. Já não tinha esperanças de salvá-lo. Papai aceitou o conselho. E confidenciou à minha mãe que se julgava perdido: muito pouco esperava viver ainda. Como a visse prestes a chorar, pediu-lhe resignação. Avizinhei-me logo depois. Assim que me viu, mamãe indagou o que desejava e, notando que eu não sabia responder, mandou-me sair. Fui a não sei onde, e em surdina me veio uma voz - Teria nos escutado? O velho passou alguns dias em casa. À noite, por vezes, gemia baixinho. Tomava então um sedativo, e em poucos minutos começava a adormecer, caindo num sono profundo e quieto. Uma manhã, ao acordar, viu-me à sua frente: - É verdade que nos deixa hoje? - Inquiri. Mãezinha acaba de dizer. Meu pai ergueu o corpo suado e me encarou, firme: Se ela disse, é porque vamos. Ao ver-me retirar em silêncio, chamou-me: -Espere. Você não irá embora por isso, não é mesmo? Doravante eu o tratarei melhor. Não quero que tenha queixa de mim. -Por que teria? O senhor sempre me tratou bem. Agora é que tem gritado comigo. -Estou doente, filho. Saí do quarto com um aperto na garganta. Ao chegar à copa, mamãe deu-me recados para as irmãs, pedindo desculpas por não ir vê-las antes de partir: à tarde, se tudo corresse bem, mandaria Anália fazer-lhes uma visitinha. Quando voltei, era hora do almoço, e passei o tempo retraído. As cinco, o ajudante da loja carregou as malas, e por fim a chave da porta foi entregue à tia Julinha, nossa professora no grupo escolar. Rumamos silenciosos para o ônibus, e a seguir fui olhando as casas e as roças que ladeavam o caminho, até surgir o carnaubal imerso em sombras e, após uma ladeira, o Canindé se espraiando em breves ondas. - Eis o rio- disse mamãe, querendo distanciar os pensamentos da separação. Como nada restasse, ela me abraçou aconselhando que fosse bonzinho, no que foi imitada pela mana. Papai se despediu por último, e ao fazê-lo se limitou a apertar-me o ombro, os olhos esquecidos nos meus. - Vamos-insistia o chofer- que está na hora. Os velhos entraram em seguida no bote, e o vareiro os conduziu à outra margem, revolteando as águas tépidas e serenas. Ao subir o barranco, meu pai deu com o lenço e se afastou no escuro. Corria uma aragem fina, acariciante. Uma garça voou baixinho[...] (Carvalho, 2013, p. 17-19).

Neste excerto, a narrativa do personagem Ulisses, apresenta a descrição dos preparativos para a viagem dos pais de Ulisses de Oeiras a Teresina e o diálogo entre o menino e sua mãe que esclarece que irá deixá-lo juntamente com os irmãos aos cuidados dos avós. “Era a primeira ocasião em que me veria afastado dos pais, e a segunda, da mana” (Carvalho, 2013, p.17).

Na 15ª edição do livro *Ulisses* tem-se o registro de mensagens dos escritores: Alberto da Costa e Silva; Paulo Dantas; Afonso Ávila; Maria de Lourdes Teixeira; Guido Wimar Sassi; Dalton Trevisan; Dante de Laytano; Antonio Carlos Vilaça; Homero Silveira; Caio Porfírio Carneiro; Valdemar Cavalcante e Lygia Fagundes Telles. Todos os escritores citados, em suas mensagens, apresentaram uma síntese do primeiro livro de O. G. Rego. Os elogios são muitos, assim escreveu Paulo Dantas<sup>31</sup>, destacando as habilidades do romancista “como ficcionista, O. G. Rego de Carvalho possui mistério e transcendência, dois elementos indispensáveis ao escritor moderno no campo da criação”. Afonso Ávila<sup>32</sup> referindo se a O. G. Rego e sua primeira obra manifestou o seguinte: “O autor de *Ulisses* consegue ser original com simplicidade, criador sem descuidar da boa prosa. A acolhida que vem obtendo o livro de O. G. Rego de Carvalho é um aviso aos jovens escritores que hoje andam tão longe da arte de bem escrever”. A figura a seguir, representa a primeira edição do livro de O. G. Rego.

Figura 10 - Capa do livro *Ulisses entre o Amor e a Morte*



Fonte: arquivo pessoal.

<sup>31</sup> Mensagem registrada na capa do livro *Ulisses*.

<sup>32</sup> Mensagem registrada na capa do livro *Ulisses*.

A 1ª edição do livro *Ulisses* (1953) possuía 200 páginas, mas o autor aperfeiçoou o texto reduzindo-o pela metade. “Um romance que inicialmente teve 200 páginas, ficando reduzido a 100, por uma questão de estética. Eu vou explicar para vocês. Eu escrevi “*Ulisses entre o Amor e a Morte*” dos 19 aos 23 anos de idade” (Carvalho, 2014, p. 30-31). E prosseguindo com o esclarecimento sobre a redução do texto, O. G. Rego presta outra explicação, “pois bem então, eu reduzi o livro, comecei a cortar. Cortei, resumi, até que um capítulo de *Ulisses*... tivesse apenas três linhas”. (Carvalho, 2014, p.34). Em vista disso, a descrição da morte do pai de *Ulisses* é concluída com a frase seguinte. “Quente era a manhã, em julho, quando meu pai se deitou as pálpebras baixando. E puro, e distante, e feliz, encarou o céu e o tempo” (Carvalho, 2013, p.34).

O escritor, através desse recurso linguístico, usou a concisão textual, ou seja, exibiu informações fundamentais da narrativa com poucas sentenças e vocábulos. Dessa forma, comunicou-se com o leitor de forma objetiva para transmitir informações e passar a mensagem de forma direta. Assim, “o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal” (Saussure, 2006, p. 91). A frase do linguista Saussure foi posta aqui de forma análoga para uma melhor compreensão das razões que levaram O. G. Rego a reduzir o texto da obra.

Em “*Como e Por que Me Fiz Escritor*” o autor comenta a manifestação de um crítico sobre essa descrição da morte do pai do personagem *Ulisses*, passagem essa que foi feita uma compressão textual. “Já houve um crítico de São Paulo que perguntou: “Haverá melhor descrição da morte”? Quer dizer, para descrever uma morte devo dizer “fulano deitou e morreu”, ou eu devo usar uma linguagem simbólica”? (Carvalho, 2014 p.34).

Ao mesmo tempo em que colaborava com a imprensa do seu estado, recebia atenção dos grandes jornais e revistas do país. Como já mencionado, *A Cigarra*, por exemplo, fez várias publicações dos contos de O. G. Rego, depois de divulgar aos leitores o conto *Um Filho*, publica o conto *Amigos*. No mês seguinte às veiculações dos contos mencionados, a revista *O Cruzeiro* publica o conto *Marlene*, que conta o amor entre dois adolescentes, a separação após a mudança do rapaz para a capital para iniciar os estudos superiores e o reencontro após seis anos (Carvalho, 1950, p. 47). Já a revista *Fon Fon*, (1957, p. 5), publicou esse mesmo conto com o título “*Era Noite Marlene*”.

“*Menino Deus*”, outro conto de autoria do escritor piauiense, chegou aos leitores através da Revista *O Cruzeiro* (Carvalho, 1950, p. 127). Esse conto narra o cansaço de um menino de oito anos após a procissão, o passeio demorado à gruta na companhia da empregada e as

lembranças da vizinha que comia barro e do primo Olavo encostado na parede da escola com rasgão na calça de cor azul. Um fragmento do conto *Menino Deus* será exposto.

[...] ultimamente inúmeras emoções me dominavam, delas contraditórias e inconsequentes. Tantas as impressões que recebia de um mundo que aos poucos desvendava, como se estivesse num quarto escuro e paulatinamente os olhos se acostumassem às trevas, distinguindo os menores contornos, que meus sentimentos da vida e da morte se confundiam, a ponto de às vezes me deixar invadir de letargia, sentindo do exterior, do não-eu, apenas ligeiras vibrações. Um pensamento, todavia, me sobressaltou. Que diria meu pai de ver-me atrasado? Nestes dias andava se irritando facilmente e não tolerava que nenhum de nós o importunasse em seu mutismo. Naquela manhã repreendera-me sem razão alguma, e ninguém em casa, nem sequer minha mãe, desejou tomar meu partido. Atemorizado com a lembrança de que estivesse intrigado com minha demora, decidi, voltar logo, antes que fosse demasiado tarde e tivesse de passar pelo largo da cadeia velha. Na manhã clara, quando os fantasmas não existiam, me afoitava, escalando o muro de pedra, em busca de ovos de perdizes e guinés; mas bastava anoitecer para que essas ruínas me assustassem, e com o coração pulsando fortemente delas me distanciasse. A criada me acompanhando, antevia que o mêdo desaparecesse, como de fato aconteceu quando por ali transitamos. Mamãe se encontrava na esquina de casa, à espera: Agora que vêm ela interrogou, o corpo imerso em sombras. Que estavam fazendo todo esse tempo? Há muito que os meninos chegaram. Antes que lhe explicasse, sorriu-me compreensiva, tão próxima que podia sentir o calor de seu hálito em minhas faces, e depois de ajeitar-me os cabelos desalinhados, murmurou: -Entre devagarinho. Se vir seu pai, faça de conta que estava comigo. O prato está sobre o fogão; jante, depois se deite. Confortado pelo carinho daquelas palavras, fui-me esgueirando pelo corredor alvíssimo calado de tabatinga, e ao entrar na sala encontrei-me frente à frente, com meu pai. Este me fitou demoradamente; longe estava aquêlo tempo em que chegava da loja e me elevava nos braços, lamentando que seu coração fosse tão pequeno para caber-me inteiro dentro dele. Os olhos embaciados ficaram momentos seguidos em minha direção, num ponto que nem cogitei de descobrir. Meu peito arfava, as mãos frias, como pedras pela expectativa. Não me afastaria um passo, cada minuto mais dominado de inquietação, se minha mãe não me empurrasse, brandamente, dizendo-me: Vamos cear, filhinho. Passamos pelo saguão ladrilhado, ela caminhando à frente. Ao subir o pequeno degrau que levava à cozinha, volvi o rosto e com angústia notei que meu pai continuava na mesma posição, curvado imóvel. Por quê? [...] (Carvalho, 1950, 127).

Essa revista ainda fez outras publicações de contos de O. G. Rego, como a divulgação do conto “*Castanhos eram os seus olhos*” (Carvalho, 1953 p.19). Os jornais sempre proporcionaram aos leitores uma variedade de textos literários. Assim, ao buscarem informações os leitores de diversos estados da federação encontravam não somente notícias, mas também conteúdos literários do escritor O. G. Rego.

No Nordeste, *O Diário de Pernambuco*, também fazia publicações das produções do romancista de Oeiras. Este periódico divulgou aos leitores o conto “*Primos*” que narra a história

dos primos Jorge e Raquel. O rapaz desde a adolescência teve admiração pela prima, mas nunca revelou por ser tímido. Ficaram distantes durante anos, mas após concluir os estudos na universidade, Jorge volta para casa com um único objetivo, o casamento. Reencontra a prima, mas acredita que sua timidez iria impedi-lo de revelar a paixão.

Tendo o primo no outro lado da mesa, Raquel se pôs a considerar que, por mais que escondesse a marca do tempo, Jorge não conseguia, agora, ocultar o permanente enfado que se estampava no rosto. Aos poucos ia-se aniquilando, alheio às alegrias vãs do mundo e cada vez mais retraído. Mesmo assim não a esquecia pelo menos aparentava, visitando-a pontualmente aos sábados. - Meu pobre amigo exclamou, abanando a cabeça em negativa como tem envelhecido! Jorge deu de ombros, procurando sorrir. Todavia, não foi além da intenção. Reconhecia que paulatinamente se desmoronava, como um barranco que de mansinho caísse na ribeira. Apenas reagia vez por outra, quando se sentia culpado ou nele pesava alguma acusação: - Pensar demasiado, eis o mal disse em resposta, querendo magoa-la. Ante a crueldade do amigo, Raquel a custo pôde reprimir a Indignação e a conseqüente vontade de chorar. Que estava o primo insinuando? Olhou-o com tristeza, tentando desvelar na face lívida aquele ressaibo de ironia que lhe era frequente, as últimas semanas. Jorge, contudo, trazia a cabeça baixa, cuidando de armar uma paciência; na verdade, conquanto simulasse preocupação em descobrir um valete para a dama, todo o pensamento se concentrava no momento poético de sua vida.... Nessa época, recém-saído da universidade, voltava para casa com um único fito: o casamento. Na realidade, suas ideias não passavam de evanescências, de pálidos reflexos do que pensava ainda adolescente. Desse tempo queria a Raquel como símbolo do amor puro. Mas sentia faltar-lhe a mulher que personificasse todos os predicados da imagem; logo descobrisse, a ela se uniria para sempre, Regressando à terra, julgava que longa fosse a busca, porém se enganou. No mesmo dia da chegada, a mãe veio preveni-lo de que uma prima a Quelinha, estava na sala. A princípio não demonstrou interesse pela visita, pois nem se lembrava de parenta alguma desse nome. Quase imperceptível, uma suspeita o foi envolvendo, até que o empolgou. - Quem, a moça? - Inquiriu, fingindo-se distante [...] (Carvalho, 1950, p. 8).

Ultrapassando a fase de conseguir reconhecimento apenas por meio de pequenos contos em jornais e revista, O. G. Rego publica *Ulisses entre o Amor e a Morte*, pela Editora Civilização Brasileira, com sede no Rio de Janeiro. A obra que foi elogiada por seu tema universal, retratando a vida de Ulisses (personagem) com realismo e simbolismo, bem como sua descrição da cultura e paisagem do Piauí. Realismo simbólico essa era a classificação que o escritor inseria às suas obras. “Aí eu lhes digo: se vocês quiserem uma classificação para a minha obra, usem a de Manuel Bandeira para certo número de escritores modernos: realismo simbólico. Há, de fato, um realismo chamado simbólico, na literatura brasileira. A começar por Clarice Lispector” (Carvalho, 2014, p.34). Discordando das análises que muitos “críticos” faziam do romance *Ulisses*, como autobiográfico, O. G. Rego faz o seguinte esclarecimento.

Eu fiz foi um romance, dando ao que escrevo uma sensação de realismo tal que o leitor tenha a impressão de estar lendo algo real, embora haja um simbolismo. O simbolismo está na linguagem, está na técnica. Simbolismo não só sociológico como também psicológico. Mais psicológico do que sociológico. (Carvalho, 2014, p.35).

Ao prosseguir com o comentário o autor diz: “Eu pertencço, também, à outra classe de escritores chamada psicossocial. [...] que também é social. É o romance do Faulkner, o autor a quem eu muito devo. Seu romance “Santuário” deixou uma funda impressão em mim”. (Carvalho, 2014, p. 35). Desse modo, a narrativa de O. G. Rego direciona a atenção para alma dos personagens, o escritor consegue criar um vínculo entre a narrativa e o leitor, pois as descrições são realistas e ricas em detalhes, permitindo que o leitor transporte sua atenção para a realidade dos personagens, ou seja, as narrativas envolvem os leitores em suas histórias. O autor usa a educação dos personagens para estabelecer uma atitude para as ações dos mesmos. A educação desses indivíduos da narrativa é visível através das influências, costumes, características, crenças e valores.

No capítulo três, o conto “*Éramos um trio,*” do livro *Ulisses entre o Amor e a Morte*, esses aspectos são evidenciados.

Até que vestisse a *farda do colégio*, levei uma semana em passeios, ora a caçar rolinhas de baladeira nas matas da estação, ora a roubar cajus nas quintas à beira-rio. Depois, passei a frequentar o curso de admissão ao *ginásio*, onde me esforcei por conseguir um lugar entre os primeiros. Luta vã, a minha. Os *professores* nunca me recompensaram com boas notas. Como alguém escrevesse na lousa que o programa seria reiniciado em breve, pusemo-nos a gazar amiúde: éramos um trio, pois tínhamos agora o Arnaldo. Sem que em casa soubessem, costumávamos ir até às bandas do Cruzeiro e do Mafuá, onde nos divertíamos a valer. Numa dessas excursões, deram-me um cigarro e, embora sentisse tonturas, jamais deixei de seguir os outros quando fumavam. Uma vez, determinaram que haveria de ser eu quem comprasse uma carteira, e o fiz por conta do mealheiro onde Anália vinha guardando suas economias. Aconteceu que no dia seguinte mamãe viu o maço no bolso do paletó, e indagou: - Que caixinha é essa, aí? - Nada respondi, esforçando-me para parecer indiferente. Ela a retirou, na mesma hora. - Você fumando, hem? - ralhou, a olhar-me como se quisesse uma explicação. Ouça bem: na próxima vez que o pegar, dou-lhe uma surra para nunca mais. E num gesto impulsivo, amassando a carteira, jogou-a em cima da casa. Tão logo narrei o sucedido à turma, esta inesperadamente se mostrou solidária a minha mãe: - Cigarro não é troço de menino - fez Arnaldo, com um riso superior (Carvalho, 2013, p. 54-55, grifos nossos).

O trecho descreve o período que Ulisses chega a Teresina vindo de Oeiras, com uma semana de antecedência do início das aulas e a necessidade de manifestar-se na tendência grupal de mesmos interesses e aspirações. Nas descrições dos relatos, o narrador desempenha a função

de informar ao leitor uma história que é descrita através de personagens, cenários, temática e tramas, dando vida ao romance. De acordo com Ferro (2010, p.45) “em todas as sociedades, ao longo do tempo e em lugares os mais diversos, a narrativa das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, das vidas, enfim, do mundo, está presente sob as mais diversas formas”. Portanto, umas das formas de narrativas são as obras literárias que abordam diversos estilos e temas.

Em 1953, quando lançou o livro *Ulisses entre o Amor e a Morte*, O. G. Rego, recebeu diversos comentários de escritores do Sul do país que endereçaram cartas ao autor elogiando sua obra. Cecília Meireles em uma carta expressou: “Ulisses deixou-me uma sensação de poesia misteriosa”; Fausto Cunha disse: “Um Clássico da literatura brasileira contemporânea”; Alberto da Costa e Silva destacou: “Um livro humano e comovente” (Carvalho, 2014, p.36)<sup>33</sup>. Dentre as manifestações desses grandes nomes da literatura nacional, qualificando positivamente o livro de O. G. Rego, a caracterização feita por Cecília Meireles expressa ideais de perfeição inerente à natureza humana que muitas vezes traz alegoria e símbolos incorporados ao contexto.

O referido livro foi notícia nacional, sendo divulgado em diversos veículos de comunicação do país. Foram catalogadas notícias em quatorze jornais e revistas: Letras da Província (SP); A noite (RJ); Diário Carioca (RJ); Manchete (RJ); Imprensa Popular (RJ); Revista da Semana (RJ); Alterosa (MG); A Nação (SC); Correio da Manhã (RJ); Jornal Cidade de Santos (SP), A Cigarra (RJ), Sul: Revista do Circuito de Arte Moderna de Santa Catarina (SC), e Careta (RJ).

Na Revista *A Cigarra* (RJ), o livro, *Ulisses*, recebeu a menção a seguir: “*Ulisses entre o Amor e a Morte* - O. G. Rêgo de Carvalho. Edição do Caderno de Letras Meridiano Teresina. Interessante narrativa, onde o autor, em prosa correta, põe em evidência seus inegáveis méritos de ficcionista” (Revista [...], 1953, p. 95). “Prosa correta,” aqui destacado pela revista é uma observação às normas gramaticais o que permite uma comunicação entre o escritor e o leitor de forma clara e precisa. De acordo com esse registro e o conhecimento do romance, O. G. Rego relata histórias que cativam e ensinam através de uma escrita clara, com fluidez das ideias e conexões emocionais entre o leitor e a história.

Na menção feita ao romance, *Ulisses*, a folha *Letras da Província* analisa a novela como “autobiografia poética”, por encontrar evidência entre o personagem Ulisses e o escritor. [...] “Em Edição do Caderno de Letras de Teresina, ‘*Meridiano*’, o escritor do Norte, O. G. Rêgo de

---

<sup>33</sup> As menções feitas à Cecília Meireles, Fausto Cunha e Alberto da Costa e Silva, contam no livro *Como e por que me fiz escritor*, de autoria de O. G. Rego de Carvalho.

Carvalho, publicou uma autobiografia poética “Ulisses entre o Amor e a Morte” (Notas [...], 1953, p. 7).

Provavelmente no contexto de reedição de *Ulisses*, que foram várias, *A Letras da Província* volta a referenciar O. G. Rego e sua primeira obra.

*Ulisses entre o Amor e a Morte*, por Orlando Geraldo Rego de Carvalho (Rua Lisandro Nogueira, 1223, Teresina, Piauí). “Narra, com admirável fluidez de estilo e raro senso de equilíbrio dramático, momentos da infância e da adolescência, captando todas as nuances do espírito juvenil ao enfrentar as realidades, conflitos, dores e imprevistos da vida. Obra regada de poesia, de tocante humanidade e singelo lirismo” (*Letras da Província*, 1972, p. 12).

É possível observar que o editor da folha *Letras da do*, nessa última análise sobre a narrativa *Ulisses*, já compreende melhor o livro. Desprende-se, em sua análise, do termo “autobiografia” e ressalta o conteúdo que relata os acontecimentos. Mesmo assim, ainda segue com incompreensão parcial sobre a obra, enxerga descrição de características extremamente sentimental. O. G. Rego não concordava com esse tipo de análise quando destacou.

Eu não estou querendo falar, com isso em obras piegas, pelo amor de Deus. Vocês não vão encontrar pieguismo<sup>34</sup> em minha obra, nem sentimentalismo, também. Não sou um autor sentimentalista, mas descrevo os sentimentos que eu tive em todas as fases da minha vida - com a fidelidade e uma honestidade de propósito, que têm sido ressaltadas por todos os críticos do sul do país, que leram meus livros. (Carvalho, 2014, p. 38).

No contexto desse esclarecimento o autor de *Ulisses entre o Amor e a Morte* escreveu: [...] “eu nunca classifiquei os meus livros. Eu não disse que era um romance, nem conto, nem novela. Eu boto o nome do título e o nome do autor. Eu deixo que o leitor classifique” (Carvalho, 2014, p. 38).

Na concepção do escritor a leitura é um ato de produção de sentido que escapa a criação do autor. Neste sentido, para Roger Chartier (2001, p. 59), “é necessário lembrar que todo texto é produto de uma leitura, uma construção de seu leitor: este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventamos nos textos uma coisa diferente daquilo que era a ‘intenção’ deles”.

---

<sup>34</sup> Refere-se à característica ou estado de ser piegas, o que significa um sentimentalismo excessivo ou exagerado. Uma obra literária que apresenta pieguismo pode ser vista como excessivamente emotiva, sentimental ou melodramática, muitas vezes de uma maneira que pode parecer artificial ou fora de contexto.

Anular o corte entre produzir e consumir é antes de mais afirmar que a obra só adquire sentido através da diversidade de interpretações que constroem as suas significações. A do autor é uma dentre outras, que não encerram em si a “verdade” suposta como única e permanente da obra. [...]. Definido como uma “outra produção”, o consumo cultural, por exemplo, a leitura de um texto, pode assim escapar a passividade que tradicionalmente lhe é atribuída. Ler, olhar ou escutar são, efetivamente, uma série de atitudes intelectuais (Chartier, 2001, p. 59).

A partir desse entendimento a leitura pode ter diferentes sentidos, “o leitor adquirir, então, um caráter autônomo em relação ao ato de ler, mas, para além da simples leitura, o historiador cultural deve centrar-se na significação e produção dos discursos” (Silva, 2015, p. 34).

Algumas das observações a seguir, feitas na publicação do jornal *A Noite* (RJ), foram confirmadas por O. G. Rego em “*Como e Por que Me Fiz Escritor*”, onde corroborou com as expressões: “linguagem cuidada”, “correta” e “convencional”. “Eu não escrevi nenhuma palavra dos meus livros sem ir ao dicionário ver o sentido dessas palavras. [...] foram consultadas no dicionário, e em mais de um dicionário, porque, às vezes, um é falho, e outro é melhor” (Carvalho, 2014, p. 28). Com relação a *Ulisses*, primeiro livro de O. G. Rego, o jornal *A Noite* discorreu o seguinte:

“Amor e Morte”, de O. G. Rego de Carvalho, chegou-me de Terezinha<sup>35</sup>, Piauí, desacompanhado de quais quer notas sobre autor, numa edição bem apresentada do “Caderno de Letras Meridiano”. A fotografia denota tratar-se de um jovem. O livro divide-se entre contos e novelas, tal como decorre da classificação do índice. Em verdade, são impressões colhidas à vida ou fantasias que a própria vida estimula: tomaras como tema, e deu-lhes o tratamento da linguagem literária. Uma linguagem cuidada, correta, convencional, sem traços da região ou da época. Um temperamento romântico, entre o sentimento do amor e o da morte, tal como o título do livro faria prever. Bom começo. Todavia, o autor deve desprender-se dêsse aprendizado literário, que o limita, a enfrentar uma linguagem mais forte e temas mais vivos [...] (Kelly, 1957, p. 2).

Nessa análise, existem manifestações coerentes com a obra, mas também contradições e equívocos como esse: “o livro divide-se entre contos e novelas”, pelas características da obra fica evidente que temos mais de um enredo com conexões e sucessividade, e tempo histórico, características do gênero novela. E finaliza o editor opinando como conhecedor das técnicas de

---

<sup>35</sup> Terezinha é referência à capital Teresina onde residia o escritor O. G. Rego.

escrita literária. Mas, como já revelado anteriormente, o escritor deixava ao leitor a classificação do gênero textual das suas obras.

A revista semanal *Manchete* (RJ) foi breve, mas classificou *Ulisses* como novela, em nota confirmando o recebimento da obra. “Livros recebidos [...] ‘Ulisses’, novela de O. G. Rego de Carvalho” (Conversa [...], 1953). Um editor do jornal *Diário Carioca* escreveu: “O. G. Rego de Carvalho publicou suas recordações Amor e Morte” (Notícias, 1957, p. 15). Sugerindo ser um livro de memórias.

Em breve nota referenciando *Ulisses*, a *Revista da Semana* (RJ) classificou essa narrativa como novela. “Em edição do *Caderno de Letras Meridiano*, de Teresina aparece este *Ulisses*, de O. G. Rêgo de Carvalho, coleção de novela de caráter autobiográfico” (Lys, 1953 p. 47). No estado de Minas Gerais, *Ulisses* também repercutiu no resumo dessa nota: “*Ulisses* (Entre o amor e a morte). A ingênua história de amor de dois adolescentes. O. G. Rego de Carvalho, Edição do Caderno de Letras ‘Meridiano’, de Teresina” (Livro, 1953, p. 90). É notável que a síntese não abrange toda a obra, apenas uma parte dessa, pois a narrativa não tematiza apenas a história de amor de dois adolescentes.

As discussões sobre a classificação de *Ulisses*, em um gênero textual da literatura, seriam relevantes se tivessem o propósito de unificar essa obra na classificação dos conteúdos escolares para assim não haver divergência em romance, novela e conto por exemplo. Mas a “crítica especializada” não polemizava sobre a classificação do livro, e até o próprio O. G. Rego fez questão de não classificar em nenhum gênero as suas obras. A revista *A Cigarra* em saudação aos livros *Sete anos de Pastor e Novelas Nada Exemplares*, menciona *Ulisses* como do gênero novela (Revista [...], p. 95, 1953). De acordo com o dicionário de termos literários os critérios para definir obra literária como novela são vagos.

O vocábulo “novela” designa uma forma literária ainda à espera de plena configuração, em grande parte devido ao critério que continua a ser empregado por alguns estudiosos. No geral, adotam uma distinção mecânica, baseada no número de páginas ou de palavras: a novela conteria de cem a duzentas páginas, ou mais de vinte mil palavras, “situa-se a meio caminho entre o romance\* e o conto\*, menos extensa que o primeiro, mais longa que o segundo. [...]. De qualquer modo, é um breve romance anedótico” (Suberville 1964 *apud* Moisés, 2013, p. 330).

De modo geral, muitos classificam uma obra literária como novela quando o livro possui narrativa extensa, enredo grande e detalhado, e personagens com certa relevância na narrativa. Assim, o livro *Ulisses* é mencionado por José Geraldo Vieira, crítico literário da revista *A Cigarra*: [...] “neste caso, por exemplo, está o último livro de um jovem ficcionista do

Piauí, O. G. Rêgo de Carvalho, cujo primeiro livro, uma novela, *Ulisses entre Amor e a Morte* saudamos com entusiasmo, há cerca de três anos” (Saudando [...], 1957, p. 95).

Em publicação feita pela revista *A Cigarra* sobre as obras do escritor Dalton Trevisan, o crítico desse periódico lembra e faz alusão ao autor de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, colocando-o como referência para seus contemporâneos. Nessa exposição além de tomar o livro de O. G. Rego como padrão a ser seguido pelos atuais escritores, a revista faz projeção ao jovem escritor piauiense de 23 anos. “O. G. Rêgo de Carvalho poderá tornar-se um de nossos melhores prosadores, pois o seu instrumento verbal é excelente” (Saudando [...], 1957, p. 95). O. G. Rego como prosador centrou-se na criação de personagens que evoluem na história.

Segundo o professor Massaud Moisés “o prosador conhece o mundo por meio do romance, e convida o leitor a fazer o mesmo percurso; não existe, nos quadrantes da criação literária, instrumento mais completo para se chegar a uma imagem totalizante do Universo” (Moisés, 2013, p. 400). O romance *Ulisses* e as demais obras de O. G. Rego, podem auxiliar os educadores a conectarem os textos com temas diretamente relacionados às experiências reais, tornando a leitura mais significativa e relevante para os estudantes.

Um escritor de futuro, essa foi a consideração da escritora e jornalista Eneida, na publicação do *Diário de Notícias*. Discorrendo dessa forma, formou-se imagens positivas sobre o livro *Ulisses*, “de Teresina (Piauí) veio às minhas mãos o livro de O. G. Rêgo de Carvalho, intitulado ‘Amor e Morte’, contos que anunciam, num mocinho de província, um escritor de futuro” (Moraes, 1957, p. 10).

Mas, antecedendo a essa projeção, a *Letras da Província* anunciou o seguinte sobre aquele que promoveu a literatura do Piauí para além das fronteiras do país: “o autor, O. G. Rêgo de Carvalho, que, aliás, não é estrepante, afirma-se já como das melhores promessas. Merece boa acolhida” (Amor [...], 1957, p. 7).

Nas manifestações do escritor e colaborador do jornal *A Nação* (SC), Guido Wilmar Sassi, o livro *Ulisses* de O. G. Rego é “um livro que se lê com prazer, e cuja capa a gente fecha sentindo saudades [...]. Leitura amena, impregnada de muita beleza e ternura, essa, a de ‘Ulisses’ [...] a finalidade do livro é mostrar a infância de Ulisses e a sua descoberta do amor” (Sassi, 1953, p. 9). Sassi escreveu o epítome<sup>36</sup> da obra.

Depois de haver publicado alguns contos, em diversas revistas do país, o sr. O. G. Rêgo de Carvalho acaba de lançar a sua primeira novela “ULISSES

---

<sup>36</sup> O termo “epítome” se refere a um resumo ou síntese concisa de uma obra literária ou de qualquer outro tipo. Geralmente, um epítome é direcionado para uso didático, oferecendo uma visão geral e condensada do conteúdo original.

Entre o amor e a morte”. Não podemos opinar a respeito dos contos, pois somente conhecemos um ou dois. Quando à novela, é uma apresentação do Caderno de Letras “Meridiano”, Teresina, Piauí. Numa prosa leve, suave, deliciosa, o autor percorre as cento e poucas páginas do volume, sem tropeços nem hesitações. Ao abordar um tema difícil, qual seja o tratamento dos problemas da infância e adolescência, Rêgo de Carvalho soube conduzir muito bem a trama da sua história, conseguindo um livro que se lê com prazer, e cuja capa a gente fecha sentindo saudades. Leitura amena, impregnada de muita beleza e ternura, essa, a de “Ulisses”. Os tipos que transitam pela novela são naturais, muito humanos, sem afetação nenhuma. A maioria deles está apenas esboçada, pois a finalidade do livro é mostrar a infância de Ulisses e a sua descoberta do amor. Mesmo assim, são personagens que têm vida própria, movendo-se num clima da mais perfeita naturalidade. Um dos tipos que, segundo nos parece, não teve o tratamento merecido, o mano José. Nosso pensamento é que O. G. não soube ou não quis se aprofundar muito no estudo dessa figura tão interessante. Optamos pela segunda hipótese, pois, como dissemos acima, o escopo da narrativa é mostrar Ulisses, seus problemas e anseios, esperanças e desventuras, sonhos e desilusões. As outras personagens não passam, portanto, de meros comparsas. Apesar disso, gostaríamos de que José não apenas “ocorresse” no volume, por ser dessas personalidades que cativam, e das quais nos apartamos com desgosto. O mais, tudo é narrado de maneira simples e segura. O leitor se convence completamente da verossimilhança da história, porque esta não está peiada por arrebiques e enfeites que a deturpem. Mesmo quando o Autor se limita a descrever as situações com ligeiras pinceladas, o faz de modo perfeito, não deixando quase nada por dizer. Os problemas de Ulisses aparecem e são solvidos (ou não o são) como no decorrer da própria vida, sem nenhum artifício de mau gosto. Até a descoberta do sexo vem num somemos... sem Freud. - Disse nos um amigo, crítico sem nome, mas de muita capacidade, que, havendo terminado de ler “O grande Moulnes”, de Alain Fourier, livro muito considerado no gênero, temia que a leitura de “Ulisses”, feita logo após, o decepcionasse. Tal não aconteceu. Mas isso de paralelos e confrontos não serve. O livro tem que satisfazer por si só. O. G. Rêgo do Carvalho consegue isso, logo na sua estréia. E isso é o essencial (Sassi, 1953, p. 9).

A possibilidade de comparação que a revista faz entre a obra de O. G. Rego e as obras do francês Fournier e do colombiano Jorge Isaacs, permite compreender a relevância da produção do romancista de Oeiras. A respeito de obra literária relevante, esta é essencial para a educação de um país, pois permite ao aluno conhecer outras culturas e imaginar as cenas que a obra descreve.

Nesse sentido, a prosa do romancista de Oeiras “manifesta-se, no texto narrativo uma necessária polaridade entre o autor do texto e o mundo narrado, profundamente alheia ao texto lírico” (Silva, 2007, p. 613). Ainda segundo Vitor Manuel de Aguiar e Silva, professor da Universidade do Minho, em Portugal “o romancista poderá caracterizar-se, portanto, como um escritor para o qual o mundo externo existe, solicitando a sua atenção e a sua análise” (Silva, 2007, p.614). Depreende-se que todo texto narrativo mostra uma sequência de sucessão dos

eventos. Por exemplo as cenas iniciais de *Ulisses entre o Amor e a Morte*, que serão apresentadas pelo próprio escritor, conforme imagem que será apresentada adiante, traz a luz essas características.



Fonte: youtube

Vou ler um trecho do livro *Ulisses entre o Amor e a Morte*. Meu primeiro livro e mais poético dos três que escrevi. Cravo seu Nome, *Ulisses*. A noite envolvia o morro do Rosário quando a procissão chegou até o fim. À saída da igreja a criada guiou-me por um caminho entre velames, até o horto em que Menino Jesus costumava distrair-se. Pouco me importava o regresso. Queria está logo diante de minha mãe, para receber sua benção e em seguida me deitar. O corpo ardia, como se eu estivesse açotado: mesmo assim eu trazia no coração a doçura e encantamento (O. G. 2019).

A imagem que que foi apresentada é a cena de um vídeo onde o escritor fez a leitura de um trecho de *Ulisses*. Pela transcrição inicial do romance, percebe-se a presença de Oeiras com o clima de religiosidade. Dessa forma é relatado tanto a história do contexto social como também do contexto familiar.

A capacidade do romancista de observar, interpretar e refletir sobre o mundo externo confere à literatura um papel fundamental na compreensão da condição humana e na construção de significado. Essa interação dinâmica entre o escritor e o mundo externo continua a inspirar e enriquecer a tradição literária.

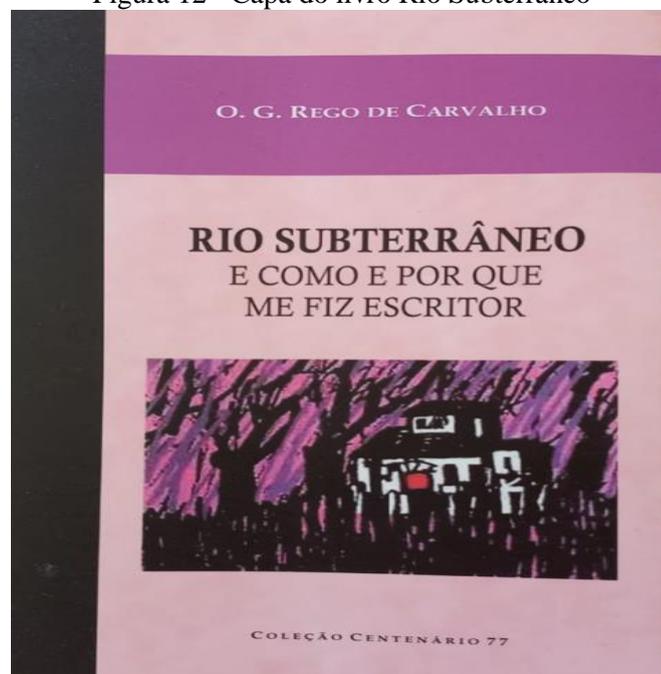
Sobre a publicação da novela *Ulisses entre o Amor e a Morte*, o poeta e crítico literário Mario da Silva Brito, escreveu que o livro “levou o Prof. José Aderaldo Castello, da Universidade de São Paulo, a incluí-lo no Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e

Galega, editado em Portugal” (Brito, 1971, apud Carvalho 1971)<sup>37</sup>. O referido crítico e poeta ainda escreveu que a literatura para O. G. Rego não é mero entretenimento.

A literatura, para êle, nunca representou mero entretenimento, mas algo de fundamente entranhado no seu espírito, uma necessidade interior imperiosa e absorvente. Tão absorvente que para realizá-la esquece o tempo, vara dias e noites em fatigante tarefa artesanal, buscando sempre, inquietamente, a melhor forma, a dicção mais precisa e correta, a frase musical e de ritmo sugestivo. Para atingir os seus objetivos literários não hesita sequer em comprometer a saúde, abalar os nervos, sofrer o drama dos seus personagens, entregando-se até à estafa na luta pela expressão (Brito, 1971, apud Carvalho 1971)<sup>38</sup>.

Conforme apresenta no excerto, Mario da Silva Brito destaca que O. G. Rego em sua visão sobre a literatura a encara como algo profundamente arraigado em seu espírito, uma necessidade interna. Em sua jornada para atingir objetivos literários, o autor piauiense “não hesita sequer em comprometer sua saúde, abalar seus nervos, sofrer o drama de seus personagens, entregando-se até a esfera na luta pela expressão” (Brito, 1971, apud Carvalho 1971)<sup>39</sup>. Brito, nesse trecho, está referindo-se ao livro Rio Subterrâneo. Veja a foto do mesmo.

Figura 12 - Capa do livro Rio Subterrâneo



Fonte: acervo pessoal

<sup>37</sup> Informação registrada na capa do livro *Somos todos Inocentes*, de autoria de O. G. Rego de Carvalho.

<sup>38</sup> O texto consta na segunda capa de *Somos Todos Inocentes*

<sup>39</sup> O texto da citação consta na primeira capa de *Somos Todos Inocentes*

A imagem que foi apresentada é a 11ª edição de *Rio Subterrâneo* que foi reeditado junto com a 3ª edição do livro *Como e Porque Me Fiz Escritor*. Assim como foi com o livro *Ulisses Entre o Amor e a Morte* que teve repercussão nacional, *Rio Subterrâneo*, quando lançado pela Editora Civilização Brasileira, no ano de 1967, também obteve um retorno positivo da crítica e do leitor.

Apresentando detalhadamente suas impressões, considerações e reflexões sobre a obra em questão, o *Correio Braziliense* dedicou uma análise ao livro que foi exibido na imagem acima.

Orlando Geraldo Rego de Carvalho, cujo livro de estréia “Ulisses Entre o Amor e a Morte” - foi saudado com entusiasmo por críticos e escritores nacionais, apresenta-se agora com o seu “Rio Subterrâneo”, na opinião de renomados críticos, um dos mais belos textos de ficção dos últimos tempos. O livro, que foi lançado pela Editora - Civilização Brasileira, retrata um mundo fantasmagórico de noites desesperadas de amor, loucura, alegria e alucinações (Literatura, 1967, p. 10).

Antes mesmo de noticiar sobre o novo livro de O. G. Rego, o Jornal *Correio Braziliense* explica aos leitores que *Rio Subterrâneo* é de autoria do mesmo escritor de *Ulisses*. Assim o jornal chama a atenção dos interlocutores usando a frase: “*Rio Subterrâneo*, na opinião de renomados críticos, um dos mais belos textos de ficção dos últimos tempos” (Literatura, 1967, p. 10).

Para compreender essa obra deve-se seguir a orientação do escritor, presente na epígrafe do primeiro capítulo deste trabalho. *Rio Subterrâneo*, de acordo com o escritor, foi pensado durante um passeio no Rio Parnaíba, onde se inspirou na música *LA Mer*, de um compositor francês. No referido romance, dentre outras características que assemelham à referida composição orquestrada, está a alternância na sequência dos capítulos. Assim, a música alterna repentinamente o ritmo e o livro a sequência da leitura dos capítulos, ou seja, o primeiro capítulo continua no quarto; o segundo capítulo continua no quinto, e o terceiro capítulo continua no sexto. Sobre essa inspiração, veja a transcrição da fala de O. G. Rego.

Estava passeando no mar do rio Parnaíba, no lado de Timon, quando idealizei Rio Subterrâneo. A princípio deveria ser um romance de poucas páginas, mas tendo visto ao tempo como teria sido com “La Mer”, eu me inspirei e escrevi também um romance de seis capítulos. O primeiro continua no quarto; o segundo no quinto; o terceiro no sexto. La Mer é composição de quatro notas dissonantes, então na qual ele compôs algumas notas consonantes. Aí veio o romance. O senhor Vidal de Freitas encontrou em Rio Subterrâneo 800 versos decassílabos, não intencionais e chegou até ser publicado um soneto contendo

esse livro. É meu livro mais bem elaborado. Eu levei quatro anos escrevendo. E no fim senti completamente nervoso, com estafa (O. G. [...], 2019).

A literatura de O. G. Rego por estar inserida no gênero romance (narrativa) mostra uma história com: enredo, temporalidade, ambientação e personagens definidos. Com esses recursos o autor provoca o leitor a pensar e refletir sobre o contexto.

A leitura do trecho a seguir é uma imagem da história de *Rio Subterrâneo* que mostra as ações, o ambiente e os diálogos, permitindo a compreensão de elementos que compõem o contexto.

No alpendre dos fundos, a cozinheira bate a paçoca no pilão, compassadamente, enquanto a gordura ferve e estala na frigideira, e a lenha nova crepita no fogão. A fumaça, como nuvens róseas, dança ao sopro do vento, e traz até o corredor o cheiro de resinas, essências e perfumes da floresta distante, que a madeira ainda conserva e se desprende de súbito, libertados pelo fogo. Lucínio detém-se à porta do quarto, ébrio pela magia das sombras que o envolvem. Ruídos estranhos dominam a noite: chuva no telhado, biqueiras caindo na pedra, fora das latas; ressonâncias de folhas que se agitam, de porcos que grunhem, pios de aves agourentas, soluços perdidos (quem chora?); cabeças de cuia que gemem à flor das águas inquietas -assombrações do rio. Cores nostálgicas adormecem a retina, e se acinzentam, e logo se embranquecem como o gelo, dando-lhe sentimentos frios, de solidão e esquecimento [...]. A voz ressoa longe, pura, nervosa, única a romper o silêncio. Sons familiares, da cozinheira que fritava ovos, se fazem presentes, ainda cheios de mistério. Lucínio respira afinal, tremulo e medroso [...] (Carvalho, 2016, p. 31).

No trecho, percebe-se que o autor pinta um quadro sensorial, revelando os elementos da cena. Em gradação, a narrativa de *Rio Subterrâneo* convida o leitor a um mundo onde a realidade se entrelaça com o misterioso.

O escritor Esdras do Nascimento, logo após o lançamento de *Rio Subterrâneo*, comentou, no jornal *Correio da Manhã*: é “um romance que se lê com medo crescente e admiração” (Conde, 1967, p. 16). Assim, na compreensão do crítico o livro é um romance onde os personagens são acompanhados no tempo da narrativa e onde o leitor experimenta um misto de medo, ansiedade e encantamento com os fatos da história. Quando se trata de educação a crítica literária é extremamente importante ao aluno, visto que, permite interpretar e questionar obras literárias significativas sob diferentes ângulos, incluindo a crítica cultural, histórica e sociopolítica.

As pesquisas com foco nas narrativas do passado e nas obras de ficção permitem compreender o efeito que o passado teve sobre o presente. Isso destaca a interconexão entre passado e presente, bem como a importância de abordagens multidisciplinares para uma

compreensão mais completa. Além disso, ao explorar como as histórias são contadas e reinterpretadas ao longo do tempo, pode-se entender melhor como as sociedades constroem suas próprias narrativas.

Atualmente, sem dúvida mais que em 1998, os historiadores sabem que o conhecimento que produzem não é mais que uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado. As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história (Chartier, 2009, p. 21).

Esta presença do passado pode ser percebida nos livros de O. G. Rego de Carvalho. O conhecimento e a consciência crítica da sociedade eram abordados por meio do acesso à ficção verossímil, o que possibilitou compreender a cultura e a história do contexto local da época. “*Rio Subterrâneo*”- romance forte, que despertou entusiásticos elogios, [...] situa o seu autor entre os valores novos da ficção brasileira” (Moraes, 1967, p. 10). Em todas as narrativas de O. G. Rego os textos são acompanhados por recurso estilístico ajudando o leitor-aluno a visualizar os assuntos abordados na história. Para o *Jornal do Comércio*, Esdras do Nascimento escreveu que *Rio Subterrâneo* pode trazer elementos marcantes e reflexivos, possivelmente contribuindo para a maior projeção do autor (Moraes, 1967, p. 10).

Não se trata de uma estréia como alguém possa supor, pois O.G. Rego de Carvalho já publicou “*Ulisses entre o Amor e a Morte*”. Vive êle, no entanto, no Piauí, seu Estado natal, e por isso não se tornou conhecido como devera. “*Rio Subterrâneo*” saiu numa edição da *Civilização Brasileira*, com apresentação de Esdras do Nascimento (Moraes, 1967, p. 10).

Refletir a leitura das narrativas literárias de O. G. Rego provoca o leitor a pensar e compreender a sociedade. Mesmo a notícia sendo sobre o segundo livro, o editor dá destaque também à sua primeira obra que já havia recebido indicações positivas do renomado crítico Esdras do Nascimento. O jornal ainda destacou que caso o escritor não residisse no Piauí seria amplamente reconhecido do público leitor.

Em edição anterior, o *Jornal do Comércio* já havia anunciado sobre o segundo livro de O. G. Rego de Carvalho. “*Rio Subterrâneo* [...] é mais uma dessas obras de ficção de autores novos que a *Civilização Brasileira* vem lançando num programa editorial inteligente e que sem dúvida presta inestimável serviço à literatura deste país” (Assumpção, 1967, p. 2). Assim, *Rio Subterrâneo* também agradou os leitores, logo foi reeditado pela *Civilização Brasileira*

conforme matéria intitulada “*O. G. Rego reedita*, publicada pelo jornal *O Estado*, que será mostrada a seguir.

O romancista O. G. Rego de Carvalho, recebeu comunicado oficial da Editora Civilização afirmando que o romance *Rio Subterrâneo* será reeditado brevemente pelo plano de coedição: Civilização Instituto Nacional do Livro. A correspondência foi enviada pelo editor Mário da Silva Brito, amigo e admirador do escritor piauiense. Trata-se de fato inédito em nossa Literatura, o que evidencia o talento do escritor independente e cômico da missão do artista na sociedade. (O. G. [...], 1975, p. 8).

A notícia do referido jornal é um informe sobre a 2ª reedição de *Rio Subterrâneo*, o que se tornou frequente em todas as obras do romancista piauiense. Ao todo o livro mencionado teve 11 (onze) reedições. Assim, as várias reimpressões, desse e dos outros livros de O. G. Rego possibilita aos leitores de diversas gerações o contato com os textos do romancista piauiense. Em *Rio Subterrâneo*, percebe-se a imersão do leitor com uma história onde os elementos da narrativa são definidos de maneira clara. Existe uma atenção direcionada aos aspectos humanos. Desse modo, os personagens e o narrador sentem a passagem do tempo. “O mundo que o autor de ‘Rio Subterrâneo’ nos pinta não é o mundo que vemos hoje, é o mundo visto ainda por nossos antepassados” (Assumpção, 1967, p. 2). Dando sequência à crítica literária publicada no *Jornal do Comércio*, Sebastião G. Assumpção destaca a singularidade do romance que o torna uma exceção com relação as abordagens do romance moderno.

O livro suscita comentário porque há nêle alguma coisa de singular que a sua fisionomia literária logo destoa daquelas características que nos habituamos a ver nos romances modernos; porque o romance moderno retrata o mundo moderno, o mundo de hoje: o mundo do cinema, da televisão, do avião-a-jato; um mundo em que mesmo o que se passa em outros continentes é no mesmo dia comentado nos jornais, no rádio; em que tudo ou quase tudo é sabido de todos e em que o interêsse do homem está voltado para mil e uma coisas: um mundo, afinal, de inquietudes e insatisfações [...]. O livro de O.G. Rego de Carvalho é nesse sentido, quase uma exceção. É um livro que retrata o mundo exterior, as árvores, os animais, as casas, as pedras, o fluir das águas. Retrata basicamente a vida de uma cidade do interior do nordeste brasileiro; não talvez a cidade provinciana de hoje, mas a de outros dias passados. E nesse deslocamento temporal reside talvez a sua singularidade, pois não é a vida provinciana de hoje que êle retrata; é de ontem [...] (Assumpção, 1967, p. 2).

Considerando a publicação do periódico, o conteúdo dos textos deste romancista é o retrato de uma sociedade. Diferentemente da proposta do Modernismo que orientava adaptar as temáticas à realidade do momento. O escritor O. G. Rego retratava a história de outras épocas.

Além das onze reedições, é importante destacar que o livro *Rio Subterrâneo* também foi coeditado em parceria com o Instituto Nacional do Livro.

O Instituto Nacional do Livro assinou contratos de coedição das seguintes obras: “A Margem da História” de Euclides da Cunha; “Os Sertões” de Euclides da Cunha; Aspectos do Modernismo de Joaquim Inojosa; “Rio Subterrâneo” de Orlando Geraldo Rego de Carvalho; “Santa Maria de Belém do Girão Pará”, de Leandro Tocantins (Coluna [...], 1975, p.11).

Percebe-se pelo que foi apresentado na notícia que o Instituto Nacional do Livro ampliou, aos leitores, o acesso à literatura de O. G. Rego. Juntamente com livros de Euclides da Cunha, Joaquim Inojosa e Leandro Tocantins, o Instituto Nacional do Livro, Órgão do Ministério da Educação e Cultura, assinou contrato de coedição para a publicação do livro *Rio Subterrâneo* do escritor O. G. Rego. O objetivo desse contrato de coedição era auxiliar a manutenção de bibliotecas públicas do país.

Da mesma forma que os demais livros tiveram repercussão, *Somos Todos Inocentes*, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras, - ABL, também foi divulgada nos veículos de comunicação da época. “Na última crônica falamos ligeiramente de um romance de Orlando Geraldo Rêgo de Carvalho, *Somos Todos Inocentes*. Já o lemos, é realmente bom, e a estória se desenrola naquele Estado” (Albuquerque, 1971, p. 3). O contexto que o romancista piauiense foi mencionado, por este jornal, era o do recebimento de livros dos escritores: José Lins do Rego e Ivá Bichara Sobreira.

Sobre esse livro, o escritor e crítico literário Mário da Silva Brito, em 1971, escreveu sobre a última da obra de O. G. Rego, “sua ideia central é a de que todos nos julgamos inocentes, mesmo quando contribuímos para a infelicidade alheia” (Brito, 1971, apud Carvalho, 1971).

Orlando Geraldo Rego de Carvalho, situa uma comovente história de amor, desencontros e traições passionais, de violências e ambíguos sentimentos, vividas personagens de alma complexa, trabalhados pelo ódio e a exaltação, pela mesquinhez e a dúvida. Não se trata de um romance histórico ou de costumes. É antes uma indagação, em profundidade, sobre os contraditórios conflitos humanos, as imprevisíveis e misteriosas direções impressas pelo destino a cada vida. Mais ainda: sua ideia central é “a de que todos nos julgamos inocentes, mesmo quando contribuímos para a infelicidade alheia [...]” (Brito, 1971, apud Carvalho, 1971).<sup>40</sup>

Sobre a manifestação de Mário da Silva Brito, sobre a obra *Somos Todos Inocentes*, percebe-se que a ideia do livro de livro de G. Rego, ressoa uma reflexão sobre a natureza

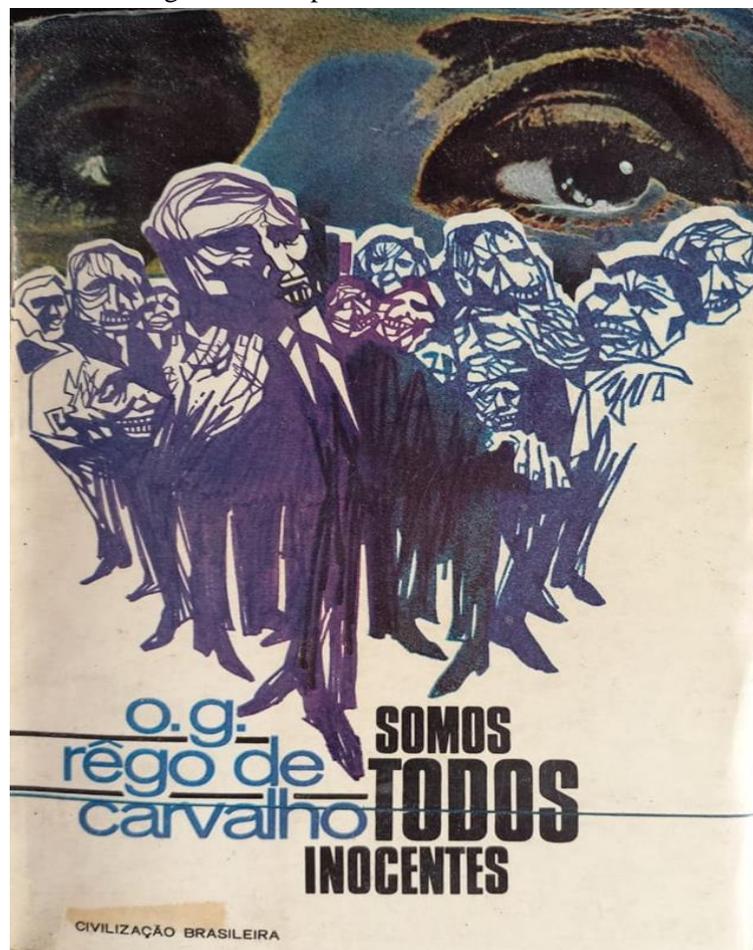
---

<sup>40</sup> Texto transcrito da capa de *Somos Todos Inocentes*.

humana e cria uma atmosfera desconcertante guiada pela introspecção, desafiando os leitores a questionarem suas próprias convicções e a considerarem as poucas consciências morais presentes em suas interações cotidianas. A trama escrita por O. G. Rego tece dilemas morais, e ao mesmo tempo em que transcende às categorias convencionais de gênero literário, evidencia seu domínio narrativo.

A imagem a seguir representa capa da 1ª edição do livro *Somos Todos Inocentes*, livro premiado como melhor romance pela Academia Brasileira de Letras, ao todo esse livro teve nove reedições.

Figura 13 - Capa do livro *Somos Todos Inocentes*



Fonte: Acervo pessoal

Ainda sobre o livro apresentado na imagem acima, Mário da Silva Brito (1971), ainda destaca que em *Somo Todos Inocentes* “a vida é um longo rosário de queixas contra os outros”, “nós é que somos os inocentes, os exculpados”, “tudo é pretexto para acalmar nossa

consciência”. [...] E o vê corretamente pois é esse, realmente o nódulo dessa obra de trágica beleza e dilacerante verdade, (Brito, 1971, *apud* Carvalho 1971)<sup>41</sup>.

Cada obra de O. G. Rego é um mergulho profundo em contextos culturais específicos, oferecendo não apenas narrativas envolventes, mas também um valioso panorama do passado e da diversidade cultural. Por conter referências culturais e históricas, as obras desse escritor manifestam aspectos educativos e históricos. “A história seria a narrativa do que aconteceu, distinta da literatura, que seria a narrativa do que poderia ter acontecido” (Pesavento, 2004, p. 28). Assim, a literatura vai buscar inspiração e interpretação dos fatos para criar um enredo. Isso reflete a forma como o autor usa linguagem para comunicar suas mensagens.

Percebe-se que O. G. Rego conseguiu divulgar suas obras e conquistar prêmios literários. Seu primeiro livro publicado, *Ulisses entre o Amor e a Morte* que carinhosamente chamava de “meu primogênito”, foi vencedor do *Prêmio Fábio Prado de literatura*, na categoria romance no ano de 1954, conforme publicação do *Diário de Notícias* do Rio do Janeiro.

A Sociedade Paulista de Escritores patrocina o Prêmio Fábio Prado, destinado a escolher, nos anos ímpares, o melhor romance, o melhor livro de contos e a melhor peça teatral e, nos anos pares, o melhor livro de poesia, os melhores ensaios e os melhores estudos brasileiros. O prêmio para cada gênero é de Cr\$ 25.000,00, oferecido pelo conhecido homem de negócios e presidente do Jôquei Clube Paulistano, sr. Fábio da Silva Prado. O concurso relativo ao ano de 1953 ficou a cargo de três comissões, assim compostas: romance - Madame Leandro Dupré, Luís Martins e Azis Matias Simões: teatro Gilda de - Melo e Sousa. Alfredo Mesquita e Sábado Magaldi: contos Ligia Fagundes Teles. Paulo César da Silva e João de Sousa Ferraz. O prêmio de romance coube ao livro “Os Visitantes”, de autoria de um pernambucano, Osman Lins. Foram conferidas menções honrosas a “Um Gato no Triângulos”, de Marcos Rei, a “Dunas”, de Breno Accioly, e a *Ulisses entre o Amor e a Morte*, de O. G. Rego de Carvalho. A distinção de teatro foi conferida a peça “O Telescópio”, de Aluísio, Jorge Andrade Franco, tendo a comissão julgadora ressaltado, ainda, outra peça do mesmo autor., “As Colunas do Templo”. Coube a um carioca, Luís Canabrava, o prêmio de contos, com o livro “Sangue de Rosaura”. Votaram neste livro Ligia Fagundes Teles e Paulo César da Silva, tendo o membro do júri João de Sousa Ferraz declarado a sua preferência por Piá, de Wilmar Sassi. [...] (Premio [...], 1954, p. 3).

O *Prêmio Fábio Prado* foi um reconhecimento das obras literárias mais relevante do país. Essa matéria publicada pelo *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro cita vários nomes de expressão da literatura nacional, dentre os nomes está o da imortal da Academia Brasileira de Letras, Lygia Fagundes Telles que também recebeu um prêmio na categoria conto.

---

<sup>41</sup> A referida citação está registrada na capa de *Somos Todos Inocentes*.

Ainda sobre a premiação de *Ulisses entre o Amor e a Morte* que recebeu, na categoria romance, o prêmio Fábio Prado, o *Correio Paulistano* fez a seguinte publicação:

O Prêmio Fábio Prado, patrocinado pela Sociedade Paulista de Escritores, destinou-se, em 1953, ao melhor romance, ao melhor livro de contos e à melhor peça de teatro, cada um de cujos autores receberá a importância de vinte e cinco mil cruzeiros, oferecida pelo sr. Fábio Prado. As comissões julgadoras foram: romance Maria José Dupré, Luiz Martins e Azis Matias Simões; teatro - Gilda de Melo e Sousa, Alfredo Mesquita e Sabato Magaldi; contos-Ligia Fagundes Teles, Paulo Cesar da Silva e João de Sousa Ferraz. O prêmio de romance foi conferido ao livro "O visitante", de Osman Lins, de Recife, tendo sido conferidas menções honrosas aos seguintes: -"Um gato no Triângulo", de Marcos Rey, "Dunas", de Breno Acioly, e "Ulisses entre o amor e a morte", de O. G. Rego de Carvalho. O prêmio de teatro foi conferido à peça "O telescópio", de Aluísio Jorge Andrade Franco, tendo a comissão ressaltado, também a peça "As colunas do templo", do mesmo autor, que é de São Paulo. O prêmio de contos coube à coletânea "Banguê de Rosaura", de Luís Canabrava, do Rio. [...] (Premio [...], 1954, p. 2).

O Prêmio Fábio Prado, noticiado *Correio Paulistano*, emerge como uma iniciativa significativa no cenário literário da época, reconhecendo e incentivando a excelência em diferentes formas de expressão literária. O livro *Ulisses* ainda foi finalista do prêmio literário *Carmem Dolores Barbosa*, concurso que teve na fase final da disputa os escritores: Cecília Meireles; Emílio Moura; Péricles Eugênio da Silva Ramos; O. G. Rego de Carvalho; Proença Cavalcanti; Marcos Rey; e José Lins do Rego que saiu vencedor com a obra *Cangaceiros*. Em resumo, a premiação noticiada pelo jornal não foi um evento isolado, mas marcos importantes na trajetória do autor na literatura contemporânea.

Reunida no salão literário de d. Carmem Dolores Barbosa, a Comissão Julgadora destinada a escolher a melhor obra literária de 1953, em reunião que se prolongou até depois da meia noite, concluiu por atribuir o laurel ao romance "Cangaceiros", de José Lins do Rego. Segundo apurou a reportagem desta folha, os membros da comissão, depois de uma troca de impressões sobre a produção literária de 1953 foi delimitando, de acordo com o critério estabelecido, um certo número de obras de poesia, ficção e teatro, do qual constavam as seguintes: "Romanceiro da Inconfidência", de Cecília Meireles "Poesia", de Emílio Moura; "Sol Sem Tempo", de Péricles Eugênio da Silva Ramos; "Ulisses", de O. G. Rego de Carvalho, "Uniforme de Gala", de Proença Cavalcanti; "Um Gato no Triângulo", de Marcos Rey e "Cangaceiros", de José Lins do Rego, entre os romances; quanto ao Teatro, foram escolhidos "Lampeão", de Raquel de Queiróz e "Dido e Eneias", de José Fonseca [...] (Premio [...], 1954, p. 24).

Essa outra notícia, divulgada pelo *Correio Paulistano*, trouxe *Ulisses* na disputa por mais uma premiação. O segundo prêmio conquistado pelo escritor O. G. Rego foi o *Prêmio Coelho*

*Neto* da Academia Brasileira de Letras, no ano de 1972. A obra que proporcionou essa conquista foi o livro *Somos Todos Inocentes*. Sobre esse prêmio que o escritor recebeu, diversos jornais do país noticiaram, dentre eles o *Correio Paulistano* (SP), e *O Jornal* (RJ).

A próxima fotografia que será apresentada é a captura de um momento significativo tanto na história literária brasileira como na história de O. G. Rego, datada de 29 de junho de 1972, durante a cerimônia de premiação do romance *Somos Todos Inocentes*. Na imagem, O. G. Rego de Carvalho, Peregrino Júnior e ao fundo Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras, na época. A composição da cena reflete não apenas a celebração de uma conquista literária, mas também a importância do reconhecimento da literatura de O. G. Rego pela ABL. O romancista piauiense, com uma expressão de satisfação, é o foco central da imagem.

Figura 14 - O. G. Rego recebendo o prêmio Coelho Neto na ABL



Fonte: Krueel (2007).

Segundo *O Jornal* (RJ), além do prêmio “Coelho Neto” que a ABL destinou ao piauiense O. G. Rego, também entregou aos demais participantes os prêmios: “Joaquim Nabuco”; “Alfred Jurzykowski”; “Carlos de Laet”; “João Ribeiro”, “Cláudio de Souza”.

Em solenidade realizada, ontem, na Academia Brasileira de Letras foram entregues sete prêmios literários de Cr\$ 1 mil, referentes ao ano em curso. Ao escritor Mário Gracioti coube o prêmio denominado “Joaquim Nabuco”, com a obra “O Firmamento no Universo Finito”. Paulo Roberto Pinto, com “Ensino Técnico para o desenvolvimento”, recebeu o prêmio “Alfred Jurzykowski”. O prêmio “Carlos de Laet” foi entregue ao escritor Vinício Stein Campos pela obra “Elementos de Museologia”. A “Bibliografia do Folclore Brasileiro”, de Bráulio do Nascimento, coube o prêmio “João Ribeiro”. Dois brilhantes autores dividiram o êxito do prêmio “Coelho Neto”, inclusive a única mulher classificada, Myrtis Campello – “Pele contra Pele” e O. G. Rêgo de Carvalho “Somos todos inocentes”. O prêmio “Cláudio de Souza” foi conferido à obra “Um galho ilustre dos Cubas”, de H. Pereira da Silva (ABL [...], 1972, p. 8).

A notícia sobre a entrega do prêmio na, ABL, sublinha a relevância cultural da obra *Somos Todos Inocentes* e destaca O. G. Rego como contribuinte do panorama literário nacional. O livro premiado pela ABL permite ao leitor a oportunidade de refletir sobre temas que abordam a vida cotidiana. *Somos Todos Inocentes* representa um dos lados da questão: a culpa, a inocência e a verdade. A entrega de um prêmio dessa magnitude pela ABL confirma o reconhecimento de O. G. Rego como autor de uma das melhores obras literárias brasileira, publicada naquele ano.

A premiação das obras literárias mais relevantes, produzidas em língua portuguesa, conforme informação da ABL iniciou em 1909.

A Academia Brasileira de Letras iniciou a concessão de Prêmios Literários em 1909, quando nomeou, atendendo ao convite do Prefeito do Distrito Federal, uma comissão para julgar, anualmente, o concurso de peças brasileiras destinadas à representação no Teatro Municipal. Nos anos seguintes, outros Prêmios foram criados, tais como o Medeiros e Albuquerque (1910), o “Gazeta de Notícias” (1910), o Machado de Assis (1911), o Raul Pompéia (1911) e o Prêmio Academia Brasileira (1912). Até 1994, a ABL distribuiu os seguintes Prêmios: Olavo Bilac (poesia); José Veríssimo (ensaio e erudição); Monteiro Lobato (literatura infantil); Francisco Alves (monografia sobre o ensino fundamental no Brasil e sobre a língua portuguesa); Assis Chateaubriand (artigos literários); Afonso Arinos (contos); Artur Azevedo (teatro); Silvio Romero (crítica e história literária); Coelho Neto (romance); Joaquim Nabuco (história social); João Ribeiro (filologia, etnografia e folclore); José de Alencar (novelas); Odorico Mendes (tradução); Aníbal Freire (oratória); Carlos de Laet (crônicas e viagem); Roquete-Pinto (etnografia); Alfred Jurzykowski (economia e política) (ABL, s.d).

Sobre a abordagem que o livro premiado pela ABL apresenta, *O Jornal do Brasil* fez a seguinte resenha:

Somos Todos Inocentes, de O. G. Rêgo de Carvalho, Civilização. O Autor, que já publicou Rio Subterrâneo, conta nesse romance uma comvente e

empolgante história de amor, de desencontros e traições passionais, de violências e ambíguos sentimentos, através de personagens de alma complexa, trabalhados pelo ódio, a mesquinhez, a exaltação e a dúvida (Ficção [...], 1971, p.44).

De acordo com a publicação do Jornal do Brasil, a trama de *Somos Todos Inocentes* é permeada por sentimentos contraditórios. É uma exploração corajosa dos aspectos mais sombrios e luminosos da natureza humana. Após esse panorama feito pelo referido jornal, o *Diário do Paraná* publicou também uma síntese com conteúdo semelhante.

Orlando Geraldo Rego de Carvalho, autor de *Rio Subterrâneo* conta em *Somos Todos Inocentes*, uma comovente e empolgante história de amor, de desencontros e traições passionais, de violências e ambíguos sentimentos, através de personagens de alma complexa, trabalhados pelo ódio, a mesquinhez, a exaltação e a dúvida. Mas o que o romance propõe principalmente é uma indagação, humanos que decorrem da necessidade que todos têm de se considerarem inocentes, atirando sobre os outros as culpas pelos seus erros e frustrações (Somos [...], 1971, p. 2).

De acordo com as publicações, que comentam a obra *Somos Todos Inocentes*, percebe-se O. G. Rego oferece aos leitores uma obra que não se limita a entreter, mas que busca provocar uma reflexão sobre a complexidade e as contradições inerentes à natureza humana. Foi com esse estilo que se destacou pela excelência literária.

Dessa forma, o escritor assistiu o leitor não somente através dos seus livros que ampliaram horizontes culturais, incentivando-o a buscar conhecimento através das conexões das leituras das suas obras. Contribuiu também com a educação e a cultura através da revista *Caderno de Letras Meridiano*, que compartilhava em suas edições textos literários.

Em âmbito local, O. G. Rego buscava meios de colaborar com a divulgação da literatura local. Conforme já mencionado anteriormente, juntamente com H. Doba; e M. Paulo Nunes, fundaram a Revista *Caderno de Letras Meridiano*, pois não bastava apenas produzir, era necessário também compartilhar o conhecimento. Esta revista publicava trechos de romances, poesias, contos, e crítica literária (discussão e interpretação de obras). Os textos divulgados não contemplavam somente a produção literária dos escritores que dirigiam a referida revista, mas também outros nomes da literatura. A finalidade dessa revista era proporcionar o conhecimento através de textos literários.

De acordo com o poeta Paulo Machado “a ficção produzida por O. G. Rego de Carvalho é a expressão do processo civilizatório instaurado no Piauí Colonial. Ficção que é resultado

consolidado da matriz cultural lusitana no sertão piauiense” (Machado, 2014, página )<sup>42</sup>. Ainda segundo o poeta piauiense Paulo Machado a narrativa de O. G. Rego oferece ao leitor uma perspectiva única e esclarecedora sobre as dinâmicas sociais.

Instigante, porque propõe reflexão sobre uma variante da estrutura matriarcal da sociedade brasileira, quando identifica o matriarcado piauiense, que reclama uma análise antropológica criteriosa. Os enredos dos romances escritos por O. G. Rego de Carvalho estão repletos de indícios sobre o matriarcado piauiense e o mais revelador desses indícios é o perfil psicoantropológico da mulher ogerreguiana (Machado; Carvalho, 2014).<sup>43</sup>

Em referência à frase: “reflexão sobre uma variante da estrutura matriarcal da sociedade brasileira”, expressa no excerto e a relação com as temáticas da escrita de O. G. Rego, tem-se “o conhecimento representado pela literatura, quando diz respeito a objetos caracterizados pela beleza, [...], a eloquência, ‘a história bem escrita’, toma o nome de *belle littérature*, não cabendo tal designação, porém, à simples crítica, à polimatia<sup>44</sup>, à cronologia, etc. (Silva, 2007, p.17).

Nesta seção, foi possível perceber alguns aspectos discutidos nas obras de O. G. Rego de Carvalho. Observar a repercussão de seus livros na imprensa e o lugar que ocupava no meio literário. A partir deste recorte de sua obra, o capítulo seguinte discutirá os aspectos educacionais de suas obras.

---

<sup>42</sup> Comentário registrado na capa da 2ª edição de *Como e Por que Me Fiz Escritor*.

<sup>43</sup> Explicação que foi registrada na capa da 2ª edição de *Como e Por que Me Fiz Escritor*.

<sup>44</sup> Pessoa que possui conhecimento em diversas áreas de estudo, sendo versada em vários campos do conhecimento.

### 3 O ROMANCISTA DE OEIRAS: ENTRE O LOCAL E O NACIONAL

Como quer você, escritor, que o leitor se comova com o que você escreve, se você não chora diante do que você escreve? Se você não sente aquilo que está escrevendo? Como você quer que o leitor sinta também?

*O. G. Rego de Carvalho*

Este capítulo irá mostrar um recorte da trajetória de O. G. Rego, em que o literato aparece como escritor experiente e reconhecido por parte da crítica literária. A finalidade aqui, é destacar os aspectos presente em suas obras que remetem a história da educação. Para isso, recorre-se às fontes de jornais e revistas especializadas que tratam sobre a relevância de suas obras; a repercussão na imprensa sobre a presença de seus livros nas instituições de ensino, além da opinião do escritor sobre a criação da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, etc.

Para iniciar este capítulo apresenta-se uma notícia vinculada pela revista *Cigarra* em 1971, na qual apresenta um breve resumo mostrando aspectos da construção da carreira do escritor. Através do fragmento exibido a baixo, percebe-se a imagem construída a respeito do literato piauiense, dos seus primeiros contos ao reconhecimento nacional, que foi acompanhado por este periódico, um dos primeiros a publicar e premiar os contos do escritor. Com o título *Um romance* a revista anunciava a última publicação de O. G. Rego de Carvalho:

O. G. Rêgo de Carvalho, um rapaz do Piauí, foi várias vezes premiado num concurso de contos que esta revista manteve nos idos de 40 e 50. Passaram-se os anos, e o jovem contista, graças unicamente ao seu talento, veio a tornar-se conhecido do público e dos círculos literários do país, com a publicação dos livros *Ulisses entre o Amor e a Morte* e *Rio Subterrâneo*. Hoje, é um autor maduro, senhor da sua arte de ficcionista, como bem o demonstra no recente romance *Somos Todos Inocentes*, que acaba de sair em edição da *Civilização Brasileira*. Continua, entretanto, na sua província, sem que isto o tenha impedido de projetar-se como autor de nome nacional (*Um romance [...]*, 1971, p. 42).

Este trecho mostra a projeção nacional do escritor O. G. Rego, e aponta para a importância de sua literatura. A partir desse ponto, cabe discutir de que maneira suas obras têm contribuído para a educação no Piauí. Pois, através das palavras, a literatura traz distintos significados para as narrativas, a saber, as histórias nas formas literárias produzem uma

representação do social, com elementos que ajudam a compreender a história de um tempo e espaço. Para Roger Chartier:

As percepções do mundo social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. [...]. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (Chartier, 1990, p. 17).

Neste sentido, compreende-se que a obra literária produzida pelo escritor piauiense pode contribuir com o conhecimento de diversos aspectos sobre a educação no Piauí. Considerando que as obras do autor circularam por jornais e revistas especializadas em literatura, é importante enfatizar que a imprensa nacional foi fundamental para divulgar as obras desse escritor.

De modo geral, sabe-se que no passado imprensa e literatura tinham uma ligação estreita. Miceli (2001, p. 54), discutindo sobre esta relação, observa que desde o início do século XX, o jornalismo era uma prática compatível ao status de escritor, visto que a produção na imprensa foi para muitos escritores uma atividade regular servindo-lhe muitas vezes de renda complementar.

Seja pelos críticos que escreviam artigos de opinião ou pelas páginas literárias, a literatura ganhou uma nova luz com o desenvolvimento da imprensa no Brasil. “Revistas e jornais são espaços privilegiados do campo literário, desde quando as atividades de impressão são autorizadas oficialmente no país, no início do século XIX” (Barros et al. 2020, p.2). Assim, as revistas e os jornais ofereciam informações que possibilitavam a evocação de memórias, sentimentos e emoções ao público leitor.

As páginas dos periódicos são tribunas ativas no processo de diferenciação das ‘belas letras’ das demais artes, até alcançarem uma relativa autonomia, como literatura. São nelas que os autores apresentavam seus poemas e os protótipos de suas narrativas de ficção, os movimentos e grupos propunham seus manifestos estéticos e a crítica apresentava suas opiniões e julgamentos, alimentando ou desconstruindo os critérios de validação estabelecidos (Barros et al. 2020, p.2)

Os periódicos proporcionavam ao público o contato com diversas formas de textos literários, sobre diferentes temas. Colaborando com a grande imprensa muitos escritores

conseguiam por este meio uma renda complementar. Assim, a literatura do século XX foi fortemente influenciada pelos jornais que serviam de fontes de informações para os leitores. “A simbiose<sup>45</sup> entre literatura e jornalismo é antiga. Grandes escritores brasileiros tiveram passagem pela imprensa, foram críticos ou cronistas antes de se tornarem ficcionistas. Machado de Assis é um desses casos” (Nina, 2007, p.17).

Neste sentido, destaca-se que o escritor piauiense O. G. Rego também colaborou com a imprensa local, a exemplo do jornal *O Piauí* conforme mostra o trecho a seguir: “Por notícias particulares, soubemos da publicação do conto *O Almoço* em família, de autoria do nosso distinto colaborador, o intelectual O. G. Rego de Carvalho no *Correio das Artes*, suplemento literário de *A União*, órgão oficial do governo da Paraíba” (O Piauí, 1949).

Um dos aspectos oriundos desta simbiose foram as publicações seriadas, muitos autores se utilizavam deste artifício, enviando parte de suas obras (capítulos ou trechos dos livros) para divulgação na imprensa. Por meio deste recurso era possível fazer a publicidade da obra despertando o interesse do público, assim muitas vezes quando o livro era publicado na íntegra, muitas partes já eram conhecidas.

Compreendido a relação da imprensa e literatura, também é importante discutir a relação entre literatura e educação. Para Regina Zilberman (2008, p. 17), “sim, a literatura educa”, a autora observa que desde tempos antigos, na Grécia, a literatura já tinha uma função educativa. A esse respeito explica que:

A experiência da leitura decorre das propriedades da literatura enquanto forma de expressão que, utilizando-se da linguagem verbal, incorpora a particularidade dessa de construir um mundo coerente e compreensível, logo, racional; esse universo, contudo, se alimenta da fantasia do autor, que elabora suas imagens interiores para se comunicar com o leitor. Assim, o texto concilia a racionalidade da linguagem, de que é testemunha sua estrutura gramatical, com a invenção nascida na intimidade de um indivíduo; e pode lidar com a ficção mais exacerbada, sem perder o contato com a realidade, pois precisa condicionar a imaginação à ordem sintática da língua (Zilberman, 2008, p. 23).

É importante compreender que as particularidades de produção do texto literário transcorrem do individual ao coletivo. Para Zilberman (2008, p. 23) “a literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúcido e crítico; mas mostra-se sempre original,

---

<sup>45</sup> Refere-se à interação e influência mútua entre essas duas formas de expressão. Embora cada uma tenha suas características distintas, ao longo do tempo, houve uma troca constante de elementos, técnicas e estilos entre literatura e jornalismo.

não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas”. A literatura tem assim, um duplo efeito:

Dúbia, a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. Neste sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências (Zilberman, 2008, p. 23).

Nesse sentido, entende-se que a literatura de O. G. Rego de Carvalho apresenta elementos que remetem a esta função educativa e acionam a memória de um tempo apresentando fatos e eventos que ajudam a compreender um recorte do passado. Isso é coerente com o que Halbwachs expressa sobre a memória histórica e coletiva.

Situa-se uma notável distinção entre a “memória histórica”, de um lado, pressupondo a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada sobre o passado reinventado, e por outro lado a “memória coletiva”, que magicamente recompõe o passado. Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual se desenvolvem as diversas formas de memória, que se alteram conforme as intenções por elas visadas (Halbwachs, 2006, p. 13-14).

Na literatura a memória pode ser acionada pelos escritores ao retratarem tanto as experiências pessoais como as experiências da sociedade. Com isso a memória é usada na literatura como uma das maneiras de conhecer eventos do passado. Neste sentido, a presença da memória na escrita de O. G. Rego possibilita aos leitores conhecerem uma representação do vivido. Isto posto, compreende-se que fato é todo acontecimento que tenha ocorrido em momento passado.

Os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós”. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro (Halbwachs 2006, p. 30).

Narrar fatos passados através da literatura é contar uma história utilizando a linguagem literária para criar um relato vívido. “No ato de narrar, os fatos passados matizam-se, o sujeito

se dobra sobre a própria vida. Somos levados a pensar em como, pela narração de nossas lembranças, vamos nos tornando sujeitos e nos inscrevendo na história. Lembrar é narrar. Narrar é lembrar” (Braga, 2000, p. 88).

É, portanto, compreendendo a função educativa da literatura e sua difusão através da imprensa periódica que este estudo adota a literatura como umas das fontes utilizadas. O próximo tópico mostrará o processo de produção, circulação e recepção das obras de O. G. Rego de Carvalho através da imprensa, articulando as informações com trechos de memórias do autor que ajudam a compreender o processo de reconhecimento do escritor piauiense no meio nacional e até internacional.

### 3.1 O. G. Rego e o reconhecimento além do nacional

A literatura de O. G. Rego, através da linguagem, nos permite imergir com personagens e histórias ricas, assim, dá ao leitor a oportunidade de explorar assuntos mais profundos. Esse foco direto no leitor ajuda a entender o comportamento humano, as relações interpessoais, a cultura e os costumes de um povo.

O jornalista, escritor e crítico literário Hermilo Borba Filho, em matéria escrita ao *Diário de Pernambuco* expressou a seguinte opinião sobre o romancista piauiense: “Afastando-se (o romancista) das formas estereotipadas de arte-de-massa universaliza a diversidade, liberta-se de muitas injunções políticas, compromete-se apenas com o leitor e não com filosofias políticas ou religiosas, nem com organizações” [...] (Borba Filho, 1972, p. 4)

No que se refere ao seu perfil de homem público é ilustrativa a notícia a seguir do jornal *O Estado* que publicou uma extensa matéria sobre as recusas de O. G. Rego em ocupar cargo na Secretária de Cultura do Estado do Piauí. A publicação tinha o título: “*A difícil resposta do romancista de Oeiras*”, conforme pode ser verificada a seguir.

O secretário Luiz Gonzaga Pires, da Cultura, não ostenta ares de intelectual, não solta fumacinhas de erudição pelos corredores de Karnak, não costuma perorar, mas vem se revelando como um promotor de eventos culturais. E o de que precisa a Secretaria de Cultura, nessa fase de renovação cultural do nosso Piauí. Um simples detalhe revela a sua imaginação: o fato de tentar inserir o romancista O. G. Rego de Carvalho, que vive afogado entre os papéis do PASEP no Banco do Brasil, nas promoções culturais da sua Secretaria. Fazer com O G, afinal, o que o Governo da Bahia tem feito, por exemplo, com Jorge Amado, que hoje é o maior divulgador das coisas da Bahia em todo o mundo. Viram o último "Fantástico" pela TV-Globo, via Embratel? Os últimos “intelectuais” que estiveram no comando da Educação e da Cultura e, em particular, do Plano Editorial, não tiveram a imaginação do não-intelectual

Luiz Gonzaga Pires. Ora, gente, O. G. é nome internacional. É o único escritor que tem condições de exercer papel de Jorge Amado do Piauí - e muito breve Jorge Amado estará no Piauí e então vocês sentirão o apreço do romancista da Bahia pelo romancista de Oeiras. Não sou um fanático da obra de OG, como de outrem disse o sutil Odilo Costa filho. Faço até algumas restrições aos seus processos de criação literária - e um dia, mais amplamente do que ontem, terei oportunidade de ajudado pelos estudos de Karl Jaspers, realizar um balanço nos depósitos subterrâneos do mundo de O. G. Mas há um impasse: convidado pela quarta vez, o escritor O.G. ainda não disse o “sim”, pois teme as implicações da política. Cidadão radical em matéria de honestidade e vacinado (com a milésima dose) contra qualquer tipo de “meningite” social, inclusive a tão encontradiça hipocrisia dos arrivistas de todos os governos, O. G. resiste ao assédio do Secretário da Cultura. É um autêntico Amador Bueno. Enquanto os outros choram no gabinete do Secretário Luiz Pires, em busca das benesses, O.G. foge e escorrega aqui e ali para evitar os encontros com a autoridade. Achamos, no entanto, que O. G. deve fazer a experiência e, aceitando o convite, irá com base moral muito forte para resistir aos pilantras de gabinete. Chegou a hora, OG, de você fazer pelo Piauí o que Jorge Amado fez e vem fazendo pela Bahia. Ora, gente, o melhor Ministro da Guerra do Brasil foi o civil Pandia Calogeras, dizem os entendidos. Partindo daí é que acredito no médico Luiz Pires que, não tem fumacinhas de filosofo e literato, poderá ser o nosso maior criador, promotor e detonador de realizações culturais (O Estado, 1975 p.3).

O texto do jornal faz referência a quatro insistentes convites do Secretário de Cultura do Estado do Piauí, Luiz Gonzaga Pires, para que o escritor O. G. Rego ocupasse um cargo na referida secretaria. Na matéria são elencados tantos os motivos dos insistentes convites quanto as razões das recusas. Percebe-se na matéria que a Secretaria de Cultura pretendia uma renovação cultural no Estado. Com esse propósito desejava a colaboração de O. G. Rego de Carvalho para desempenhar no Piauí um papel semelhante ao que Jorge Amado exercia na Bahia, tornando-se um divulgador do Estado. E por que a escolha recaia sobre o nome do autor de *Ulisses entre o Amor e a Morte*? Porque O. G. Rego era talvez, naquele momento, o escritor mais conhecido do Piauí, apontado pelo jornal *O Estado* como um nome internacional e como o único em condições de divulgar o Piauí nacionalmente, devido a posição de relevo que seu nome ocupava na literatura nacional.

O jornal comentando sobre as razões que levaram O. G. Rego a recusar o convite, explica que como cidadão o escritor piauiense era honesto e contrário a hipocrisias de todos os governos, preferindo manter-se afastado da política. Sobre a relação dos intelectuais com o Estado, Miceli (2001) observou em diferentes períodos da política brasileira a colaboração de uma parcela considerável de intelectuais para servirem aos projetos de governos. Assim, muito intelectuais ocuparam cargos públicos ligados a cultura, educação e diversas outras áreas.

Distanciando-se desse grupo de intelectuais que ocuparam cargos públicos colaborando com projetos de governos, O. G. Rego de Carvalho esquivava-se do convite de

Luiz Gonzaga Pires, preferindo seguir sua carreira de escritor e funcionário público concursado do Branco do Brasil, valendo-se, para isso, do seu esforço e estudo. Por outro lado, os insistentes convites mostram que sua obra era reconhecida de tal forma que o Estado do Piauí desejava que o escritor fizesse parte do governo e pudesse agir oficialmente em prol da cultura e educação. Depreende-se daí que o escritor piauiense poderia ser visto como um intelectual e formador de opinião.

Mas não foi só o distanciamento de assuntos polêmicos e alheios aos seus textos que caracterizou o romancista, mas também o estilo de sua escrita. Observando os jornais é possível perceber como o romancista era visto por alguns de seus contemporâneos. A esse respeito, o escritor e crítico literário Enéas Athanázio escreveu a respeito de O. G. Rego, destacando o zelo deste com o conteúdo de seus textos, [...] “tem sido tanta sua dedicação à arte de escrever que sua saúde se ressentiu” (Athanázio, 1973, p.1).

Diante desse cenário, é interessante observar as palavras que Valdemar Cavalcante escreveu: “com apenas quatro obras de ficção [...] o piauiense O. G. Rego de Carvalho já pode ter o seu espólio literário analisado em profundidade, do ponto de vista estilístico. Sinal de que, ainda jovem, alcança uma rara maturidade e a projeção que merece” (Cavalcante, 1972, p. 2).

Sobre a notícia escrita por Cavalcante, no *O Jornal* (RJ), é importante destacar que em 1973, o professor, escritor e membro da Academia Piauiense de Letras, Francisco Miguel de Moura, publicou o livro “*Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*”. O contista Enéas Athanázio, após ler este livro, expressa o seguinte comentário sobre o mesmo:

Divide-se em duas partes. Na primeira estuda o autor o conceito de romance, sua origem e seus fins. Analisa a linguagem, os símbolos, as técnicas, a estória e o enredo literários. Na segunda analisa os romances de Rego de Carvalho: “Ulisses entre o amor e a morte”, “Amor e morte”, “Rio subterrâneo” “Somos todos Inocentes (Athanázio, 1973, p.1).

A contribuição da literatura de O. G. Rego para a educação consiste entre outras fornecer contextos<sup>46</sup> intrínsecos e extrínsecos para as experiências educacionais. Ainda sobre a análise do conjunto de obras que Francisco Miguel de Moura fez sobre a produção literária do autor de *Ulisses*; *Rio Subterrâneo* e *Somos Todos Inocentes*, Enéas Athanázio, em seu comentário, qualifica o literato “como famoso romancista piauiense”, assim escreveu: “o livro

---

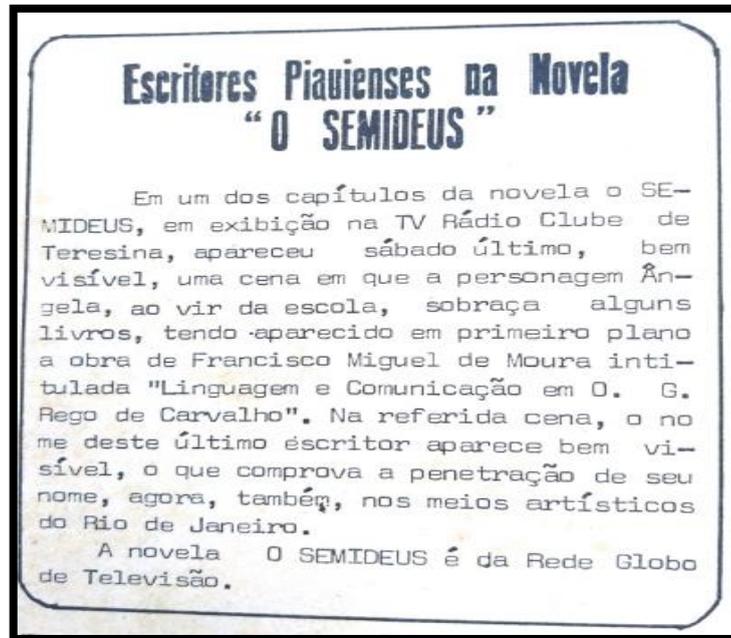
<sup>46</sup> A análise combinada desses contextos (intrínsecos e extrínsecos) pode proporcionar uma compreensão mais rica e completa de uma obra, considerando tanto seus elementos *internos* quanto as influências *externas* que moldaram sua criação e recepção.

é um ensaio crítico da obra do famoso romancista piauiense e tem por título *Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, lançado pela Editora Artenova, do Rio” (Athanázio, 1973, p. 1).

Na expressão “ensaio crítico” compreende-se que o livro, “*Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*”, serve de orientação para estudantes e leitores interessados em um estudo aprofundado sobre a literatura do romancista que teve suas obras analisadas.

É importante destacar que há evidências da circulação nacional destes livros, conforme mostra uma matéria do dia 01 de abril de 1975, do jornal piauiense *O Estado*, que traz a informação de que a novela *O Semideus*, produzida pela TV Globo em 1975 e transmitida em Teresina pela TV Rádio Clube exibiu um episódio onde o referido livro apareceu.

Figura 15 - notícia do jornal *O Estado*, 1975



Fonte: *O Estado* (1975)

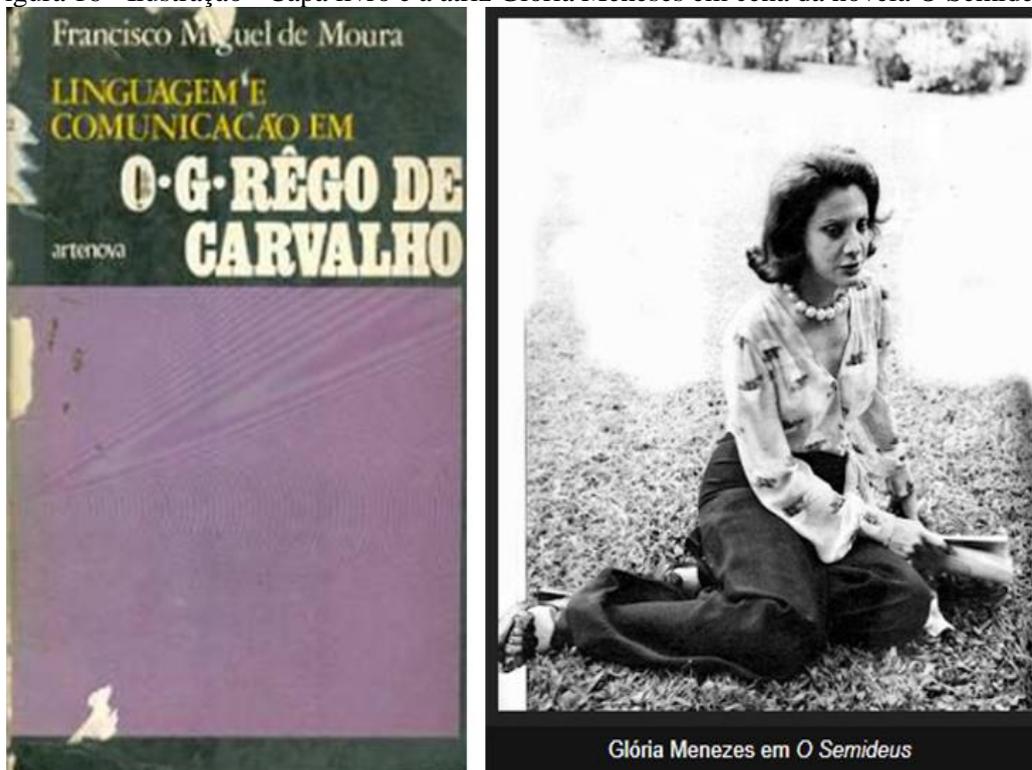
No recorte de jornal acima cujo texto aparece transcrito a seguir é possível perceber o contexto em que o livro *Linguagem e Comunicação em O. Rego de Carvalho* foi exibido na novela.

Em um dos capítulos da novela *O SEMIDEUS*, em exibição na TV Rádio Clube de Teresina, apareceu sábado último, bem visível, uma cena em que a personagem Ângela, ao vir da escola, sobraça alguns livros, tendo aparecido em primeiro plano a obra de Francisco Miguel de Moura intitulada “*Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*”. Na referida cena, o nome deste último escritor aparece bem visível, o que comprova a penetração de seu nome, agora, também, nos meios artísticos do Rio de

Janeiro. A novela O SEMIDEUS é da Rede Globo de Televisão (O Estado, 1975, p. 4).

A referida cena mostrou a protagonista da novela, Ângela, interpretada por Glória Menezes, retornando da escola com alguns livros, nesta passagem foi possível ver que um dos livros que a atriz carregava era *Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, de Francisco Miguel de Moura. A imagem a seguir é a fotografia da capa do livro que teve visibilidade na novela, e ao lado, para ilustrar, a fotografia da atriz Glória Menezes em outra cena novela em que aparece segurando um livro<sup>47</sup>.

Figura 16 - Ilustração - Capa livro e a atriz Glória Menezes em cena da novela O Semideus



Fonte: Arquivo pessoal

Fonte: Rede Globo de Televisão<sup>48</sup>

A Novela foi exibida pela TV Globo entre agosto de 1973 e maio de 1974, escrita por Janete Clair e dirigida por Walter Avancini, era transmitida às 20h, horário nobre das telenovelas nacionais. Ângela, interpretada por Glória Menezes, personagem que aparece segurando o citado livro, era uma das protagonistas da novela. Além de Glória Menezes, *O Semideus*, contava com um elenco de atores e atrizes consagrados, a exemplo de Nívia Maria, Ângela Leal, Tarcísio Meire, Francisco Cuoco, Ary Fontoura, Stenio Garcia, dentre outros.

<sup>47</sup> Não foi possível localizar a imagem exata da cena exibida na novela O Semideus.

<sup>48</sup> <https://astrosemrevista.blogspot.com/2012/03/gloria-menezes-em-o-semideus.html>

Porque o livro de um autor piauiense, sobre um escritor do seu estado, apareceu em uma novela produzida no Rio de Janeiro? Que isso indica no que se refere a circulação da obra de O. G. Rego? Essa informação é um indicativo da circulação nacional da obra do escritor piauiense, pois aponta para a importância de O. G. Rego por ter tido o espólio literário analisado no livro *Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*. A notícia do jornal *O Estado* enfatiza o reconhecimento desse escritor com essa frase: “o que comprova a penetração de seu nome, agora, também, nos meios artísticos do Rio de Janeiro”.

Considerando o contexto a que a cena remete, Ângela, uma professora retornando da escola, portando seus livros, é possível inferir que o material escolar levado pela professora era utilizado no ensino de seus alunos. Desta forma, a cena indica que a professora trabalhava a obra do escritor piauiense, analisada no livro *Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*, de Francisco Miguel de Moura. Esse também pode ser um indicativo da utilização real do livro em escolas do Rio de Janeiro e talvez de outros estados.

A esse respeito, é importante destacar que antes da vinculação do livro sobre a obra de O. G. Rego na novela da Rede Globo de televisão, diversas fontes já indicavam que a circulação de sua obra tinha uma abrangência nacional e até mesmo internacional, conforme mostra uma matéria do *Jornal do Brasil* (RJ) de 1968, transcrita a baixo:

Três livros brasileiros figuram na seção de informações sobre leitura, na revista editada pela Universidade de Oklahoma, como prova de que o Brasil e sua literatura começam a ser objeto de interesse além de nossas fronteiras. Os três livros - lançamentos da Civilização Brasileira que merecem referência de leitores norte-americanos são: *As Três Quedas do Pássaro*, de Maria Geralda do Amaral Melo, *Um Cavaleiro da Segunda Decadência*, de Hermilo Borba Filho, e *Rio Subterrâneo*, de O. G. Rego de Carvalho (Informe [...], 1968, p. 10).

Neste trecho observa-se que o livro de O. G. Rego, *Rio Subterrâneo*, publicado em 1967, pela Editora Civilização Brasileira, era exposto na revista editada pela Universidade de Oklahoma nos Estados Unidos. Outra notícia, localizada na *Revista de Culturas Brasileña* com sede em Madri, capital da Espanha, na edição nº 38 de dezembro 1974, o nome de O. G. Rego de Carvalho também é citado como um dos nomes importantes da literatura brasileira, que merecia ter seu livro divulgado e analisado pela referida revista. A referência ao romancista do Piauí sugere que havia uma valorização não apenas da obra em si, mas também da necessidade de um olhar crítico sobre ela.

El presente estudio no pasa, en realidad, de embrión. Propone métodos y categorías de trabajo y ejemplariza con muestras sacadas del material hasta ahora estudiado. Por eso faltan muchos nombres, incluso importantes, cuyas obras entrarán en el libro que espero ver salir finalmente de estas investigaciones. Un Autran Dourado, que recibió tan poca atención aquí, exige un estudio más pormenorizado en más de una de las categorías propuestas, y tengo plena conciencia de la ausencia de ciertos autores de importancia, tales como Dalton Trevisan, Orígenes Lessa, Lygia Fagundes Telles, Fernando Sabino, O. G. Rego de Carvalho, Cândido de Carvalho, Moacyr Lopes, Geraldo França de Lima, entre otros. Igualmente será necesario acompañar la evolución de la ficción brasileña durante unos años más, ya que el presente estudio fue redactado, inicialmente, en ese año de 1970 consignado con anterioridad como límite reciente [...]. (Parker, 1973, p. 27-28).

A menção ao nome de O. G. Rego, pela *Revista de Culturas Brasileira*, ocorreu no contexto em que o nome de grandes escritores da literatura brasileira tiveram suas obras analisadas pela revista espanhola, dentre os quais Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Mário de Andrade e outros. Assim, merece destaque esse trecho que enfatiza a importância de nomes de brasileiros relevantes, mas que ainda estavam se firmando na ficção literária. “O presente estudo não é realmente um embrião. Propõe métodos e categorias de trabalho e exemplifica com amostras retiradas do material estudado até o momento (Parker, 1973 p.27- 28).

Figura 17 - Revista de cultura brasileira



Fonte: Revista de Culturas Brasileira (2023)

A menção ao nome do literato piauiense nestes dois periódicos internacionais (Estados Unidos e Espanha) é um indício de que as obras do autor ultrapassaram as fronteiras nacionais. Deste modo, pode-se dizer que O. G. Rego de Carvalho era um nome conhecido na literatura brasileira, com um livro sobre sua obra aparecendo em rede nacional, sendo citado por revistas internacionais, periódicos nacionais e ainda por seus contemporâneos já consagrados, a exemplo de Gilberto Freire, o autor de *Casa-Grande e Senzala*, que em discurso no Conselho Federal de Cultura, ao destacar o artesanato do Piauí, pontuou que nesse estado tem “um notável romancista, O. G. Rego de Carvalho”.

O Conselheiro Gilberto Freyre acentuou que o artesanato do Piauí é excelente [...] lá tendo encontrado um notável romancista, O. G. Rego de Carvalho, ainda jovem, de quem se pode esperar uma afirmação na literatura brasileira, [...]. O Conselheiro Odylo Costa [...] declarou inebriado do que ouvira de Gilberto Freyre ao qual agradecia [...] de fato grandes artistas, um o escritor O. G. Rego de Carvalho, romancista de importância, que começou com o livro “*Ulisses*”, logo em seguida tendo passado por uma crise de esquizofrenia à qual resistiu e registrou em livro; sendo o outro H. Dobal, ora em Brasília [...] (Ata [...], 1978, p.206-207).

Observa-se que no fragmento acima Gilberto Freyre, iniciou o pronunciamento destacando a importância e o talento literário de O. G. Rego. Do mesmo modo, o ocupante da cadeira 15 da Academia Brasileira de Letras, Odylo Costa, também expressou sua simpatia com o que ouvira do colega conselheiro a respeito do escritor piauiense, e expressou sobre O. G. Rego, dentre outros elogios “romancista de importância”. Essas fontes mostram que apesar de afastado dos grandes centros culturais do país, o escritor piauiense conseguiu imprimir seu nome nos círculos literários nacionais e até mesmo internacional.

### **3.2 Mas vamos adiante: escrevi *Ulisses* e não fui bem sucedido em minha terra** <sup>49</sup>

Entre a década de 1940 e 1950, o pequeno escritor da escola Armando Burlamaqui tornar-se-ia um escritor de renome nacional. Exemplo disso, é que no ano de 1949, um conto de sua autoria, *Um Filho*, foi premiado no concurso da revista *A Cigarra*. Em 1950 teve outro conto premiado, desta vez, na revista *O Cruzeiro*, o conto *Era Noite Marlene* foi considerado o melhor do ano. Nesse período, sua colaboração com diversos jornais e revistas nacionais intensificou-se. No mesmo ano, o escritor iniciou a escrita da obra *Ulisses entre o Amor e a Morte* e passa a editar a revista *Caderno de Letras Meridiano* com H. Dobal e M. Paulo Nunes.

---

<sup>49</sup> Carvalho (2014, p. 38).

Neste espaço de tempo também concluiu o curso secundário e passou a atuar no magistério, lecionando Literatura e Língua Portuguesa no Liceu Piauiense, em 1950, no mesmo ano que ingressou na Faculdade de Direito do Piauí. Em 1952, prestou concurso público para o Banco do Brasil e foi aprovado em primeiro lugar. E em 1954, concluiu o curso de Direito, conforme publicação do jornal *Diário de Notícias* que divulgou a solenidade de formatura.

Realiza-se, hoje, em Teresina, as solenidades de formatura dos bacharelados de 1954 da Faculdade de Direito, constantes de missa em ação de graças e colação de grau. É paraninfo da turma o professor Clemente Fortes, e patrono, dr. Robert de Carvalho, sendo homenageados vários professores e o advogado Raimundo Alves da Silva, secretário da Faculdade. São os seguintes, os novos advogados piauienses: Alfredo Alberto Leal Nunes, Antônio Luís do Monte Furtado, Armando Gomes da Silva, Benedito Moreira Ramos. Custódio de Paiva Dias, Darci de Carvalho Gonçalves, Durvalina Pereira dos Santos, Eduardo de Castro Neiva (orador), Expedito Luís Furtado, Ezequias Gonçalves Costa, Francisco de Assis Castro, Franklin de Castro Lima Filho, Heli da Rocha Nunes, Homero Machado Coelho, Humberto Machado Coelho, Humberto Reis da Silveira, Humberto Vaz Pais Landim, Joaquim Lopes da Silva, João Francisco Dutra, João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, João Paulino Torres, José Augusto de Carvalho Mendes, José Carneiro Neto, José Eduardo Pereira, José Ferreira Castelo Branco, José Ferreira Neves, José Gil Barbosa, José de Ribamar Tajra Caddah, Leónidas de Castro Melo Sobrinho, Milton Tavares dos Santos, Moisés Elias Caddah, Nilo Cruz, Obetiza Soares Cavalcanti, O. G. Rego de Carvalho, Paulo Carneiro da Cunha, Pedro Alves Lemos, Raimunda Nonato Castelo Branco, Roberval Lobão do Rego, Sebastião Pires Ferreira e Washington Francisco Raulino (Bacharelados [...], 1954, p. 14).

Essa publicação do *Diário de Notícias*, com data de 12 de dezembro de 1954, representa uma conexão das informações sobre O. G. Rego, informa a sua trajetória de escolarização. Percebe-se que a lista de formandos apresenta 40 nomes, desses João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, conhecido como Fontes Ibiapina, tornou-se também romancista. Portanto, conclui-se que a imprensa testemunhou a trajetória de O. G. Rego desde a tenra idade de 10 anos. As páginas de jornais foram testemunho não só da sua dedicação à arte da escrita, mas também de formação no contexto educacional.

Observa-se que paralelamente a produção literária o escritor prosseguia na carreira escolar, atuando no magistério e depois prestando concurso público. A propósito, Sérgio Miceli (2001), explica que a carreira de escritor nunca foi uma profissão bem remunerada. Assim, viver exclusivamente da produção literária não foi uma opção para O. G. Rego e nem para muitos outros escritores no Brasil. Mesmo os mais famosos escritores, a exemplo de Machado de Assis e Olavo Bilac, para garantir uma renda melhor precisaram exercer outras funções, a mais comum era o jornalismo, mas muitos também se encaminhavam para o serviço público. A esse

respeito, Sergio Miceli (2001, p.198), observa que muitos escritores eram polígrafos, pois precisavam atender as mais diversas demandas na imprensa ou dos políticos que os protegiam, mas também porque a imprensa poderia garantir a difusão do gênero literário no mercado cultural. Portanto, colaborar com a imprensa além de garantir uma renda também poderia ser visto como uma estratégia de divulgação das obras.

Desse modo, em 1954, ao concluir o curso superior, pode-se dizer que o jovem bacharel em direito já era um escritor nacionalmente conhecido, com espaço na imprensa para divulgação de suas obras e com uma renda fixa que lhe garantia tranquilidade financeira.

Se em âmbito nacional o escritor piauiense conseguiu certo prestígio literário, em seu Estado natal, o reconhecimento de suas obras não foi imediato. Seu livro de maior notoriedade, *Ulisses entre o Amor e a Morte*, recebeu críticas de figuras importantes do meio intelectual piauiense. Neste sentido, será mostrado aspectos da movimentação local entre o escritor e seus coestaduanos, a partir de uma polêmica envolvendo o nome de O. G. Rego de Carvalho nos jornais de Teresina.

### 3.2. 1 *O prelúdio de uma polêmica*

O. G. Rego de Carvalho sempre teve opiniões autênticas o que contribuía para gerar algumas inimizades nos círculos letrados locais. Em 1957, o escritor protagonizou uma polêmica nos jornais de Teresina, após expressar sua opinião a respeito do quadro docente que iria compor a recém-criada Faculdade Católica de Filosofia do Piauí - FAFI. A análise deste momento, por um lado, evidencia as disputas existentes no interior do campo intelectual local, por outro, mostra aspectos do processo de implantação do Ensino Superior no Piauí.

Para melhor compreender o contexto em que o embate, O. G. Rego versus FAFI aconteceu é preciso retroceder um pouco no tempo em busca de entender a relevância da criação de uma segunda instituição de ensino superior para a sociedade piauiense e o lugar social ocupado pelo escritor naquela conjuntura.

O processo de implantação do ensino superior no Piauí foi lento, somente em 1931 foi instalada a Faculdade de Direito, primeira instituição de ensino superior do estado. Naquele período, politicamente, o Brasil vivia o período conhecido como governo provisório (1930 a 1934), primeira fase da chamada A Era Vargas (1930 a 1945). A Educação desde o início do governo Vargas foi articulada ao ideário de seu projeto de governo, autoritário e centralizador.

Neste sentido, uma das primeiras medidas do governo foi a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em novembro de 1930, nomeando o mineiro Francisco Campos para

assumir o comando do novo ministério e iniciar as reformas educacionais que seriam implementadas. Em 1931, é promulgada a chamada *Reforma Francisco Campos*, que regulamentou e centralizou a educação brasileira. Embora tratasse de outros níveis de ensino, a reforma de 1931, deteve-se, sobretudo, na regulamentação do Ensino Secundário e Superior. O decreto lei n. 19.851 de 11 de abril de 1931, dispunha sobre o ensino superior a ser preferencialmente organizado em universidades, admitindo-se ainda ser ministrado em Faculdades isoladas.

É neste contexto, que finalmente terá início o processo de implantação do Ensino Superior no estado do Piauí, resultado de antigas reivindicações de personalidades locais. A Faculdade de Direito do Piauí – FADI foi instalada em 14 de abril de 1931. “Nasceu da iniciativa privada como resultado do esforço de alguns intelectuais [...]. Contando com o apoio do interventor federal, capitão Joaquim de Lemos Cunha” (Brito, 1996, p. 84).

Por muito tempo, a Faculdade de Direito foi a única alternativa de formação superior no Piauí. Contudo, era uma opção restrita, considerando que poucos jovens piauienses poderiam ingressar na faculdade:

Os que aspirassem a outras profissões deveriam deslocar-se para outros estados, e como esse deslocamento era geralmente oneroso, só os mais abastados poderiam satisfazer suas aspirações, ficando a grande maioria da população adstrita a formação jurídica. Essa formação sem dúvida útil, pela versatilidade do curso de direito, nem sempre era utilizado no campo jurídico [...], derivando na maioria dos casos para a política, o magistério ou funcionalismo público (Brito, 1996, p. 85).

Foi, portanto, neste contexto educacional que em 1950, O. G. Rego de Carvalho ingressou nos quadros discentes da FADI. Egresso da FADI, o jovem bacharel não seguiu a carreira jurídica, após sua passagem pelo magistério, decide seguir a vida literária e construir carreira como servidor do Banco do Brasil.

Segundo Brito (1996, p. 87), era comum alguns egressos da Faculdade de Direito do Piauí, ingressarem no magistério secundário e normal sem uma formação pedagógica. Sobre isso, é importante lembrar que no Piauí não havia cursos de formação de professores a nível superior. No Estado existia apenas o Curso Normal, mas que era de nível secundário (médio) formando professores para atuara no ensino primário.

Quanto ao corpo docente do Ensino Secundário, Ferro (1996, p. 111) citando um depoimento do professor Moacir Madeira Campos, que foi ex-aluno do Liceu piauiense, no final da Primeira República informa que: “os seus professores eram parte da elite intelectual,

peças de prestígio social e cultural, e de grande responsabilidade. Quase todos exerciam o magistério como contribuição a melhoria da educação local, pois tinham outras atividades profissionais”. Essa situação permaneceria nas décadas seguintes, pois era comum que médicos, bacharéis em direito, engenheiros, políticos e outros profissionais liberais exercem o magistério sem uma formação específica para o mesmo.

Diante desse quadro educacional, o desejo para criação de uma Faculdade para formação de professores em nível superior no Piauí era antigo e vinha de diversos setores da sociedade. “Como a demanda de professores fosse cada vez maior, um grupo de professores promoveu no início dos anos 50, a organização de uma Faculdade de Filosofia que, a falta de condições não chegou a funcionar” (Brito, 1996, p. 87).

A esse respeito, O. G. Rego de Carvalho, também menciona uma iniciativa semelhante, que pelos indícios é provável que fosse a mesma mencionada pelo professor Itamar Brito. Em um artigo escrito para o jornal *O Dia*, direcionado a D. Avelar Brandão, responsável pela criação da faculdade, o escritor lembrou. “Pouca gente sabe que muito antes do planejamento da Faculdade Católica de Filosofia uma comissão de moços piauienses, a que pertenci, solicitou de S. Ex.ª que criasse esse instituto superior” (Carvalho, 1957, p. 3).

De todo modo, somente em 1957, seria concretizado o projeto de criação de uma segunda Faculdade no Piauí. Dom Avelar Brandão, arcebispo de Teresina, na presidência da Sociedade Piauiense de Cultura, “com o apoio de intelectuais e do Clero, fundou em 16 de junho de 1957 a Faculdade Católica de Filosofia com três cursos de Licenciaturas plenas: História, Geografia e Letras Neo-Latinas (Francês, Espanhol e Italiano) e o bacharelado em Filosofia” (Mendes, 2012, p. 223). A partir de então tem início, no Piauí, a formação a nível superior de professores para atuarem no Ensino Secundário.

Criada a faculdade, deu-se início a contratação dos professores, O. G. Rego discordou de alguns nomes escolhidos e escreveu um artigo criticando a formação do corpo docente da instituição, que desempenharia um papel fundamental na educação e no desenvolvimento intelectual do estado, pois na opinião do escritor a escolha cuidadosa dos docentes contribuiria para a qualidade do ensino oferecido. Essa opinião do escritor desencadeou uma querela nos jornais. De um lado, O. G. Rego de Carvalho e alguns apoiadores, do outro lado, os dirigentes da FAFI e o corpo docente recém-contratado, formado por 34 professores.

A escolha dos docentes foi feita pelo arcebispo de Teresina, D. Avelar Brandão, e figuravam entre os escolhidos nomes importantes da intelectualidade piauiense. No entanto, na opinião do escritor O. G. Rego de Carvalho, o corpo docente que iria constituir a importante instituição de ensino deveria ser formado por ao menos 10 (dez) professores vindos do sul do

país, para que assim pudessem formar uma nova mentalidade no estado. Sobre este episódio, tempos depois, O. G. Rego comentou:

[...] eu tive a infelicidade de divergir da Faculdade de Filosofia, que se estava criando, em Teresina. E divergindo num ponto só: como eram 34 professores, eu pedi que, pelo menos, 10 viessem do sul do país formar uma nova mentalidade aqui, na nossa terra, e os 34 professores ficaram revoltados com isso e começaram a me atacar. Passaram a criticar meu livro “Ulisses”, a mostrar erros de português que não tinha, a fazer crítica de toda natureza (Carvalho, 2014, p.39).

É importante lembrar que no período em que os fatos se desenrolaram O. G. Rego de Carvalho, já possuía um interessante currículo oriundo de sua produção literária a qual já reunia algumas premiações nacionais e a publicação de um livro bem recebido por grande parte da crítica literária nacional. Isto posto, percebe-se que O. G. Rego fazia parte do meio intelectual piauiense, por ser diplomado em direito, e também por sua produção literária.

### 3.2.2 Nuances da história: os dois lados da querela

Houve reação ao citado artigo o que desencadeou uma série de ataques na imprensa local, por parte de alguns docentes, em resposta às críticas proferidas pelo autor de *Ulisses* ao corpo docente da FAFI. Passaram a circular na imprensa artigos apontando erros de português no livro *Ulisses*. Estes supostos erros foram rebatidos, continuando a troca de farpas nos jornais de Teresina.

É importante esclarecer que o livro *Ulisses* foi lançado no ano de 1953, mas os erros só foram apontados no ano de 1957, logo após O. G. Rego se posicionar sobre os professores que iriam integrar o quadro docente da FAFI. As críticas à obra tinham o intuito de desqualificar o livro e o autor. “Escrevi ‘Ulisses’ e não fui bem sucedido na minha terra. ‘Ulisses ...’ elogiado por perto de cem escritores do sul do país” (Carvalho, 2014, p.38).

Em resposta a uma dessas críticas a seu livro, o escritor responde: “O professor-doutor Clementes H. P. Fortes necessita, com urgência, de uma gramática da língua portuguesa. Quem quer oferecer-lhe uma (Carvalho, 1957a, p.3). Segundo as publicações de jornais do ano de 1957, o professor citado dizia ter encontrado erros de português no primeiro livro do romancista de Oeiras.

Em razão das atitudes do professor mencionado, O. G. Rego que já havia sido aluno de Clemente Fortes, publicou um artigo no jornal *O Dia*, no ano de 1957. E iniciou com a seguinte

citação de Castilho: “tanto é fácil aos discípulos sobrepujar algumas vezes os mestres que os precederam”. Sugerindo assim, que o ex-aluno superou o professor, este no anonimato criava erros para o livro do romancista. Os supostos erros de português estariam em dois trechos que serão apresentados, veja: “PENDENTE”. Em “Ulisses” (novela integrante de “Amor e Morte”), uma personagem convida outra a ir à quinta e lhe diz: As fruteiras estão pendentes e o riacho à espera de um bom mergulho” (Carvalho, 1957a, p.3).

De acordo com o professor Clemente Fortes, o vocábulo “pendente” não poderia ser empregado nesta sentença. Mas de acordo com contexto e a explicação de O. G. Rego, o referido professor da faculdade desconhecia que a Língua Portuguesa permite o recurso da “polissemia”. E com argumento e exemplos o romancista ia para os jornais e rebatia:

[...]. “Foi desse modo em latim. Em português, pendente quer dizer ainda inclinado, murcho, etc. É a lição que nos oferece Laudelino Freire no seu “Grande Dicionário”, apoiando-se nos melhores escritores”: “O sol pende as flores” (murcha). Garrett. “O velho é a árvore que pende” (que se inclina ao pêso dos anos). Coelho Neto [...] (Carvalho, 1957a, p.3).

Dessa forma, na sentença, O. G. Rego utilizou um vocábulo de fácil compreensão ao leitor. Não havendo dificuldade de compreensão, pois o próprio contexto permite entender a mensagem. Mesmo assim o escritor foi bastante didático esclarecendo, veja: “Na minha frase, as fruteiras estão pendentes (inclinadas) ao pêso dos frutos. De tão carregadas, elas penderam. Não há outra interpretação” (Carvalho, 1957a, p. 3). O segundo erro apontado pelo professor refere-se à regência verbal, no entanto, não conseguiu argumentar, apenas criou um significado para a construção da frase com a preposição “a”.

*EM e A.* Empreguei “tinha os pequenos ovos de tetéu às mãos” e “percebi uma dorzinha **às** costas”. O “mestre” condenou a preposição **a**, mudando para **em**. “Ter às Mãos” quer dizer “ao alcance das mãos” foi o esclarecimento que nos prestou, com as luzes de seu saber. Engano: “ter à mão” (singular) é que se dá a idéia de proximidade. “Dor às costas, dor aos dentes?” - Perguntou. Decerto que não, porque a frase deve ser lida assim: “percebi às costas uma dor”, à semelhança de “vou dançar à festa”, que castiga. Além disso, *em* e *a* têm uso indiferente no idioma. Que fale a esse respeito Rui Barbosa, na sua monumental “Réplica”. Ouçâmo-lo: “Muitas vezes com a mesma construção, o mesmo verbo e o mesmo pensamento empregam os bons autores alternativamente *a* ou *em*, dando a ver a olho a perfeita equivalência vernácula, nesses casos, entre as duas preposições” (Carvalho, 1957a, p. 3).

Percebe-se neste fragmento que O. G. Rego fez o contra-argumento de forma convincente. Em meio a essa polêmica, no clímax da narrativa de oposição ao romancista, o

jornal *O Dia* fez uma publicação na seção *Piauí Anekdotico*, com o título nunca vendi tanto: “O professor Oscar Cavalcanti, proprietário de uma livraria nesta capital, confessou a O. G. Rego de Carvalho que nunca vendeu tanto livro como agora, depois que ele está agitando o meio intelectual do Piauí com críticas à ABDE<sup>50</sup> e Faculdade Católica de Filosofia” (Nunca [...], 1957, p.5).

De acordo com a declaração do professor Oscar Cavalcanti, proprietário de uma livraria, e também a matéria a seguir, divulgada por A. Tito Filho, no jornal *O Dia*, que recebeu a denominação de “Lições dos Outros”, onde destacou as observações e perguntas ao professor Clemente Fortes, feitas por um estudante. Assim, percebe-se que os leitores escolheram um lado após a constatação das injustiças que os docentes da faculdade cometiam contra o autor de *Ulisses*.

Vige neste instante acalorada polêmica entre o professor Clemente Fortes e o jovem escritor O. G. Rêgo de Carvalho. É difícil ou mesmo impossível dizer se a razão estará da parte deste ou daquele, uma vez que é grande o número de questões de gramática e de linguagem que reclama solução. Nestes assuntos, vou com aqueles que me parecem no melhor campo. Já pela autoridade da criação literária, já pela mais perfeita compreensão dos fatos linguísticos. Foi escorado em convicções desafortunadas amável estudante me dirigiu as observações e perguntas seguintes: “Em artigo publicado no “Jornal do Piauí”, alguém que se assina Vespasiano, criticando um livro do Sr. O. G. Rêgo de Carvalho, alinhou muitos erros gramaticais, praticados pelo referido escritor. Na crítica, Vespasiano escreveu: “Começo a compreender...” Logo adiante: “Mas não nos desviemos...” “Consulto o Cândido de Figueiredo...” E depois: Em seguida: “Não é propósito nosso...” Um pouco à frente: “Não há pilhéria de minha parte...” Pergunto ao ilustrado professor do Colégio Estadual, como seu aluno: houve ou não mistura de pessoas eu e nós? - O mesmo Vespasiano escreveu no mesmo artigo: “Enamorado de si mesmo já àquele tempo”. Está certo o àquê? - Qual o significado de auscultar? - É correto dizer-se: “as fruteiras estão pendentes”? - Candido de Figueiredo é bom dicionarista? - Pode dizer-se dor às costas e ovos à mão? V. S. sempre mandou evitar que determinativos sejam acompanhados de determinativos. Por isso pergunto: é certa a construção de Vespasiano “...autorize a leitura de um tal livro...”? - O Sr. O. G. Rego de Carvalho empregou: “melhor aproveitada” - está certo? - É correto dizer como Vespasiano: “a propósito leiamos a página 53”. Ou então: “mudar o sentido às palavras”. - Está certa a seguinte redação de Vespasiano: “Seria lusitanismo que nunca lhe esteve na mente, nem a narrativa o permitiria”? Muito agradeço a V. S., que é grande conhecedor da língua portuguesa, os necessários esclarecimentos, pois nas suas aulas tenho ouvido coisa diferente. Com profunda admiração, assino-me “Antônio Francisco Monteiro Braga” (Tito Filho, 1957, p. 5).

---

<sup>50</sup>. Associação brasileira de escritores.

Observando o texto de A. Tito Filho que mesmo se mantendo neutro nesta polêmica, não concordou com Clemente Fortes. A não concordância de A. Tito Filho com o professor mencionado, que critica os erros de português na escrita de O. G. Rego, e assinava como Vespasiano, foi observada quando o autor dessa matéria destacou as observações e perguntas que recebeu do estudante “Antônio Francisco Monteiro Braga”, aluno de Clemente Fortes. Esse aluno considerando injustas a manifestação do seu mestre, pontuou uma série de infrações gramaticais, cometidas por seu professor.

Durante essa polêmica, que surgiu a partir da opinião de O. G. Rego sobre a composição do corpo docente da Faculdade de Filosofia do Piauí, o jornal *O Dia* passou a fazer uma série de publicações. Foram catalogas, no período de julho a outubro de 1957, nove manifestações assinadas por O. G. Rego; sete publicações anônimas repetindo o título “Pela Faculdade de Filosofia”; uma publicação do jornal considerando injustas os ataques que Clemente Fortes, diretor da Faculdade de Filosofia, fazia ao autor de Ulisses; duas publicações com o título “Lições dos outros, assinadas por A. Tito Filho, apoiando O. G. Rego, e cinco menções anônimas intituladas “Piauí Anedótico”, uma espécie de ironia à conduta dos membros da FAFI<sup>51</sup>.

As referidas notícias, sobre o que foi expresso, serão apresentadas na ordem cronológica das publicações, permitindo assim a compreensão dos fatos. Destaca-se a seguir aquilo que pode ter sido o início do que motivou os ataques ao escritor O. G. Rego

A FACULDADE DE FILOSOFIA. “Não te mora a autoridade do que escreve, se é de pequena ou grande ciência, mas, convido-te a ler a pura verdade. Considera o que te dizem sem atender a quem o diz (Da “Imitação de Cristo”). “De boas intenções calçaram uma rua do inferno. ” (Virgílio).”E livre a manifestação do pensamento” (Da “Declaração Universal dos Direitos do Homem”). Sei que vou provocar a ira dos interesseiros. Mas, piauiense e amante da terra, sinto-me na obrigação de dizer a verdade, senão para corrigir erros, ao menos para que não me acumplicie pelo silêncio. Fui um dos que exaltaram a idéia da fundação, no Piauí, de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, porque supus que haveria seleção dos professores e êstes defenderiam tese antes do início das aulas. O senhor Arcebispo Dom Avelar confiou a tarefa a um homem vantajoso, comprometido, entretanto, por um pensamento errôneo, que aqui se aceita sem restrição. Acredita se entre nós que alguém por ter demonstrado brilho em direito, por exemplo, será bom professor de história, ou que o ensino no ginásio autoriza a admissão do “repetidor” na Faculdade. É um problema sério, resultante da falta de valores. Esquecê-lo equivale à oficialização do improviso. E tudo o que temos feito até agora não passa disto. Nosso Estado vive em meio ao mais deprimente atraso. Durante três séculos nos acostumamos de tal sorte ao medalhão, que não podemos mais prescindir dele: tornou-se uma instituição piauiense... Quase

---

<sup>51</sup>. Faculdade de Filosofia do Piauí.

todas as nossas “culturas” são aparentes e não resistem à menor análise. Daí a razão por que detestam a crítica, de medo que lhes desnude a mediocridade. Quando se ergue uma voz para condenar, procuram denegri-la. Imagino como seria desastroso mostrar ao público que o barro de seus "deuses" se quebra à luz do sol... Apesar disso, reconheço que devemos ter uma Faculdade de Filosofia, que melhore o padrão do ensino secundário e fomenta outras iniciativas no campo das ciências e das letras. Não quero, entretanto, fechar os olhos à pressa com que organizam o novo instituto. Alguns nomes inclusive uns que ficariam mal ensinando curso de admissão já foram escolhidos: criticá-los-ei logo que os divulgarem. Dirão que não será a ausência de títulos ou trabalhos sobre a matéria prova de incompetência. Certo. Mas, por que não produzir antes? Por que devemos nós confiar na opinião que têm de si mesmo? Não é necessário o estilo de Flaubert para obras de erudição. Ninguém exigirá que um professor de geografia seja escritor. Basta que revele bons conhecimentos de sua disciplina e exponha as idéias (próprias) com naturalidade. Vejam a revista Econômica Piauiense". Não irá ela criar um clima propício à fundação da Faculdade de Ciências Econômicas? Os colaboradores que revelarem muito valor constituirão, em breve, o corpo docente da escola. Por que não seguir esse exemplo? E' bem melhor requerer de frente erguida a inscrição da Faculdade a obtê-la como um favor. Não permitirei jamais esta humilhação para o Piauí. Deus é testemunha de minha sinceridade (Carvalho, 1957b, p.3).

Este e outros artigos foram escritos por O. G. Rego na condição de colaborador do Jornal *O Dia*. Ao iniciar o texto, logo no início, foi expresso a frase: “sei que vou provocar a ira dos interesseiros”. Com essa afirmativa as reações daqueles que pretendiam ocupar uma vaga como professor na Faculdade de Filosofia são antecipadas. Constata-se que não havia contrariedade na implantação da instituição de ensino por parte de O. G. Rego, que destacou. “Fui um dos que exaltaram a ideia da fundação, no Piauí, de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, porque supus que haveria seleção dos professores e estes defenderiam tese antes do início das aulas” (Carvalho, 1957b, p. 3).

Dessa forma, percebe-se que a manifestação do escritor é direcionada apenas ao currículo dos docentes escolhidos, sem critério técnico, pelo Arcebispo Dom Avelar. Por essa razão, foi publicado no jornal *O Dia*, um artigo denominado *A.B.C. da Filosofia*. Nessa matéria não havia autoria, mas foi atribuída pelos escolhidos por Dom Avelar, ao cargo de professor da Faculdade, como sendo de autoria de O. G. Rego. E são várias as evidências que permitem inferir que tenha sido o romancista o autor do referido texto intitulado *A. B. C. da Filosofia*, um depoimento para a história do Piauí. Veja:

**A** - Acrísio Torres. Quem é Acríssimo Torres? Uma interrogação dolorosa.  
 - Alcides Nunes. Foi *meu* professor no curso de admissão. Elegeu-se deputado pelo PSD (prorrogacionista), revelando assim merecimento para ensinar na Faculdade de Filosofia. - Álvaro Ferreira. Está ensinando os mestres a escrever. É da geração de 1917. **B** - Benjamin do Rêgo Monteiro Neto.

Assegurou-me que estudará sociologia. “A confusão era geral”. **C** - Camilo Filho. E o mais “inteligente” deles. Diretor de direito (preterido) e de fato (vitorioso). Muito humorado, leva a Faculdade na brincadeira. - Celso Barros. Ex-delegado do I. A. P. C. - Clemente H. P. Fortes. Quis ensinar filosofia, mas **D**. Avelar cotou-lhe as pretensões. E, bom professor de gramática expositiva. Não decepcionará. **D** - D de “Ductos cum libro”. **E** - Edgar Nogueira. Ex-diretor da primeira faculdade de filosofia, a que começou com 190 professores catedráticos. Deram-lhe a cadeira de geografia física como prêmio de consolação. Receberia com gosto a de botânica. **F** - Ferreira. Cláudio Francisco Ferreira. Vive filosoficamente. Ensinará filosofia. **G** - Gonçalves. Waldir de Figueiredo Gonçalves. Chefe de Polícia, “modéstia à parte”. **H** - Hermínio Davis, padre. Exímio latinista. É uma das pessoas mais capazes e mais brilhantes do Piauí. **I** - I de idealismo. I de interesse. **J** - João Alfredo, João Marques. Silêncio. - José Carlos Pires de Carvalho Fortes Castelo Branco. Professor de mecânica celeste, (Rogou-me que não pusesse seu nome nesta relação. Motivos pessoais). **L** - Lineu Araújo. Diretor do Hospital Getúlio Vargas. - Lustosa Sobrinho. Vai ensinar psicologia. Há quantos anos estuda esta disciplina? **M** - Manuel. Manoel Paulo Nunes. Desconhece gramática, segundo confessou. De “Os Lusíadas” de Camões somente tolera os “doze” primeiros cantos. Vai ensinar literatura portuguesa. - Maria de Lourdes Nunes. Uma jovem bonita. **N** - Nonato de Melo, padre. Consta que se aborrece quando dizem que não sabe italiano. **O** - Oscar Cavalcanti. Um nome a mais. - Ofélio das Chagas Leitão. “Gozou” o rol dos mestres e concluiu que também está em condições de pleitear uma cadeira, qualquer cadeira. **P** - Porto Carlos Eugénio Porto. Foi omitido injustamente (escritor da ABDE, figura na diretoria ao lado de Manoel Paulo Nunes e de Rodrigues dos Santos). **Q** - Q de “quisito”. **R** - Raldir Bastos. Ensina português, latim & francês. Conseguiu falar português. - Rogerio de Castro Matos. Um bom amigo. - Robert Wall de Carvalho. Professor de história, mas sua vocação ainda é o concreto armado. **S** - Santana. Raimundo Nonato Monteiro de Santana. É inegavelmente o que está produzindo de todos eles, juntamente com Álvaro Ferreira. Perigo: “arranjar” uma teoria do desenvolvimento nacional na obra de Machado de Assis. - Simplício de Sousa Mendes. Da geração de 1917. O velho está em plena forma, humilhando a mediocridade de outro da geração HP. Não foi convidado: com toda certeza, o desembargador sombrearia qualquer dos medalhões. **T** - T de “Tímeo hominem unius libri”. **U** - Uma letra apenas. **V** - Valter Alencar. Estuda direito comercial. **X** - Xenil. Rio da Espanha. **W** - Wilson Brandão. Bom professor de francês. Muito sincero, confessou à direção da Faculdade que era materialista. Bom começo para uma Faculdade católica. **Z** - Z de zeugma. Um teste para M. Paulo Nunes. Um dicionarista (A.B.C [...], 1957, p.1).

É destacado no A.B.C da Filosofia, de forma irônica, o perfil de cada professor “escolhido” para ministrar aulas nessa instituição. Assim, o A.B.C foi uma composição satírica, descrevendo as habilidades dos escolhidos pelo arcebispo. Esse artigo, mesmo apresentando algumas passagens com ironia, descrevia também a realidade sobre as habilidades dos professores. Quando não existia nomes com a letra inicial do alfabeto, o autor usava um certo humor irônico, como esses: *I “de idealismo” e “interesse”*; *D de “Ductos cum libro”* e *T de “Tímeo hominem unius libri,”* que na tradução do latim para o português significam

respectivamente: “*guiado com um livro*” e “*eu temo o homem de um livro*”. Esse homem de um livro é uma referência a O. G. Rego, que na época, com 27 anos só havia publicado “Ulisses”.

Dos nomes inseridos no *A.B.C da Filosofia*, Manoel Paulo Nunes e Clemente Fortes, que colaboraram com a Revista Caderno de Letras Meridiano, foram os que mais destrataram o primeiro livro de O. G. Rego. E a referência a esses professores foram as seguintes: “Clemente H. P. Fortes. Quis ensinar filosofia, [...]. É, bom professor de gramática expositiva. Não decepcionará”; “Manuel. [...]. Desconhece gramática, segundo confessou. De ‘Os Lusíadas’ [...] somente tolera os ‘doze’ primeiros cantos. Vai ensinar literatura portuguesa” (O Dia, 1957, p.1).

### 3.2.3 Os efeitos da publicação do A. B. C. da filosofia

Após a publicação desse artigo, evidenciou-se o efeito que Wilson Brandão chamou de “despertar a autocrítica”, em declaração feita ao jornal *O Dia* que teve o título “Pela Faculdade de Filosofia”. Esse título de matéria se repetiu em diversas publicações. Observe.

Conta o doutor Wilson Brandão que o “A. B. C. da Filosofia” publicado domingo último neste jornal, teve o privilégio de despertar a auto-crítica das pessoas que irão ensinar na douta Faculdade de Filosofia do Piauí. O professor Raldir Bastos declarou que desistirá. O mesmo sucedeu com o professor Celso Barros quando viu o regulamento da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, segundo o qual é obrigado o professor à investigação científica e à publicação de obras de real valor. Quem será o próximo a assumir tão nobre atitude? Vamos, insignes mestres, coragem! Não queiram tanto mal ao Piauí! (Pela Faculdade [...], 1957a, p.1).

Como verificou-se na passagem acima, com o feito da publicação do A.B.C, o despertar da autocrítica teria se manifestou-se em dois professores, Raldir Bastos e Celso Barros, que abdicaram do cargo antes de assumirem. E a informação é finalizada com o jornal interpelando, “quem será o próximo a assumir tão nobre atitude”. Essa informação não se confirmou, pois o professor Celso Barro assumiu o cargo.

De acordo com Campos (2019, p. 168), o parecer da Comissão de Ensino Superior e do Conselho Nacional de Educação, de 1958, apresentava os nomes de 19 professores aprovados pelo órgão para compor o corpo docente da FAFI, dentre os quais estava o nome do professor Celso de Barros.

Ulteriormente a essa notícia o governador solicitou que a bancada federal do Piauí intercedesse junto ao Ministério da Educação para que este agilizasse o funcionamento da faculdade.

Comenta o jornal oficioso que o Governador do Estado telegrafou à bancada federal do Piauí recomendando-lhe que interceda junto ao Ministro da Educação no sentido de ser autorizado o funcionamento da douta Faculdade de Filosofia. Será que nossos homens não possuem mais respeito próprio? Não basta a vergonha de ir para o Rio uma relação que inclui nomes de todo incapazes? Para que mais esta confissão de incompetência de nosso professorado? Que venha a Faculdade de Filosofia, são nossos ardentes desejos. Mas nem por longe admitimos que a autorize o Ministério como um favor pessoal aos politiquinhos, que tudo conta- minam. O Senhor Ministro da Educação não deve, pois, subestimar os interesses do ensino para atender à vaidade de alguns tabus da terra, aqui mesmo desmoralizados. Que haja justiça, é o que confiamos (Pela Faculdade [...], 1957b, p. 1).

Pelo que se observa na publicação do jornal, a implantação da Faculdade era bastante útil ao estado, mas estava sendo também um ato político. Não só o escritor O. G. Rego criticava esse ato, a sociedade e a imprensa também criticavam. Conforme constata-se no trecho destacado da notícia que foi apresentada. “Não basta a vergonha de ir para o Rio uma relação que inclui nomes de todo incapazes? Para que mais esta confissão de incompetência de nosso professorado” (Pela Faculdade [...], 1957b, p. 1).

E o “despertar a autocritica”, assim denominado por Wilson Brandão, e já descrito anteriormente continuou ocorrendo. Logo, conforme será apresentado, outro professor agiu de acordo com Raldir Bastos e Celso Barros, desistindo de lecionar na Faculdade de Filosofia do Piauí.

Consta que o doutor Lineu da Costa Araújo, indicado à cadeira de psicologia da douta Faculdade de Filosofia do Piauí, resolveu acompanhar seus colegas Raldir Bastos e Celso Barros, desistindo também de ensinar. Embora se dedicasse efetivamente ao estudo daquela disciplina, reconheceu que não tem prática de magistério, não lhe ficando bem ensinar numa escola que entre nós se destina à formação de professores. Tal gesto não nos causou surpresa, porque conhecemos a honestidade do doutor Lineu Araújo, o qual vem se conduzindo com o maior desvelo na direção do Hospital Getúlio Vargas. De qualquer modo, apresentamos-lhe nossos parabéns pela elevação e desprendimento de seu espírito, esperando que os outros dois concorrentes - Lustosa Sobrinho e João Coelho Marques - sigam êsse exemplo (Pela Faculdade [...], 1957c, p. 1).

Conforme pode ser constatado no exposto apresentado, Lineu da Costa Araújo que na época era diretor do Hospital Getúlio Vargas, foi terceiro a desistir de ocupar cargo de professor na Faculdade. A justificativa foi que reconheceu “não tem prática de magistério, não lhe ficando bem ensinar numa escola que entre nós se destina à formação de professores” (Pela Faculdade

[...], 1957c, p. 1). Consta também uma súplica para Lustosa Sobrinho e João Coelho Marques seguirem a mesma atitude de Lineu.

Ressuscitando o artigo A. B. C. da Filosofia, o jornal *O Dia* publicou a declaração de Alcides Nunes, onde ameniza o comentário sobre o mesmo naquela publicação que expressou o seguinte: “Alcides Nunes. Foi meu professor no curso de admissão. Elegeu-se deputado pelo PSD (prorrogacionista), revelando assim merecimento para ensinar na Faculdade de Filosofia”. Sobre essa declaração o referido professor relatou:

Quando Alcides Nunes, professor dessa Faculdade, tomou conhecimento do “A. B. C. da Filosofia”, exclamou risonho: “Ainda bem que me deram um título - o de deputado; outros não têm nem isso”. Pior é o caso do professor Manoel Paulo Nunes, que confessou não saber gramática, e cujos alunos, reunidos em classe, em dois anos diferentes, pediram que lhes desse a graça de sua ausência. Muito pior ainda é a situação do professor João Alfredo, que, detentor de duas cadeiras de história nos colégios estaduais, permitiu que as arrebatassem por meio de concurso a que não quis submeter-se. Há casos mais dolorosos ainda, como o do professor Benjamin do Rêgo Monteiro Neto, professor de direito internacional, de direito constitucional, de sociologia, de história contemporânea e finalmente de jornalismo. Um sábio... (Pela Faculdade [...], 1957d, p. 1).

Ao relativizar que o critério para lecionar uma disciplina na faculdade era ser deputado, Alcides Nunes faz pouco caso de sua competência, aparentando não estar preocupado com o que fora exposto a seu respeito. E faz ironia com o que o A. B. C. expunha sobre os professores Manoel Paulo Nunes, João Alfredo e Benjamin do Rêgo Monteiro Neto. Por outro lado, a matéria que será apresentada, publicada pelo jornal *O Dia*, chama a atenção dos professores da Faculdade de Filosofia pelos ataques ao escritor O. G. Rego.

É com profunda tristeza que vemos professores da Faculdade de Filosofia, os quais deveriam ter elevação de espírito, esconder-se num pseudônimo para atacar um de nossos colaboradores. Isso apenas prova que não têm razão, porque, *de outro modo, estariam escrevendo trabalhos sobre filologia românica, literatura portuguesa, etc.*, a fim de demonstrar que são competentes. Haveria melhor resposta? O que desejam, já vimos, é a letra “O”. Daí o desespero de artigos que descem à infâmia, torcem a verdade, maculam frases inocentes, numa deselegância sem limites. Urge que D. Avelar tome providências, caso queira resguardar o patrimônio moral da Faculdade, cujo diretor não tem a ombridade de assinar os próprios artigos (Pela Faculdade [...], 1957e, p. 1).

O jornal *O Dia* declarou seu descontentamento com o comportamento dos professores da instituição citada. Chama a atenção desses por não terem espírito elevado, e através de nomes fictícios ofenderem o romancista com publicações, e destaca: “isso apenas prova que não têm

razão, porque, de outro modo, estariam escrevendo trabalhos sobre filologia românica, literatura portuguesa, etc. a fim de demonstrar que são competentes. Haveria melhor resposta”<sup>52</sup>. É possível concluir que a publicação adverte principalmente Clemente Fortes e Manoel Paulo Nunes. Assim, quando expressa os termos “filologia românica” e “literatura portuguesa” compreende que seja um direcionamento às atitudes desses professores da área de Letras. Também foi feito um pedido a D. Avelar para que “tome providências”. A notícia é finalizada explicitando o diretor da faculdade que naquele período era Clemente Fortes.

Assim, o próprio O. G. Rego também solicitou providência a D. Avelar pelos ataques que sofria dos professores da Faculdade de Filosofia. É importante esclarecer que o interesse do escritor não era polemizar e muito menos ser contra a criação da instituição, havia por parte do romancista uma preocupação com a melhoria da educação.

Em publicação no jornal *O Dia*, O. G. Rego lembrou as solicitações feitas, quando ainda não havia sido pensada essa possibilidade de criação de uma faculdade. “S. Ex.<sup>a</sup> prometeu-nos que somente escolheria os melhores e envidaria esforço para trazer-nos licenciados de fora, para matérias como antropologia (o exemplo é meu) e outras” (Carvalho, 1957c, p. 3). Do mesmo modo, seguiu apresentando preocupação sobre a atuação e atitudes dos docentes.

[...]. Eis, porém, que o magistério da Faculdade Católica saiu contrário às esperanças. Os jovens que se dirigiram S. Ex.<sup>a</sup> estão decepcionados. Por quê? A razão é simples. Das 27 indicações apenas são capazes, para as respectivas cadeiras, os seguintes: Pe. Hermínio Davis, Claudio Ferreira, no curso de filosofia, Álvaro Ferreira e Rogério Matos, no de geografia e história; Wilson Brandão, Pe. Nonato de Melo Raimundo Santana, no de línguas neolatinas. Outros há que não têm competência para o ginásio Exemplo: Manoel Paulo Nunes, cuja arrogância, gestos e voz teatrais, escondem uma irresistível ignorância. Recordam-se do caso do ABDE? Por isso, e não por causas subalternas, oponho-me fundação, naqueles moldes, da Faculdade de Filosofia. Às vésperas de deixar o Piauí, com consciência de minha insignificância, não poderia ter veleidades de professor universitário: não desejo ser mais do que ficcionista. Onde, pois, explicar a campanha anônima que movem os professores da Faculdade de Filosofia contra mira? Será afirmando minha pequenez (notória), que esperam provar seu valor? E aqui vai uma pergunta que me inquieta: concordará S. Ex.<sup>a</sup> que alguns despersonalizados tomem defesa de sua Faculdade? Por que os autores não assinam, preferindo um anonimato que os humilha? A resposta vem a qualquer um, imediatamente. Se não assumem a responsabilidade dos artigos é porque têm receio que EU lhes retire a máscara de cultos e sabidos. [...]. Querem reduzir a Faculdade à simples condição de ABDE, que, todos sabemos, foi um assalto de 68 vaidosos no título de escritor. A que se destina esse instituto, o mais sério de uma Universidade? 1º A investigação científica. E que trabalho farão os professores, insuficientes, na maioria para o ensino no colégio? Que confiança podem inspirar-nos? 2º A criação de um clima para o

<sup>52</sup> Trecho retirado da citação anterior.

desenvolvimento intelectual. Não poderão os mesmos professores, reunidos na Sociedade Piauiense de Cultura, fomentar esse desenvolvimento? Se até hoje não escreveram uma linha, uma linha que fosse, como esperar que o farão dentro da faculdade? 3º A formação de bons lentes para o ginásio. Poderão autodidatas fazer professores? Não está a Universidade de São Paulo, com 1500 vagas nas diversas faculdades? Por que nosso Governo não concede bolsas de estudo a rapazes vontadosos? (Carvalho, 1957c, p. 3).

Diante do que foi exposto é importante destacar que o número de professores, no início, eram 34, nesse artigo constam 27 em razão da desistência de alguns. Desse total, O. G. Rego considerava capacitados os seguintes: Pe. Hermínio Davis, Claudio Ferreira, Álvaro Ferreira, Rogério Matos, Wilson Brandão, Pe. Nonato de Melo e Raimundo Santana. Dos que discordava da capacidade citou Manoel Paulo Nunes a quem se referiu como arrogante e ignorante (Carvalho, 1957c, p. 3).

O escritor ainda menciona a campanha que os professores moveram contra ele, indagando-os, se irão provar o valor deles “afirmando minha pequenez notória”, e refere-se aos docentes como despersonalizados por estes não assinarem o que publicam contra ele. Neste contexto, a ABDE é mencionada. Alguns desses fizeram uso da associação dos escritores para distribuir títulos de escritores. Sendo também enfatizado a produção desses professores, questionando a “investigação científica”, “a escrita” e os bons professores do ginásio que poderão se tornarem “autodidatas” na faculdade” (Carvalho, 1957c, p. 3).

Dessa forma, fica claro que a notícia que será apresentada repudia a atitude dos professores e a omissão de D. Avelar por acolher aqueles que difamavam o colaborador<sup>53</sup> do jornal *O Dia*. “Causa estranheza que D. Avelar, vítima de calúnias, acolha na Faculdade Católica (!) professores acostumados a difamar o próximo” (Pela Faculdade [...], 1957f, p.1). E, avançando com o repúdio, o jornal cita diretamente Clemente Fortes (diretor da faculdade).

[...]. Esses mestres-filósofos, escondidos debaixo de um pseudônimo comum e orientados pelo diretor da Faculdade, descem a baixezas sem limite, chamando aquêle que lealmente os critica de desocupado, interesseiro, narcisista e moleque de recados. Há pouco tempo o professor Manoel Paulo Nunes vinha à imprensa difamar um de nossos colaboradores, êle que depois chamaria D. Avelar de agente do capital colonizador (Pela Faculdade [...], 1957f, p.1).

O jornal *O Dia*, apresentou o caráter do diretor da faculdade que extrapolou no comportamento e na ambição de ser o futuro reitor. Segundo o que foi exposto havia uma orientação do diretor para que os “mestres-filósofos” atacassem os críticos que se

---

<sup>53</sup> Colaborador é uma referência ao escritor O. G. Rego de Carvalho que colaborava com o Jornal O Dia.

manifestassem sobre a falta de capacidade dos docentes. Contra aqueles que os criticavam havia a adjetivação de: “desocupado”, “interesseiro”, “narcisista” e “moleque de recado”. Esta mesma publicação foi concluída assim: “ao que tudo indica, começa bem a nova Faculdade, instrumento da ambição do professor Clemente H. P. Fortes, que sonha também ser Reitor da futura Universidade” (Pela Faculdade [...], 1957f, p.1).

Como resposta às críticas feitas ao romance *Ulisses*, por professores da faculdade, O. G. Rego em um artigo com o título “Convite à Lealdade” expôs que as críticas eram por diversas razões, menos erros na sua obra. E iniciou demonstrando compaixão aos críticos. “Pobre mestre! - foi a exclamação que me ocorreu, quando li sua nota de domingo em que, mais uma vez, procurou destruir o pouco que tenho feito. Causou-me pena vê-lo usar de artifícios dolosos, quer truncando meu pensamento pelo corte de frases [...]” (Carvalho, 1957d, p.3). De acordo com o conteúdo da publicação que será apresentada, percebe-se que não foi revelado o nome do “mestre”, mas esse vocábulo foi repetido diversas vezes.

[...]. A verdade é que já não confio nele. A princípio foi uma simulação que me pôs em dúvida. Tinha ido procurá-lo e o surpreendi pela janela brincando com um gatinho. Como não quisesse constrange-lo com o flagrante, voltei e bati palmas. Houve um movimento abafado. Um minuto depois alguém me abriu a porta. E vi o “mestre” à sua mesa, mergulhado atentamente numa leitura. Depois vê-lo a confissão dolorosa, de que costuma contradizer os outros, negando as próprias convicções, somente para vê-los embaraçados. E eu pensei embora certo, quantas vezes tentou levar-me a erro? Por fim aquelas coincidências reiteradas, de que outrem é testemunha. O “mestre”, insatisfeito do renome, começou a enunciar pensamentos brilhantes, que ele próprio iria ver daí a uma semana, em um livro estrangeiro. Apesar disso, nunca supus que revidasse com críticas desonestas minhas acusações à sua incompetência como professor da Faculdade de Filosofia. Resta-me, de tudo isso, a impressão de um desespero, uma incompreendida inveja, a dor de não se ter realizado como ficcionista. E sinto que estou diante de meu zoilo, figura universal do crítico azedo injusto. Não basta ao “mestre” a enumeração de erros que corrigi na última edição de minha novela, escrita dos 19 aos 22 anos de idade, numa terra de oradores! Sua deselegância não tem limites. Pega uma oração isolada e lhe atribui sentido malicioso. Corrige o certo, servindo-se, para tanto, de dicionarista do século XIX. [...]. Não posso, contudo, resistir ao prazer de provar que se vem aviltando, a ponto de desafiar a argúcia do leitor (Carvalho, 1957d, p. 3).

Nesse contexto, de fatos apresentados, o romancista expôs os reais motivos, que segundo ele seriam “críticas desonestas”. Dessa forma, O. G. Rego diz que “já não confia nele”. Essa sentença possibilita entender a que o direcionamento da publicação seria para o Professor Clemente Fortes, que fazia maior oposição ao livro *Ulisses*.

O escritor foi ainda mais incisivo quando se referiu ao “mestre insatisfeito do renome”, com as expressões: “*incompreendida inveja*”, “*impressão de um desespero*”, “*não se ter realizado como ficcionista*”, “*estou diante de meu zoilo*<sup>54</sup>”, “*figura universal do crítico azedo injusto*”, “*atribui sentido malicioso a orações isoladas*” e “*corrige o certo*”. Essa reação pode ser compreendida como um retorno às críticas.

Diante da firmeza com a qual O. G. Rego revidava, ao que *O Dia* classificou de “difamação” contra ele, o Arcebispo Metropolitano D. Avelar Brandão Vilela, que recebia cobranças do escritor por sua omissão diante das atitudes dos docentes da faculdade, revelou que “[...] demonstrava o apreço ao romancista não só por opinião expressa no artigo ‘Deus e os Homens’, mas também pela salvação de sua alma” [...] (O Dia, 1957, p.1).

Como os leitores devem estar lembrados, publicamos domingo penúltimo um trabalho de nosso distinto colaborador O. G. REGO DE CARVALHO, sob o título de “Deus e os Homens”. Esse artigo, em forma de carta-aberta ao Sr. Arcebispo Metropolitano D. AVELAR BRANDÃO VILELA, apresentava sugestões e críticas ao que o autor considera a conduta dos homens, mormente do clero, diante de Deus. Domingo passado publicamos a resposta de D. AVELAR, o que demonstra o apreço do S. Ex.ª Revma.ª não só pela opinião do autor, mas também pela salvação de sua alma. A carta de D. AVELAR revela profunda compreensão e atribui o gesto do jovem escritor ao que, na opinião de S. Ex.ª Revma.ª, é uma crise espiritual. [...]. Todos nós presenciamos, com tristeza, ao processo de difamação que sofre, no Piauí, O. G. Rêgo de Carvalho, em virtude de ter tido a coragem moral de combater mediocridades reluzentes de nossa terra, as quais, além de constituir um exemplo pernicioso para a juventude, estão a entravar o progresso intelectual [...] (O Dia, 1957, p.1)

Observou-se na notícia que o arcebispo reconheceu serenidade em O. G. Rego diante dos acometimentos que vinha recebendo dos professores da Faculdade de Filosofia. Mas essa atitude de reconhecimento, com certa pacificação por parte do arcebispo, traz uma interpretação que seria o retorno da ação, ou seja, os professores da faculdade, que eram comandados por D. Avelar, estavam passando por “desaprovação” na sociedade e “constrangimentos” por suas críticas ao romancista.

Não fomos exatos ao contar a história do “POIS NAO, MESTRE”. Ela se passou assim: Manoel Teodoro Gomes foi a um bar e encontrou-se com o “mestre” Clemente, a quem cumprimentou: Boa tarde, “mestre”. Que há de novo? O professor Clemente H. P. fechou os olhos, como que atuado: Manoel, disse êle, você me chama assim por admiração à minha cultura. Mas o O. G. desmoralizou a palavra mestre, de modo que gostaria de ser tratado de outro

---

<sup>54</sup> Zoilo crítico invejoso, pessoa injusta, que denigre.

jeito. Manoel Teodoro não se atrapalhou: - Pois não, “mestre”.... (Piauí [...], 1957a, p. 5)

Nessa publicação do jornal *O Dia*, o termo *mestre* que enalteciam os dois professores que faziam oposição a O. G. Rego, tornou-se banal. Assim, o professor, citado pelo jornal, já não era visto na sociedade como letrado. Isso porque não consegui argumentar sobre aquilo que apontava como erros de português no romance *Ulisses*. Essa não foi a única publicação do jornal que mostrou que o professor e diretor da Faculdade de Filosofia estava desacreditado, um texto com o título *O te e o rabo* que fazia menção ao professor Clemente apresentava uma carga pejorativa ao referido professor.

Numa de suas notabilíssimas aulas de português, em que aliava à pretensão de erudito a voz de orador de pantomima, o “mestre” H. P. reclamou que médico Álvaro Ferreira Filho, então seu aluno, escrevesse Álvaro sem acento agudo. Ora, professor: papai também escreve assim ... - defendeu-se o aluno. Mas seu pai está errado. A ortografia manda escrever com acento as palavras proparoxítonas... - Pois seu caso é pior do que o meu: enquanto eu deixo de acentuar - foi a resposta – o senhor escreve Clemente com t e um rabinho... O “mestre” irritou-se. Álvaro, porém, consultou Martins Napoleão [...] (O Piauí [...], 1957b, p.5).

Estas fontes mostram que esta longa polêmica agitou os círculos literários e educacionais da cidade. Os ataques eram de ambos os lados com direito a réplicas e tréplicas, se as reclamações ou denúncias de O. G. Rego de Carvalho não alcançaram êxito no que se refere a seleção de professores ou a vinda de docentes de fora do estado para integrar o quadro da FAFI.

O. G. Rego expressou sua opinião sobre o que entendia ser critério para a contratação do grupo de professores que dariam início a formação docente de nível superior no Piauí, um dos pontos defendidos pelo escritor era a contratação de professores de fora do Piauí com o argumento de que contribuiriam para formar uma nova mentalidade. Naquele momento, não conseguiu interferir nas contratações, mas provocou um debate na sociedade.

Coincidência ou não, é interessante observar que após 14 (quatorze anos) deste episódio, em 1971, quando foi criada Universidade Federal do Piauí - UFPI (oriunda da junção de cinco faculdades existentes no estado do Piauí, dentre as quais a FAFI), embora inicialmente tenha sido nomeado Robert Wall de Carvalho, diretor da Faculdade de Direito do Piauí como Reitor *protempore*, segundo Mendes (2012, p. 248), ao assumir o governo do estado, Aberto Silva, por meio de sua influência junto ao Governo Federal, articulou a vinda de um professor de fora do Estado, Hércio Ulchoa Saraiva, para assumir a Reitoria da UFPI. “Hércio Saraiva era professor

da Universidade de Brasília, PhD em Sociologia e fazendo uso de sua juventude e determinação, pretendia implantar um modelo novo em uma nova Universidade” (Mendes, 2012, p. 248).

Segundo Mendes (2012, p. 249), o professor Hécio assumiu a Reitoria da Universidade Federal do Piauí, em julho de 1971, “por não ser piauiense [...] o professor Hécio Saraiva teve de enfrentar forte oposição interna dos antigos intelectuais piauienses e dirigentes das mantenedoras das Antigas Faculdades”. Apesar do clima de insatisfação, o autor ressalta que o professor Hécio, ao assumir a reitoria da UFPI, iniciou a construção das instalações físicas do Campus do Ininga, estruturou os departamentos, “criou a primeira Comissão Permanente de Vestibulares (COPEVE) e implantou o primeiro vestibular unificado” (Mendes, 2012, p. 249).

É importante lembrar que na década de 1970 o país vivia o auge da ditadura militar e as principais marcas desse tempo foram censura e repressão, afetando todas as intuições sociais e fortemente as universidades brasileiras. Neste período, estava sendo implementada a reforma universitária estabelecida em 1968. No que se refere a forma de acesso às universidades públicas, segundo Gatti (1992, p. 87), “cada universidade organizava seu vestibular próprio, e o Ministério da Educação passa a normatizar com características cada vez mais genéricas esses exames, deixando boa margem para cada instituição definir seu modelo”.

Neste contexto, as camadas médias da sociedade pressionavam por vagas nas universidades pública e os exames vestibulares geravam grande efervescência social, pois movimentava os estudantes, as famílias e as escolas. Desse modo, a partir da década de 1970, o nome do escritor O. G. Rego de Carvalho estaria presente nos jornais do Piauí, as polêmicas ficaram no passado e o destaque passa a ser sua literatura que fará parte de sucessivas listas de estudos obrigatórios para vestibulares no Piauí.

### **3.3 Educação e literatura: a presença das obras de O. G. Rego de carvalho nas escolas e concursos vestibulares.**

Este tópico focaliza a presença das obras do escritor O. G. Rego de Carvalho no ensino de literatura nas escolas e concursos vestibulares, procurando destacar os aspectos educacionais de seus livros e os diferentes usos no contexto educacional. Utiliza-se com fontes, nesta parte, jornais e revistas, além dos livros do autor.

A literatura de O. G. Rego pode ser abordada por diferentes aspectos, no espaço da sala de aula. Com essa característica a produção desse escritor direciona o leitor para uma leitura de sentido abrangente. Por essa particularidade estabelece uma conexão com o escreveu Bardini e Aguiar (1988, p.13), a respeito da leitura da literatura. “Todos os livros favorecem a

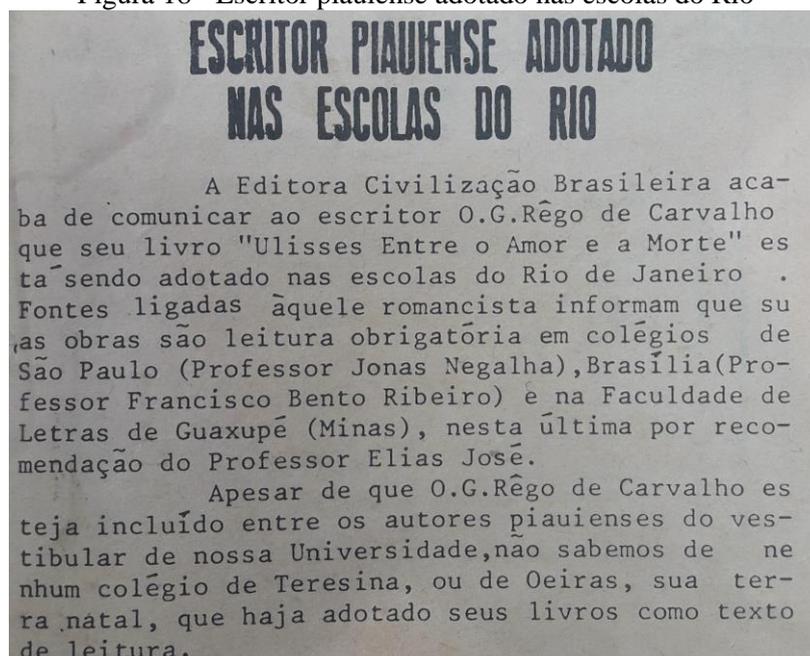
descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente”. Dessa forma, segundo as autoras, o texto literário consegue uma significação mais ampla.

O texto literário “se vale da imitação genérica constituída pelos símbolos lingüísticos, e atinge, sem dúvida, um plano de significação igualmente universal - através, porém, de uma reprodução esmerada do concreto e particular” (Merquior, 1972:7-8). A linguagem literária extrai dos processos histórico-político-sociais nela representados uma visão típica da existência humana. O que importa não é apenas o fato sobre o qual se escreve, mas as formas de o homem pensar e sentir esse fato, que o identificam com outros homens de tempos e lugares diversos escreveu (Bardini; Aguiar (1988, p.13-14).

Ainda segundo as autoras, a obra literária é “o resultado de uma interação ao mesmo tempo *receptiva* e *criadora*. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada” (Bardini; Aguiar (1988, p.14). Essas características, presentes em seus livros, permitiram ao escritor colaborar com as escolas e as universidades por meio de sua produção literária.

Como já visto, os livros do autor eram divulgados por diversos veículos de comunicação. Circularam também por escolas de vários estados. Instituições de ensino de outros estados, como: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal trabalhavam as obras de O. G. Rego. Essa informação foi publicada pelo jornal *O Estado*, conforme a notícia a seguir.

Figura 18 - Escritor piauiense adotado nas escolas do Rio



Fonte: O Estado (1975).

A imagem apresentada é da publicação do jornal *O Estado*, e informa sobre a presença dos livros de O. G. Rego em diversas instituições de ensino do país. Essa notícia também está presente na transcrição seguinte.

A Editora Civilização Brasileira acaba de comunicar ao escritor O. G. Rego de Carvalho que seu livro “Ulisses Entre o Amor e a Morte” está sendo adotado nas escolas do Rio de Janeiro. Fontes ligadas aquele romancista informam que suas obras são leitura obrigatória em colégios de São Paulo (Professor Jonas Negalha), Brasília (Professor Francisco Bento Ribeiro) e na Faculdade de Letras de Guaxupé (Minas), nesta última por recomendação do Professor Elias José. Apesar de que O. G. Rêgo de Carvalho esteja incluído entre os autores piauienses do vestibular de nossa Universidade, não sabemos de nenhum colégio de Teresina, ou de Oeiras, sua terra natal, que haja adotado seus livros como texto de leitura (Escritor [...], 1975 p. 3).

Conforme apresentado, o jornal *O Estado* noticiava que a Editora Civilização Brasileira havia comunicado ao escritor O. G. Rego sobre a adoção de seu livro *Ulisses* em instituições de ensino de três estados e do Distrito Federal. Quanto ao relato, feito pelo jornal *O Estado*, “não sabemos de nenhum colégio de Teresina, ou de Oeiras, sua terra natal, que haja adotado seus livros como texto de leitura”, isso não se confirmou na prática, pois no ano anterior a essa publicação, o jornal *O Dia* publicou uma matéria direcionada aos estudantes de Teresina, intitulada: “Curso de Literatura Piauiense começa segunda-feira”. Em publicação anterior, a que foi apresentada pelo jornal *O Estado*, o Jornal *O Dia* informava sobre o início do curso de literatura piauiense, aos estudantes inscritos no vestibular. Nesse curso, promovido pelo Governo do Estado, as obras de O. G. Rego estavam inclusas. E o professor que ministrou as aulas com abordagem nas obras de O. G. Rego foi Francisco Miguel de Moura que já havia publicado um livro intitulado “*Linguagem e Comunicação em O. G. Rego de Carvalho*”.

O curso sobre Literatura Piauiense para vestibular começa na próxima segunda-feira, na Biblioteca Estadual. Existem 720 alunos inscritos, mas não há mais vagas, segundo informou ontem o professor Cineas Santos. As aulas serão financiadas pela Secretaria da Cultura. O curso “é essencialmente didático, não podendo fugir de outro prisma senão o das aulas para quem vai fazer vestibular, dentro da literatura piauiense. Não foi cobrada taxa de inscrição, tampouco o curso vai fornecer certificados de presença”, afirmou Cineas Santos. TEMAS O Curso sobre Literatura Piauiense vai mostrar os aspectos didáticos das obras de O. G. Rego de Carvalho, Da Costa e Silva, Assis Brasil, Fontes Ibiapina, Álvaro Pacheco e Felix Pacheco. Durante um mês ainda não existe prazo de encerramento todos os alunos vão entrar em contato com as obras desses autores, que estão no programa para o Vestibular de 1975, PROFESSORES O poeta e crítico Chico Miguel de Moura vai falar em O. G. Rego de Carvalho e o professor Cineas Santos em Assis Brasil,

romancista e crítico piauiense que há vários anos mora no Rio de Janeiro. O Sr. Balduino Barbosa falará sobre o poeta Da Costa e Silva, enquanto o professor Geraldo Borges sobre Fontes Ibiapina. A professora Socorro Neiva falará sobre a obra do poeta Álvaro Pacheco e o escritor J. Miguel de Matos sobre Felix Pacheco. Os 720 inscritos estão divididos em 12 turmas de 60 alunos. Para o professor Cineas Santos, o curso é da maior importância para todos os pré-vestibulandos (Curso de [...], 1974, p. 2).

A notícia sobre o curso de Literatura Piauiense esclarece que o objetivo das aulas é abordar somente obras literárias cobradas no vestibular daquele ano. O professor Francisco Miguel de Moura, em suas aulas, iria “mostrar os aspectos didáticos das obras de O. G. Rego de Carvalho” (O Dia, 1974, p. 2). Pode-se observar, na publicação, que as obras literárias causavam expectativas no ambiente escolar do estado do Piauí, principalmente nos alunos que visavam o ensino superior. E somente os grandes escritores tinham suas obras inseridas nas seleções dos exames classificatórios para ingressos de alunos nos cursos superiores das Universidades do Piauí. Observa-se um número bastante expressivo de 720 alunos inscritos no curso de literatura que iria abordar as obras do escritor O. G. Rego. O jornal *O Dia* ainda noticiou que as vagas foram esgotas, indicando que havia uma grande procura por parte dos estudantes.

Por causarem expectativas, o ritmo de leitura das obras literárias era ampliado. [...] “o vestibular, indiretamente, apontou uma operação habitual de leitura literária na escola: numa lista com 10 títulos, por exemplo, seria lido um livro por mês durante todo o último ano letivo do ensino médio até o dia do exame vestibular” [...] (Dalvi et al. 2015, p.3).

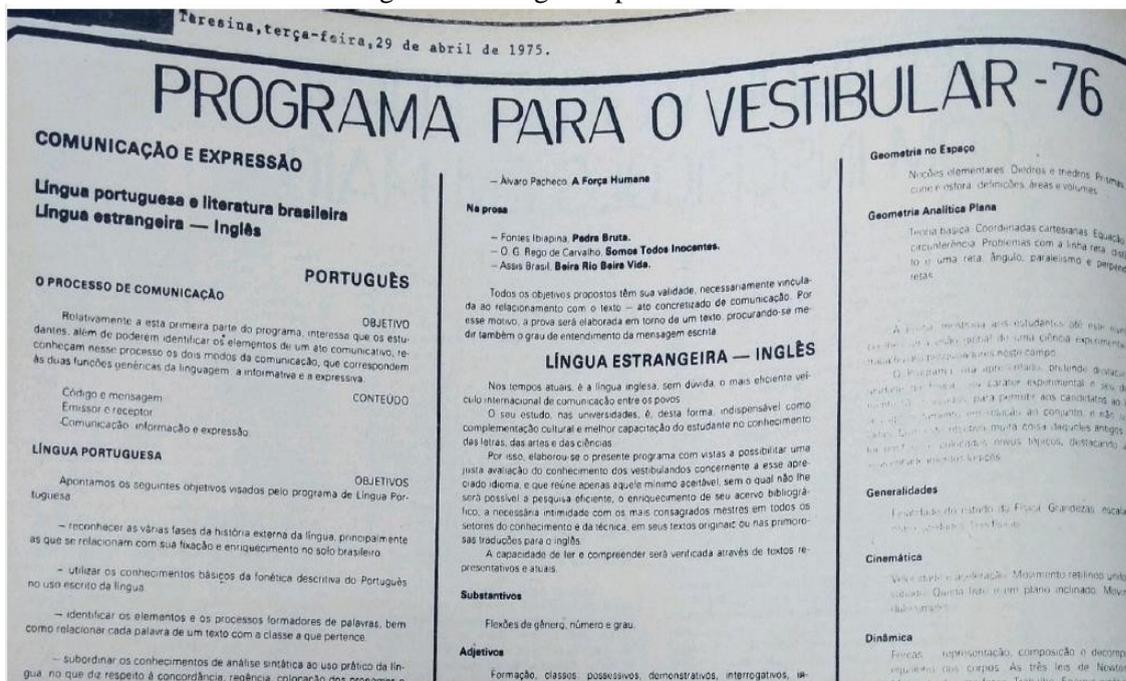
É possível perceber pelas sucessivas informações dos jornais que as universidades piauienses sempre estavam incluindo obras de O. G. Rego nos vestibulares. O jornal *O Estado* (1975), publicou os conteúdos que o vestibular da Universidade Federal do Piauí iria incluir no exame classificatório. No gênero prosa havia as indicações de *Somos Todos Inocentes*, de O. G. Rego, juntamente com *Beira Rio Beira Vida*, de Assis Brasil, e *Pedra Bruta*, de Fontes Ibiapina (Programa [...], 1975, p.10). Desse trio de prosadores, com obras presentes no vestibular, Fontes Ibiapina havia estudado com O. G. Rego, na Faculdade de Direito do Piauí, conforme já informado anteriormente. A respeito da indicação de uma lista de livros de literatura para o vestibular, Dalvi, Schwartz e Tragino (2015), respondem a indagação “por que ainda manter a indicação de uma lista de livros de literatura se o leitor já tem certa emancipação”.

O vestibular, além de um processo de seleção, é também uma avaliação com requisitos, objetivos, parâmetros e finalidades próprias, em que o que se examina é também um histórico de aprendizado, logo, um histórico de leitura, ou experiências de leitura, já pluralizada e submetida a escolhas. Essa proposta

de seleção e avaliação exige um “perfil”, mas isso não desestabiliza de modo negativo a identidade do leitor escolar ou não-escolar que existiria para além do perfil consignado pelo exame (Dalvi et al, 2015, p. 7).

Dessa forma, a indicação de um livro como leitura no exame vestibular não apenas analisa o desempenho atual, mas também considera um histórico de aprendizado, que é, por sua vez, um registro de experiências de leitura. O vestibular não é apenas uma avaliação de conhecimentos, mas também uma análise do histórico de leitura e das experiências literárias do candidato. Nesse sentido é importante considerar o histórico de aprendizado, destacando a leitura como uma parte fundamental desse percurso. Sobre a indicação das obras de O. G. Rego nos vestibulares, o jornal *O Estado* fez essa confirmação, no mês de abril de 1975.

Figura 19 - Programa para o vestibular - 1976



Fonte: O Estado (1975).

A imagem do Jornal *O Estado*, que foi apresentada, expõe a lista de obras indicadas para o vestibular da Universidade Federal do Piauí, dentre as quais o livro *Somos Todos Inocentes*, de O. G. Rego, aparece como leitura obrigatória. Sobre a relevância da literatura nos vestibulares, Zilberman (1991 p.134), diz: “vestibular, de cujo programa invariavelmente a literatura faz parte, converte-se no limite e na razão de ser do ensino daquela”. A leitura de uma obra literária amplia o conhecimento dos estudantes, em vista disso, a literatura de O. G. Rego contribuiu com a formação de gerações que leram seus livros, por opção ou por indicação. Seja como for, considerando a abrangência dos concursos vestibulares, pode-se dizer que

milhares de estudantes piauienses leram os livros do romancista de Oeiras, portanto, tiveram contanto com sua percepção de mundo, cujas marcas foram expressas em sua obra.

O DIA, vai fazer vestibular. Agora, todos os domingos, uma página inteira, com todas as dicas necessárias. Você faz as provas, mas as orientações, as informações, O DIA dá a você. Aqui, Cineas Santos e Chico Miguel de Moura, entendidos em vestibular, dizem muita coisa sobre o escritor O. G. Rego de Carvalho (Vestibular, 1974, p.10).

Essa notícia do jornal *O Dia* é importante para os estudantes, e a inclusão de informações sobre o escritor O. G. Rego de Carvalho acrescenta um elemento cultural no preparo dos alunos para o vestibular. Pode incentivar o candidato a explorar a obra desse autor e a compreender como os conhecimentos literários podem ser relevantes para o processo seletivo.

Os vestibulares movimentavam a sociedade, escolas, estudantes, famílias e jornais que frequentemente noticiavam os concursos. O jornal *O Dia*, por exemplo, repetiu uma mesma publicação, referente ao vestibular, no domingo e na segunda-feira, respectivamente dias 08 e 09 de dezembro de 1974, informava que dois professores iriam explicar a obra de O. G. Rego de Carvalho.

Percebe-se na notícia a seguir que o jornal reservava uma página para orientações e informações aos estudantes, com destaque para a literatura de O. G. Rego de Carvalho. As universidades divulgavam sempre no início do ano letivo a relação das obras literárias que seriam cobradas nos vestibulares. Havia um cuidado em elaborar resumos e questões tanto para as aulas como para serem divulgadas nos veículos de comunicações.

Figura 20 - vestibular - 1974



Fonte O Dia (1974).

Na imagem acima tem-se outra publicação do jornal *O Dia* noticiando o vestibular do ano de 1974. Na matéria, o jornal informava que todos os domingos iria dedicar uma página inteira com notícias do vestibular. Observa-se que o texto foi dividido em quatro colunas: a primeira coluna contém a capa do livro *Somos Todos Inocentes*, do escritor O. G. Rego, logo abaixo um fragmento do referido livro; ocupando dois quintos da segunda e terceira coluna, na parte superior, foi apresentado o título da matéria e a fotografia do autor da obra mencionada. Abaixo da fotografia do escritor, nas colunas dois, três e parte da última foi disponibilizado vinte questões objetivas com cinco alternativas cada. O restante da página foi preenchido com uma síntese do livro *Somos Todos Inocentes*. O material didático foi produzido pelos professores Cineas Santos e Francisco Miguel de Moura. Abaixo, foram transcritas seis das vinte questões mencionadas, conforme imagem apresentada.

1. Assinale a passagem que contrasta com ideia geral do texto.
  - a) “Passara anoite insode e cheia de pressentimentos maus”. b) ... virou-se com a fisionomia contrafeita.” e) “Ela admirou mais uma vez seu porte elegante”... d) “Pedrina empalideceu e gaguejou”. e) NDR.
2. No período: “Uma cousa lhe asseguro VOCÊ NÃO SE CASARA COMIGO, ” a oração grifada é:
  - a) Adjetiva explicativa. b) Adverbial causal. c) Completiva nominal. d) Substantiva apositiva. e) N DR.
3. O desespero de Pedrina se evidencia na passagem:
  - a) “Prefiro morrer, Raul! ”, b) “Estou grávida”. c) “Você tem de casar comigo, Raul! ”... d) “Senão eu morro...”
4. Levando-se em conta o título do romance em estudo, assinale a passagem que está em perfeita consonância com ele:
  - a) “Lhe disse que não viesse cá”. b) “Você tem de casar comigo, Raul!”. c) “Você tem de escolher, Pedrina: o filho ou eu”. d) “Não a seduzi.” e) NDR.
5. O uso de linguagem poética entremeada de símbolo é uma das características predominante na ficção de O. G. Assinale a obra onde essa característica mais se evidencia:
  - a) “Era Noite Afonsina”. b) “Amor e Morte”. c) “Rio Subterrâneo”. d) “Ulisses Entre o Amor e a Morte”. e) NDR.
6. O romance “Somos Todos Inocentes” foi contemplado com o prêmio:
  - a) Graça Aranha. b) Machado de Assis. e) Walmap. d) Coelho Neto. e) NDR (O Dia, 1974, p.10).

As questões que o jornal *O Dia* publicou foram elaboradas com apoios de um fragmento do capítulo cinco, *De Novo, O Sobrado*, da obra *Somos Todos Inocentes*. Essas questões sobre o livro de O. G. Rego faziam abordagem não somente aos aspectos literários, mas também à gramática e a compreensão e interpretação textual. Veja:

De Novo, o Sobrado. PEDRINA lembrava-se com angústia da entrevista da manhã. Passara a noite insone e cheia de pressentimentos maus. Agora que as regras suspenderam e frequentemente era acometida de náuseas, já não tinha

qualquer dúvida. Com pavor e desespero, decidiu-se a procurar Raul, e desde as sete horas rondava a esquina do Sobrado, na esperança de ver o amante logo saísse para a fazenda. Só tarde Raul apareceu, com um chicote e roupa de viagem. Ela admirou mais uma vez seu porte elegante, as pernas grossas, os músculos rijos dos braços. E se acercou dele no momento em que montava o alazão. Raul, preciso falar com você. É urgente. O jovem, que há uma semana se ocultava dela, virou-se com a fisionomia contrafeita. Lhe disse que não viesse cá. Pedrina estremeceu ante o olhar severo com que a acolhia. Contorcendo as mãos, confessou-lhe tudo: Estou grávida. Eu sabia respondeu Raul com impaciência, dando-lhe as costas. Não, não se vá agora! e ela tomou as rédeas nervosamente. Você tem de casar comigo, Raul! Não a seduzi- replicou êle, pálido e colérico. - Você já era à-toa quando... Sem forças para conter o animal, que a espora feria no ventre, Pedrina implorou mais uma vez: - Não me despreze, Raulzinho! Senão eu morro... Ele a fitou menos irritado, condoído um pouco de sua situação: Não se preocupe, que há remédio, Remédio, que remédio? perguntou a jovem, inteiramente confusa. Quando eu voltar do "Junco" cuidaremos disso. Você então se casará? (Ela não sabia de outra solução.) Raul limpou o suor da testa e, vendo-a mais tranqüila, criou coragem: O aborto, menina! Cuidaremos disso quando eu voltar. A moça sentiu perder o ânimo: Abortar não é crime, Raul? E eu... eu não posso.... Quero meu filho. Raul abaixou a vista, insultado diante da nobreza de sentimentos da rapariga. Você tem de escolher, Pedrina: o filho ou eu. Ela cobriu o rosto com as mãos. A desesperança se estampava nêle quando falou, com uma voz que vinha do fundo do coração. Prefiro morrer, Raul. Mas não matar um inocente! Sem querer, ela ferira o amor-próprio do amante: Aja como quiser. Uma cousa lhe asseguro: você não se casará comigo. Não sou de sua laia. Pedrina empalideceu e gaguejou. Sua posição social perdera-a e agora os separava. Apreensivo em frente dessa acusação muda, que o humilhava, Raul chicoteou o cavalo com violência, partindo com a impressão de que ela ia atrás (Carvalho, 1974).

Pelo excerto apresentado percebe-se a qualidade dos textos de O. G. Rego. Por isso, suas obras eram sempre indicadas pelos críticos e jornais que noticiavam a escrita desse romancista como escrita de alto nível, e com relação ao talento do escritor constantemente era chamado de “intelectual”. Nas publicações diárias que aconteceram antes do plano editorial da Civilização Brasileira, *Somos Todos Inocentes* tinha o título de *No Fundo do Poço*. Ainda com relação a publicação do jornal *O Dia* (1974) que dedicou uma página a um fragmento e questões sobre a obra do referido romancista, também foi divulgado um resumo sobre o livro premiado pela Academia Brasileira de Letras. Contemple.

Inicialmente recordemos que o Jornal “O Dia”, desta capital, viveu uma façanha literária própria do século XIX: publicava diariamente um capítulo do romance “Somos Todos Inocentes” que àquela época, tinha o nome de “NO FUNDO DO POÇO”. Depois do sucesso de crítica que foi Rio Subterrâneo, seu autor O. G. de Carvalho instado pela Editora Civilização, consentiu na sua publicação em livro. Atendendo ao plano editorial, o título original de “Os Ex Culpados” foi mudado, agora para “Somos Todos Inocentes”. Não afirmamos que seja um livro a que não se possa fazer restrições. Sua elaboração, anterior

à de Rio Subterrâneo, embora só tenha sido publicado depois, é um dado a considerar, para aqueles que se disponham a analisá-lo: marca uma etapa ainda não definida, na importante ascensão de O. G. Rêgo de Carvalho como escritor, iniciada com “Ulisses Entre o Amor e a Morte”, em 1953. É uma obra diferente das demais de O. G. Rego de Carvalho. Primeiramente o Autor colocou Oeiras toda no livro, é uma saga da antiga Capital do Piauí. Depois, temos que notar a temática: somos todos culpados, todos os personagens jogam a culpa de seus erros nos outros. Pedro de Helena dia: “Já encontrou alguém que se sentisse único culpado dos erros? Todos, no íntimo, toleram suas faltas, perdoam-se com palavras de compreensão que não têm com o próximo” (pg. 197). Aí está a marca da humanidade e, talvez, a de um certo determinismo a respeito do bem e do mal, no mundo. Enfim, é o problema moral que serve de esteio ao romancista, quando levanta o mundo de Oeiras perdida no tempo. Conheço outro romance que aborda mesmo tema, mas de maneira completamente diversa: “A QUEDA”, de Albert Camus, Neste, a fulcro narrativo é um personagem, ou seja, a individualidade, e o ponto de vista é o do próprio personagem “herói”. Em “Somos Todos Inocentes”, temos miniaturas de personagens, nenhum deles, conseguindo tornar-se o centro; no início do romance, é Raul, em Oeiras (pg. 1/63; no meio, ainda é Raul, fugindo de seus problemas, refugiando-se na fazenda (pg. 65/123); no fim, quem se faz mais presente é Dulce, que também procura livrar-se de Oeiras, e de seus problemas íntimos. Daí porque, embora não esteja separada em três partes, distinguimo-las perfeitamente: o momento romântico, com Raul e Dulce, em Oeiras; a momento naturalista, com Raul e suas peripécias na fazenda; e o terceiro momento, que chamei de realista no sentido em que as situações criadas sobrepujam àquelas apenas anotadas ou revividas, quando os personagens principais se juntam, em Oeiras: - Raul, Aparinho e Dulce. Raul não consegue convencer, como personagem: é um tipo sobre o qual o romancista descobre o mal; por outro lado, embora não se possa dizer que Dulce é uma santa ou um anjo, é sobre ela que o lado do bem se instala, o bem que não consegue vencer a maldade dos outros, o destino. É a grande personagem de “Somos Todos Inocentes” a que redime todos os demais, inclusive a própria cidade, redime no sofrimento, na dor, na perda e na busca. Em “Somos Todos Inocentes”, foi, talvez onde O. G. Rego de Carvalho se colocou mais descontraído diante dos problemas abissais da natureza humana, tratando mais das pessoas como participantes de uma comunidade. Dal a marca de impressionismo, até mesmo de naturalismo, que temos em suas páginas. Talvez sem nenhum propósito realizou obra de fácil comunicação, por- que nas oportunidades em que se afluam situações de subjetividade, delas apenas se serve no sentido da horizontalidade que, num balanço geral da obra, é realmente procurado e desejado (O Dia, 1974, p.10).

Conforme apresentado no fragmento acima, *Somos Todos Inocentes* foi escrito antes do livro *Rio Subterrâneo*, mas sua publicação foi posterior a este. Ainda de acordo com a publicação do jornal, “todos os personagens jogam a culpa de seus erros nos outros. [...] já encontrou alguém que se sentisse único culpado dos erros”. Com o destaque dessa reflexão, a progressão dos elementos da narrativa evidencia uma literatura intimista que é direcionada ao consciente e inconsciente do indivíduo. Os jornais locais consideravam O. G. Rego como maior representante da literatura do seu estado.

De acordo com a publicação do jornal *O Dia*, que destaca a literatura de O. G. Rego no vestibular, a preparação dos estudantes era bastante abrangente e envolvia diversos profissionais. Confirmando esse cuidado para o sucesso dos discentes na seleção dos exames classificatórios, Regina Zilberman (1991), em estudos sobre a leitura e o ensino de literatura, destaca:

A importância desse exame de seleção não é, pois, negligenciável, assegurando um campo profissional bastante abrangente, de que participam professores de literatura, escritores cujos livros são indicados para leitura e interpretação, e editoras que disputam não apenas os textos dos autores vivos a serem objeto de análise, mas também as obras caídas em domínio público (cujos direitos autorais podem ser economizados), via de regra as mais solicitadas. O vestibular também determina a perspectiva com que a literatura é estudada. Privilegia, a ótica histórica e evolucionista, apoiando-se na bibliografia de tipo historiográfico; enfatiza o estudo da literatura brasileira, tendo, aos poucos, abandonado a literatura portuguesa, em outras décadas mais frequente nos exames; e dá maior peso aos autores do passado sobre os do presente, embora possam aparecer esporadicamente movimentos no sentido da valorização do escritor contemporâneo e/ou local. (Zilberman, 1991, p.134).

Segundo a autora os vestibulares dão um direcionamento de como a literatura deve ser estudada, privilegiam autores do passado. Mas com O. G. Rego, sua obra superou essa prática, o escritor presenciou a inserção de seus livros em diversos vestibulares das universidades do estado do Piauí. [...] “os vestibulares são elaborados por docentes dos cursos superiores aos quais se candidatam os estudantes [...] não são os professores de segundo grau que escolhem os programas, autores e perspectiva de análise do material literário com que trabalharão em sala de aula” (Zilberman, 1991 p.134-135). Isso pode garantir que os candidatos aprovados tenham uma base sólida e estejam preparados para os desafios específicos de seus cursos.

## **4 LITERATURA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO.**

Neste capítulo discutir-se-á a representação de educação e sociedade a partir da literatura de O. G. Rego. Compreende-se que o texto literário é produzido a partir do contexto social vivenciado pelos autores, estes expressam a seu modo, um ponto de vista, um olhar sobre o período vivido ou sobre o passado a que se remete a memória. Deste modo, por meio da literatura de O. G. Rego é possível encontrar elementos para pensar sobre os processos educativos escolares e não escolares no Piauí. Ao mesmo tempo, a trajetória de vida do escritor além de fornecer informações para uma maior compreensão de sua produção literária, também pode mostrar aspectos do seu processo educativo na escola, na família e em outras instâncias sociais.

### **4.1 A representação do espaço escolar no livro *Ulisses entre o Amor e a Morte***

No romance *Ulisses entre o Amor e a Morte*, é possível perceber aspectos interessantes do ponto de vista da história da educação. Neste sentido, é mencionado na obra diversos diálogos dos personagens, principalmente, Ulisses, sua mãe e seus irmãos referenciando o contexto escolar. Dessa forma, apresenta uma imagem da educação, onde a instituição de ensino e a escolarização são referenciadas durante quase toda a narrativa do livro.

É possível identificar passagens em que os personagens se manifestam sobre escola, aluno, professor, leitura, fardamento escolar, resultados etc. Esses achados reforçam a visão do romancista, por meio de sua vinculação com a educação. É de certa forma, uma maneira de apresentar as experiências escolares do autor. Com essas representações, Pesavento, (2004, p. 83) diz: “a literatura é testemunho de si própria [...]. Ela é tomada a partir do autor e sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, tal como o horizonte de expectativas de uma época”.

O livro *Ulisses entre o amor e a morte*, apresenta uma a representação histórica tanto dos personagens como dos eventos da época. Assim, em um diálogo entre os personagens do referido livro, no contexto em que Ulisses, irmão de José, ganha de um amigo um casal de pombos, este apropria-se das aves, cuidando com carinho, a ponto de deixar de frequentar o colégio. “A fim de não afastar-se deles, deixou de ir ao colégio [...]. Mamãe [...], atribuindo mesmo que não houvesse *aula*; uma vez, porém, chamou-o e disse: - somos pobres, e você deve

corresponder ao sacrifício de sua mãe. Por que não frequenta mais a *escola*? (Carvalho, 2013, p.72).

Nesse diálogo, entre os personagens, não há apenas menção à escola, mas também uma consciência da importância de estudar, além de indicar que a família investia na educação dos filhos. Nesse sentido, relacionando a literatura como fonte, Pesavento (2004, p. 83), expressou: “a literatura é fonte em si mesma, é testemunho de si própria, [...] podendo mostrar, por exemplo, o horizonte de expectativas de um tempo, expressos em forma de literatura”. Ainda segundo Pesavento, (2004, p. 83), “é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma”.

#### 4.1.1 Tia Julinha, a professora que O. G. Rego imortalizou no livro *Ulisses*

Com relação às sentenças formuladas por O. G. Rego para fazer referência à instituição escolar, no seu primeiro livro, os vários excertos extraídos dessa obra permitirão uma compreensão mais ampla. “Quando voltei, era hora do almoço, e passei o tempo retraído. Às cinco, o ajudante da loja carregou as malas, e por fim a chave da porta foi entregue à tia Julinha, nossa professora do grupo escolar” (Carvalho, 2013, p.18).

Nessa passagem, se o leitor “fitar o olhar”<sup>55</sup>, irá perceber no personagem Ulisses (criança de oito anos) angústia, aflição e tristeza que se caracterizam pela doença do pai, e como consequência disso a viagem do mesmo a Teresina, acompanhado pela mãe de Ulisses. Observa-se na passagem a referência do narrador à *professora do grupo escolar*. Ainda mencionando a sua tia e professora, Julinha, o menino, Ulisses, narrou:

Alguns minutos depois, encontrei-a na varanda, escrevendo um bilhete naquela caligrafia que eu tanto admirava. O papel rescendia a jasmim e antes que o examinasse melhor, ela dobrou devagar, sobrescritando-o em linhas traçadas à unha. - Leve a este endereço - disse e me passou a cartinha. - Posso ler? – inquiri, notando que destinava a um parente, o doutor João da Mata (Carvalho, 2013, p.20).

---

<sup>55</sup> A expressão “fitar o olhar” foi utilizada por O. G. Rego em algumas narrativas dos livros *Ulisses* e *Rio Subterrâneo*. Descreve a ação de fixar os olhos em algo ou alguém de forma intensa e prolongada. Neste texto, utilizamos a expressão “fitar o olhar” no sentido de uma leitura de envolvimento e atenção com o texto, buscando compreender as ideias, e refletindo sobre o que está sendo comunicado.

Nessa passagem do livro *Ulisses*, capítulo *Viagem de Cura*, texto que tem como título “um mandado”, o narrador-personagem menciona o período que estava distante dos pais, aos cuidados da tia Julinha, que “ordenou” ao garoto a entrega de um bilhete ao senhor João da Mata, que era namorado da mesma. O destaque aqui está na sentença “*escrevendo um bilhete naquela caligrafia que eu tanto admirava*”. O menino Ulisses, ao focar a caligrafia, remete sua admiração não só por sua tia, mas principalmente por sua professora. Nota-se também que a leitura e escrita faziam parte do cotidiano da criança, o que certamente deve ter influenciado seu gosto pelas letras, levando-o mais tarde a tornar-se escritor profissional.

A trajetória escolar e as primeiras experiências educativas no ambiente familiar, certamente contribuíram para a iniciação literária de O. G. Rego. Bourdieu (1998), ao discutir a noção de *habitus*, explica que a maneira de pensar e agir dos sujeitos, a incorporação de regras, normas e valores são construídas a partir de um *hábitus* internalizado, adquirida por meio das relações sociais e familiares, construídas e reconstruídas ao longo tempo. Por meio do *habitus* os sujeitos elaboram e reelaboram sua forma de ver de mundo.

Neste sentido, percebe-se pelas lembranças e pelas referências feitas em alguns trechos de sua obra que o romancista internalizou a imagem de sua tia Julinha, sua professora. Conforme já foi mostrado, o escritor iniciou sua vida escolar em Oeiras e foi aluno de sua tia. Chama à atenção que Júlia Carvalho era uma professora normalista, portanto, tinha formação adequada para exercer o magistério, naquele contexto.

No período a que a memória do escritor se remete, aproximadamente 1938, quando realizou seus estudos primários em Oeiras, o leitor também encontrará indícios da escola daquela época, momento que tanto na capital como nas cidades mais populosas do Piauí, a presença dos grupos escolares, das professoras normalistas e dos novos métodos de ensino (Escola Nova), já era uma realidade e representavam a modernidade escolar.

Vale lembrar que no Brasil, é no período republicano que paulatinamente a escola vai se firmando como a instituição mais adequada para oferecer educação na sociedade. Em um momento que o saber ler e escrever estavam associados à cidadania política e as mudanças de concepção relacionadas à escola acabariam por influenciar os dispositivos legais e as práticas de educação. Gomes (2002, p. 391), destaca que a escola primária passava a ocupar cada vez mais uma crescente importância naquela sociedade, isso significava que “as famílias e as comunidades deviam ser desestimuladas a oferecer instrução elementar. Mães, preceptores ou professores que ensinavam em suas casas deviam entender que tais espaços improvisados não se adequavam mais ao bom ensino”.

À medida que as famílias eram desestimuladas a oferecer uma educação no ambiente doméstico, os republicanos empenhavam-se para legitimar a escola como instituição social. Neste sentido, exigia-se “ainda que o ensino fosse ministrado em prédios especialmente projetados, materializando arquitetonicamente à ideia de educar. Assim, exigia-se também profissionais com qualificações especiais, que só nesses locais seriam encontrados” (Gomes, 2002, p. 391). Desse modo, foi nas primeiras décadas no período republicano que começou a ser gestada uma forma escolar. “Prédios, professores formados, alunos em idade apropriada, tempo de permanência na escola, classes seriadas, tudo isso começou a constituir uma ‘cultura escolar’ que sustentou o nascimento do modelo de rede escolar que, em linhas gerais, conhecemos até hoje” (Gomes, 2002, p. 391).

Os prédios escolares deveriam assim ser autênticos templos da civilização, onde conhecimentos, sentimentos e valores seriam ensinados a todo o povo. Mais que isso, deveriam constituir lugares estratégicos para a produção de uma nova moral que buscava fundamentalmente despertar o amor à pátria republicana. O discurso educacional que se articulou no início da República, não apenas em São Paulo, procurava assim marcar um corte radical com a experiência imperial, minimizando e obscurecendo o que havia sido realizado antes. Esse tipo de ação é um recurso político comum quando se vive um momento em que é necessário afirmar uma identidade ainda frágil e enfrentar ameaças que vem do passado. (Gomes, 2002, p. 391).

No Piauí, pelo menos no plano legal, esse modelo de escolar mencionado terá como marco a reforma da educação de 1910, por colocar a criação do grupo escolar como central. Contudo, essa iniciativa estava restrita à capital e cidades mais populosas. Segundo Lopes (2006, p. 84), o grupo escolar foi pensado em oposição ao modelo da casa-escola, apresentado como um espaço moderno e adequado à educação. “Era uma verdadeira repartição pública, com horários de funcionamentos, postos, hierarquias funcionários e divisão de alunos por classe, concentração de crianças e docentes, aparelhamento, higiene, pedagogicamente bem instalado e bem localizado”.

Lopes (2006, p. 87), explicando sobre o processo de implantação desse modelo de escola no Piauí, observa que o grupo escolar poderia ser criado tanto pela junção das escolas isoladas existentes no lugar, como pela junção das escolas existentes e a criação de mais algumas. Dessa forma, o grupo escolar primeiro era criado como escolas reunidas, por ser uma alternativa menos dispendiosa para o Estado ao mesmo tempo em que se configurava como uma opção intermediária entre a casa-escola e o grupo escolar. Assim, “as escolas reunidas eram a simples junção de três ou mais escolas em um mesmo espaço sob a mesma direção, mantendo inicialmente a mesma organização pedagógica da casa-escola” (Lopes, 2006, p. 88). Somente

em 1922, com a criação do Grupo Escolar Miranda Osório, na cidade de Parnaíba, o Piauí teria efetivamente seu primeiro grupo escolar. Deste modo, a década de 1920 marca o início do efetivo processo de implantação dos grupos escolares no Estado. Assim, entre as décadas de 1920 e 1930, o Piauí teve vários grupos escolares criados na capital e no interior. Em Oeiras, a primeira escola deste tipo foi o Grupo Escolar Costa Alvarenga, inaugurado em 1929, seguido da criação do Grupo Escolar Armando Burlamaqui. Segundo, Reis (2009, p. 319), a escola Armando Burlamaqui, localizada na cidade de Oeiras - PI, foi criada em 1938 “especialmente para que fosse dirigida pela recém-formada professora Júlia Carvalho. D. Julia<sup>56</sup>, como era conhecida por todos, foi por muitos anos diretora desta escola, eficiente, promotora de muitas festas beneficentes para ajudar aos alunos mais pobres na compra de material escolar e fardas”.

A professora Júlia Carvalho, nasceu em 1917, na cidade de Oeiras, após concluir o curso primário seguiu para a capital do Piauí, Teresina, onde ingressou no Curso Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus, diplomando-se em 1935, retornou a Oeiras e passou a lecionar no Grupo Escolar Costa Alvarenga e depois no Grupo Escolar Armando Burlamaqui de 1936 a 1966, faleceu em 2008.<sup>57</sup>

Figura 21 – Imagem de D. Julinha , placa em sua homenagem



Fonte: Museu de Artes Sacras, Oeiras (2023)

<sup>56</sup> A informação consta na dissertação de mestrado de Reis (2009) e foi obtida por meio do relato da professora Amália do Espírito Santo Campos que foi contemporânea de Dona Júlia Carvalho, ambas trabalharam juntas no Grupo Escolar Armando Burlamaqui em Oeiras, PI.

<sup>57</sup> Estas informações foram retiradas do quadro de comenda em homenagem a professora Júlia Carvalho, exposto no Museu de Artes Sacras na cidade de Oeiras, PI.

A foto apresentada retrata a professora Júlia Carvalho, cuja dedicação ao ensino perdurou por três décadas na cidade de Oeiras. Ao explorar os registros do tópico anterior, “a representação do espaço escolar no livro *Ulisses*”, torna-se evidente que o escritor imortalizou essa educadora em sua obra inaugural.

O percurso de Júlia Carvalho foi comum a muitas moças, no momento em que o Curso Normal era quase que a única alternativa para as mulheres que pretendiam e podiam deslocar-se à capital para prosseguirem seus estudos, formar-se professora e assumir o magistério em um Grupo Escolar. Lembrando que, naquele período, o magistério nos Grupos Escolares deveria ser prioritariamente exercido por professoras normalista, sinônimo de modernidade escolar. É também neste contexto que se intensificou a produção de periódicos escolares o que certamente incentivava os alunos a escreverem, foi o caso já comentado de O. G. Rego e sua produção publicada no *Fanal*.

Tia Julinha, é lembrada por incentivar seus alunos a escreverem textos, tinha uma letra bonita e seu trabalho era admirado pelo aluno O. G. Rego, membro da família. É provável que a imagem dessa professora tenha ficado na memória do sobrinho e ex-aluno. É também possível imaginar que a representação, de uma professora formada e preparada para o exercício do magistério, tenha refletido na opinião do escritor sobre seus professores durante a vida escolar.

O processo de implantação do sistema escolar piauiense ocorreu de forma gradual. Utilizando como marco o período imperial até as primeiras décadas do regime republicano no Brasil. No contexto do Piauí Costa Filho (2006) observa que, a partir de 1834, o governo central delegou às províncias o poder de organizar e administrar as escolas oficiais. No entanto, essas escolas estavam predominantemente concentradas em áreas urbanas e atendiam apenas uma parte da população. A maioria das pessoas, especialmente aquelas que viviam na zona rural, tinha acesso limitado à educação oficial. O ensino informal, incluindo o ensino doméstico e os mestres contratados pelas famílias, foi uma característica marcante da sociedade piauiense.

Neste sentido, Ferro (1996) destaca a responsabilidade das famílias na educação inicial das crianças, ressaltando que muitas vezes as primeiras letras eram ensinadas no ambiente doméstico. A autora enfatiza que essa prática demonstra a preocupação e os cuidados das famílias com a educação de seus filhos.

Lopes (2006) em estudo sobre o processo de implantação dos grupos escolares no Piauí destaca que nas primeiras décadas do período republicano, os grupos escolares começaram a serem estabelecidos no Piauí, primeiro como escolas reunidas e somente a partir da década de 1920 é que terá início do processo de implantação dos grupos escolares no estado, com várias instituições criadas tanto na capital quanto no interior.

O período abordado neste estudo é, portanto, um período em que a educação piauiense estava passando por significativas alterações da sua forma escolar, principalmente, pela expansão dos grupos escolares e pela formação de professoras primárias nas escolas normais. Através do estudo sobre a vida e obra do escritor O. G. Rego de Carvalho é possível perceber uma pequena fração deste processo de transição.

#### 4.1.2 A Feira: recorrência na escrita do romancista

Em outra construção, o narrador se reporta à feira da cidade de Oeiras, tema que já havia sido tratado quando cursava o 2º ano do Ensino Primário. Treze (13) anos depois, o assunto voltava a ser pauta de sua escrita. “Saí disposto a apreciar a feira, que só acontecia aos sábados: as bancas estavam ricas de frutas, especialmente as da terra. Mas a lembrança de meu irmão solitário me enterneceu, a tal ponto que fui correndo procura-lo” (Carvalho, 2013, p.22). Esse trecho, que tem como título “o medo” é a sequência da entrega do bilhete ao senhor João que não foi localizado no endereço, mas sim na feira da cidade. Nota-se que a lembrança da feira de Oeiras permaneceu na memória do autor.

Posterior a esses fatos, a professora Julinha, na novela *Ulisses*, tem uma passagem em que a mesma vai até a casa de sua irmã, mãe de Ulisses, mas essa menciona que a visita será rápida, pois está indo à Selga, e enfatiza o pedido à irmã, que nas *férias escolares*, não deixe de mandar as crianças para este local. Assim, o narrador-personagem destacou esse fato: “Tia Julinha assentiu toda sorridente: - adeus; não esqueça as férias dos meninos - felicidades mana” (Carvalho, 2013, p.37).

Para melhor compreensão desses expostos é importante “volver”<sup>58</sup> ao primeiro capítulo deste texto, pois a novela *Ulisses* transcorreu em Oeiras - PI e Teresina-PI. “Sou um escritor telúrico, porque toda a minha ficção está centrada em Oeiras e Teresina”. (Carvalho, 2014, p.16). Assim, todos os trechos apresentados, no livro *Ulisses*, até aqui, tiveram seus relatos na antiga capital do Piauí. E os fatos foram narrados pelo personagem principal, dos oito aos doze anos. Com relação aos dois espaços que a narrativa aconteceu, Regina Zilberman, em um artigo intitulado, “*Ulisses entre a tradição literária e o tempo presente*”, escreveu:

---

<sup>58</sup> O verbo “volver” foi utilizado por O. G. Rego em algumas narrativas dos seus livros, tem o sentido de girar, regressar, voltar ou retornar etc. Neste texto, empregou-se com o sentido de retornar ao primeiro capítulo, lendo-o ou relembando as leituras do mesmo.

A cena situa-se na metade do romance, abrindo o segmento intitulado “Adolescência”. A posição do episódio, dividindo o livro ao meio e seguindo-se à decisão de a família mudar-se de Oeiras para Teresina, sugere seu significado, que se alarga se examinado a relação da cena com a tradição literária a que se entronca (Zilberman, 2011, p.316).

Ainda segundo Zilberman, a narrativa de O. G. Rego transcorre em dois tempos: o presente e o passado. Nessa óptica os fatos que se relacionam à morte do pai do protagonista seriam o passado e o amor, presente. É importante destacar que o amor que o referido escritor manifestou na narrativa, *Ulisses*, não foi apenas o amor carnal, fica visível ao leitor, o amor fraternal.

Se Ulisses-personagem está entre o amor e a morte, Ulisses narrador divide-se entre o passado, tempo do protagonista, e o presente, tempo do contador da história. Entre o amor e a morte, o menino elege o amor, ainda que frustrado pela inconstância da amada; entre o passado e o presente, o narrador parece ficar com o presente, a saber, a atualidade de sua escrita. Graças a essa eleição, supera a melancolia do jovem e pode produzir uma obra em que se lê não apenas a trajetória de uma figura ficcional, mas a história das leituras do escritor e suas filiações literárias (Zilberman, 2011, p. 322).

A partir desse ponto, os trechos da novela *Ulisses*, que serão apresentados até o final deste tópico, foram narrados na cidade de Teresina. Nesta capital, a narrativa é concluída com o personagem principal, na faixa etária dos doze aos quinze anos.

#### 4.1.3 A mudança para capital

A história deste trecho apresenta uma visão otimista sobre a educação como uma mudança positiva na vida de Ulisses, personagem do livro *Ulisses entre o Amor e Morte*, e sua família.

Quando desci do ônibus à porta de casa, minha mãe recebeu-me com abraços. Que retribui ansiosamente. A seguir levou-me até a varanda e num gesto que abrangia todos os quartos, disse-me: - eis seu novo lar. [...]. Os manos não custaram a aparecer, vindos da escola: - Então Ulisses o que achou da cidade? - inquiriram quase ao mesmo tempo. [...] Ulisses amanhã irá ao colégio -tornou mamãe, pedindo fim à discursão. Seu pai nos deixou pobres; é preciso estudar (Carvalho, 2013, p. 51).

Essa passagem, trecho acima, apresenta o momento que o personagem principal da obra desembarca do ônibus em Teresina, vindo de Oeiras-PI. De acordo com informações que constam nas últimas edições de *Ulisses e Rio Subterrâneo*, esse fato aconteceu no mês de janeiro

do ano de 1942, na antiga Rua da Glória, nº61, atual Rua de Lisandro Nogueira. Quando, no diálogo, a mãe do personagem diz: “Ulisses amanhã irá ao colégio”, mesmo não sendo explicitado o nome do colégio, sabe-se que era o Grupo Escolar Engenheiro Sampaio, em Teresina, primeira escola que O. G. Rego estudou nesta capital.

Para essas afirmações, seguiu-se a seguinte orientação de O. G. Rego, procurou-se conhecer o autor da obra: “acho que um pouco de conhecimento da vida do autor ajuda também a compreender sua obra” (Carvalho, 2014, p. 16). Nos diálogos de Ulisses com sua mãe e seus irmãos, foram pronunciadas as expressões: “vindos da escola”, “amanhã irá ao colégio”, “é preciso estudar”. Com essas sentenças, confirma-se a representação da educação, através da instituição escolar, na literatura de O. G. Rego.

No primeiro dia de aula, na capital, antes de sair de casa, quando aguardava o vendedor de pães em frente à sua casa, o narrador proferiu diversos termos que os relacionam à escola:

Num de meus momentos de abstração, tão comum agora, nem percebi um estudante que se aproximava. Apenas quando pronunciou meu nome, é que tomei um susto e sorri, algo nervoso. [...]. Minha mãe assistiu, olhando-me satisfeita: - Venha, quero apresentar-lhe seu primo. Acerquei-me, timidamente: - Eis o Norberto, do tio Custódio - ela falou, obrigando-me a abraçá-lo. É seu colega de estudo e irá com você até à escola, por estes dias [...]. Após o café, vesti a melhor roupa, que se achava numa cadeira, com uma nota de mil-réis. A seguir, acenei a mão em despedida e acompanhei Norberto a caminho do Ateneu [...]. Quer pescar? sugeri meu primo. Iremos à feira comprar isca; o resto está pronto, no barco de um conhecido meu. Mas, e a escola? Norberto sorriu malicioso: Espere pela farda. Os meninos irão vê-lo de calças curtas e poderão gracejar (Carvalho, 2013, p.52-53).

Nesse excerto da novela *Ulisses*, foram proferidas, principalmente pelo narrador e sua mãe, as expressões: “*nem percebi um estudante*”; “*colega de estudo*”; “*irá com você até à escola*”; “*a caminho do Ateneu*”, e “*espere pela farda*”. Considerando o contexto dos fragmentos apresentados, o estudante que o narrador mencionou era o seu primo Norberto e os dois ainda não se conheciam. Quanto a expressão “a caminho do Ateneu” é uma referência ao romance do escritor carioca, Raul Pompeia. Portanto, o Ateneu eram um colégio interno onde os filhos da rica burguesia carioca estudavam, o Ateneu que Ulisses e Norberto estavam a caminho seria o grupo escolar Engenheiro Sampaio, localizado na avenida Campos Sales, centro -Teresina Piauí.

Nota-se que o narrador diz *vestir a melhor roupa*, demonstrando que a escola deveria ser um espaço de distinção social, também se observa a exigência do uniforme escolar, vestimenta que procurava padronizar os alunos e, simbolicamente, por meio dos distintivos

associava a imagem do aluno à escola, o que demandava uma postura correta e exemplar dentro e fora da escola.

Na leitura de *Ulisses* também percebe que o narrador e o primo faltaram o primeiro dia de aula, foram pescar, só compareceram à escola na segunda semana com a justificativa do fardamento escolar. “Até que vestisse a farda do colégio, levei uma semana em passeios, ora a caçar rolinhas de baladeira nas matas da estação, ora a roubar cajus na quinta à beira-rio” (Carvalho, 2013, p.54).

O fardamento é usado como argumento para não ir à escola, fica evidente que os personagens preferiam brincar ao ar livre a ter que ir à escola. Na literatura brasileira muitos escritores ao se referirem à escola passam a ideia dessa como uma “prisão”, em contraste com a liberdade das brincadeiras, como exemplo, “Conto de Escola” de Machado de Assis, em que o narrador-personagem, Pilar, ressentia-se de estar preso na escola quando poderia estar brincando no campo ou morro, e o próprio O. G. Rego relaciona a escola a esse lugar de prisão, mesmo de forma não explícita, pois menciona o termo Ateneu que eram um colégio interno.

Retornando ao livro *Ulisses*, ainda segundo os relatos, as demais faltas na escola foram por razões de doença. “Alguns dias levei em repouso, sem frequentar o colégio. A gripe tinha-se assenhoreado em mim, de tal maneira que não podia conciliar o sono, emagrecendo a olhos vistos: era tempo de calor e este sufocava” (Carvalho, 2013, p.57).

Ulisses, o narrador, tem a preocupação de informar aos leitores que voltou a frequentar as aulas tão logo teve sua saúde recomposta. “Reestabelecida a saúde e o ânimo, voltei a frequentar a escola, onde me receberam com demonstração de júbilo, inesquecíveis para mim” (Carvalho, 2013, p.67). Outra menção feita por O. G. Rego, através do narrador Ulisses, no contexto escolar foi: “Após a aula, certa manhã, perguntou-me Arnaldo se queria ir até sua casa, para ver uns pombos-correios que lhe deram, por ocasião de seu aniversário” (Carvalho, 2013, p.67).

Ainda sobre o comentário de O. G. Rego, referindo-se ao contexto escolar, tem-se as passagens que seguem, em forma de diálogos entre os personagens.

Anália, entretanto, queria provocá-lo. - Mãe, falou, como que alheada - por que a senhora não examina as faltas de José? Ele é bem capaz de perder o ano. Antes que ela respondesse, o mano se levantou trêmulo e, contrariando seus hábitos, enredou: - A escola dela é nos cinemas, nas praças, por aí nas esquinas, com os namorados. - Mentira Anália protestou sorrindo, para evitar o insulto. Estava lendo, quando Norberto apareceu, dando uma sacudida na redeem que deitara: - Vamos para a coroa - disse-me. A gente toma sol e nada um pouco (Carvalho, 2013, p. 73-75).

Estas passagens do livro, mostram que a *escola* faz parte do contexto vivido e lembrando ou referenciado pelo autor no livro. Está presente a ideia de que a escola é importante e que por meio dela pode-se vencer na vida. O. G. Rego de Carvalho, cresceu, portanto, em um ambiente familiar que atribuía um valor à escola, incentivando-o a estudar. A ênfase dada à escola e à educação é evidente, refletindo a influência do ambiente familiar do autor. Por meio do personagem Ulisses, o romancista apresenta amor e respeito pelas mulheres, especialmente pela figura materna em sua vida. Além disso, Ulisses também demonstra amor por sua irmã e sua tia. Essa abordagem cordial do personagem em relação às mulheres reflete uma visão positiva e respeitosa do autor em relação ao gênero feminino.

#### 4.1.4. *Os estudos em Teresina*

Em 1942, o escritor mudou-se de Oeiras para Teresina, neste período, vivendo o luto do pai, o adolescente passa a estudar no Grupo Escolar Engenheiro Sampaio. O contexto educacional da década de 1940, refletia a conjuntura política que ainda estava sobre o regime do Estado Novo. “A nacionalização da sociedade é um dos principais objetivos do governo de Getúlio Vargas, que deveria ser alcançado utilizando vários elementos ou argumentos que auxiliassem o Estado nesta consolidação, como a educação e a cultura, para fortalecimento da memória nacional” (Melo, 2009, p. 26).

Neste período, era forte a ideia de progresso na sociedade o que se refletia na expansão e modernização da rede escolar, a imprensa periódica produzida por professores e alunos também se expandia no interior das escolas e era vista como umas das marcas desse progresso. Segundo Costa Filho (2019, p. 101), em Teresina por volta da “década de 1940 grupos de jovens estudantes socializavam leituras, discutiam e produziam literatura, acenando com a possibilidade de mudanças. Sinal de que uma geração estava para sair da cena, enquanto outra estava surgindo”.

Assim, a década citada revela-se como um período de conflito e transformação no cenário literário do Piauí. De acordo com Costa Filho (2019).

Nessa mesma década, as revistas escolares de maior destaque eram: Voz do estudante, Zodíaco, Geração, do Colégio Estadual do Piauí (Liceu Piauiense) [...]. As revistas publicavam poesias, contos, discursos de alunos e professores, contudo presume-se que por influência da direção dos colégios, publicavam também escritores piauiense conhecidos e festejados pela comunidade de leitores. Era uma forma de divulgar entre os estudantes os talentos literários e apresenta-los como modelo. Grupos de estudantes, principalmente aqueles

ligados à Zodiáco e Geração, denunciaram as interferências nos movimentos de renovação literária e criticaram as práticas tradicionais. [...] A inserção de Orlando Geraldo do Reo de Carvalho, O. G. Rego ou O. G. Rego de Carvalho, no ambiente literário piauiense aponta para a tensão entre a velha e a nova literatura que se processava lentamente (Costa Filho, 2019, p. 103).

Neste cenário educacional, embora houvesse certa ingerência de professores e diretores na imprensa escolar, percebe-se que os periódicos eram veículos de divulgação e circulação da produção escrita dos alunos e também meio de divulgação da literatura, sobretudo, das obras de autores locais. Este clima de fermentação da escrita, sem dúvida, contribuía para incentivar a produção dos alunos dentro e fora do espaço escolar. Foi, portanto, neste meio que O. G. Rego, despontou na literatura.

Embora as fontes localizadas mostrem a colaboração do autor apenas no *Fanal*, é provável que ele também tenha escrito para outros periódicos escolares, haja vista que em Teresina, nas escolas em que estudou, todas produziam jornais escolares. Sobre isso, Vilanova (2022), em estudo sobre os periódicos escolares no Piauí, informa que na década 1940, no Grupo Escolar Engenheiro Sampaio, havia um periódico em circulação, *Escolar Teresinense*, o Ginásio Municipal São Francisco de Sales (Diocesano) também publicava um periódico, *Gente Nova e Ginásio*, e no Liceu Piauiense, o jornal *Geração*. As informações mostram que o contexto escolar era propício a escrita estudantil.

O. G. Rego ingressou na FADI, em 1950, ano em que a Faculdade estava sendo federalizada. Segundo Costa Filho (2019, p. 102), “como a Academia Piauiense de Letras – APL, a Faculdade de Direito se constituía em importante centro de cultura e seus professores integravam a ‘fina flor da inteligência’, alguns faziam parte da APL”. Requisitos que não impedia que O. G. Rego, na posição de aluno da Faculdade de Direito, criticasse algumas práticas das instituições, se posicionando “contrário ao conservadorismo dos professores que tentavam reprimir qualquer potencialidade literária de seus alunos. Crítico do corpo docente denunciava que muitos professores não eram qualificados para o exercício do magistério superior” (Costa Filho, 2019, p. 103). Nota-se que o escritor sempre demonstrou preocupação com a formação dos professores, assunto que mais tarde culminou com a polêmica da FAFI.

#### 4.1.5 Juventude e Escola em *Ulisses*

No terceiro capítulo, do livro *Ulisses Entre o Amor e a Morte*, que tem o título Adolescência, no quarto texto “*Éramos um trio*,” o autor apresenta três amigos que costumavam fugir da escola para caçar passarinhos e roubar cajus; nesta parte da obra, o escritor narra a

primeira experiência do personagem, Ulisses, com o fumo que embora ele não gostasse, fumava cigarros para seguir os companheiros, em seguida a descoberta da mãe que reprimiu severamente o filho para que não fumasse. Nas descrições dos relatos, o narrador desempenha a função de informar ao leitor uma história que é descrita através de personagens, cenários e tramas, dando vida ao romance.

Assim, o texto sugere que a educação abrange uma gama mais ampla de experiências, sendo moldada tanto pelo ambiente escolar quanto pelas vivências extracurriculares e pelas interações sociais, destacando a complexidade e a interconexão desses diversos elementos no processo educacional.

#### **4. 2 Educação na obra de O. G. Rego: diálogo intertextual e espaço social**

Como foi apresentado nos tópicos anteriores, na escrita de O. G. Rego é comum o autor usar a imagem da escola para levar o leitor a refletir sobre os aspectos importantes da sociedade. A representação da instituição de ensino, na produção escrita do romancista, ajuda a contextualizar e explorar a experiência educacional. Nesse espaço criado pelo literato os personagens interagem com situações que destacam questões mais amplas.

Quando as narrativas de O. G. Rego referenciam a instituição de ensino, estabelecem um diálogo intertextual que coloca em evidência as trajetórias e as expectativas dos personagens. Assim é possível perceber um certo diálogo entre *Ulisses* e *Cazuza*, de Viriato Corrêa. Isso acontece devido a influência direta do contexto cultural e educacional na literatura do autor piauiense. Portanto, isso entrelaça com as experiências narradas em *Cazuza* e *Ulisses*, proporcionando uma perspectiva abrangente sobre a educação e seus reflexos em épocas diferentes.

De acordo com a professora Amparo Ferro, o livro “Cazuza está composto em três partes, bem distintas, de realidade escolar, na sua trajetória de vida” [...] (Ferro, 2010, p.154). A respeito dessas partes distintas a autora explica que:

A primeira é o início da escolarização na pequena escola do povoado, dominada pela figura do velho professor autoritário e distante. Na segunda parte, a experiência da escola da vila onde a ênfase é dada às professoras com formação para o magistério e um tratamento terno e amigo com os alunos. No terceiro momento, a realidade do Colégio da capital com diversidade de professores e o distanciamento do convívio familiar é a tônica (Ferro, 2010, p.154).

De acordo com o excerto apresentado, é possível perceber uma progressão nas experiências educacionais do personagem Cazuzo, que passa por diferentes contextos escolares. Nesse caso tem-se em Cazuzo uma narrativa de experiências com um retrato da instituição e as práticas, ou seja, a literatura de Viriato faz reflexões da educação daquele período. O romance *Ulisses* faz uma abordagem à educação com a finalidade de conscientizar que essa é a principal forma de ascensão social. Dessa forma O. G. Rego reflete a realidade e as aspirações das pessoas. “Ulisses”, portanto, é um romance que transcende o mero entretenimento, oferece uma análise perspicaz sobre a relação entre educação e ascensão social. Desse modo, os dois escritores buscam por uma reflexão sobre aspectos importantes da sociedade em suas respectivas épocas.

A literatura de O. G. Rego por ser influenciada pelo contexto social e cultural de sua época, aborda eventos históricos. Uma possível explicação para isso é o romancista ter ocupado espaço de destaque em sua época. Conviveu de forma ativa com a cultura letrada desde a sua infância. Sua mãe, Aracy Carvalho, que era musicista teve uma representatividade significativa na música e na cultura de Oeiras.

#### **4.3 Rio Subterrâneo: educação, capacidade intelectual e desenvolvimento de valores**

O livro *Rio Subterrâneo* emerge como uma obra emblemática de O. G. Rego, cuja narrativa transcende os limites do tempo, transmitindo não apenas o conhecimento e a cultura de sua época, mas também uma profunda reflexão sobre a educação, a capacidade intelectual e o desenvolvimento de valores.

Nesse livro, o romancista transmitiu o conhecimento e a cultura de sua época, abordando a educação, o intelecto e o desenvolvimento de valores como em todas suas obras. *Rio Subterrâneo* reporta através das narrativas a educação e sua importância, a capacidade intelectual e os valores. A educação é um tema central neste livro e está intrinsecamente relacionada à história e ao desenvolvimento dos personagens.

A recorrência de alusões às instituições educacionais, em *Rio Subterrâneo*, indica que a educação faz parte da história do autor. Dessa forma há uma influência das instituições na vida dos personagens. Nos contextos em que o autor usa vocábulos relacionados à instituição educacional, tem-se uma representatividade de diferentes aspectos da educação.

O capítulo dois, de *Rio Subterrâneo*, denominado “Mãos e braços” referencia a educação evocando o leitor, no consciente e no inconsciente, sobre a importância dos estudos. [...] “Hermes, todavia, não sente entusiasmo algum pelos estudos: é emotivo e franzino, gosta de

romances, tem vagos anseios intelectuais. A mãe estimula-o, procurando despertar-lhe o sentimento do belo” (Carvalho, 2016, p.45). Nesse excerto o escritor anuncia os dons artísticos do referido personagem, membro da família Santos. O personagem gosta de ler romances, mas não tem aspirações intelectuais. Talvez, porque os estudos remetem à escola, a rigidez do ensino formal que não era atraente para Hermes, por outro lado, o personagem poderia ter liberdade para escolher suas leituras, os romances. O. G. Rego, diante disso, tece uma narrativa que desafia as convenções e convida o leitor a contemplar a jornada de um jovem em busca de sua própria compreensão de mundo e de si mesmo.

A aptidão de Hermes para a pintura foi descoberta pelo professor que logo comunicou aos pais sobre o talento do aluno. O personagem Hermes, que apresenta habilidades para a pintura, não é diferente de seus familiares. Sua mãe por exemplo “ensinara bandolim em Oeiras quando o marido ainda não ganhava bastante. Teve um tio poeta e músico, que faleceu corroído pela tuberculose, na ilha da Madeira. Gaba-lhe a inteligência e o coração; acha seus versos maravilhosos” (Carvalho, 2016, p.45). Nesse fragmento apresentado, algumas características da vida do personagem remetem a aspectos autobiográficos do autor da obra, no caso, a mãe que ensinara bandolim em Oeiras, a inclinação artística do personagem e o gosto pela leitura literária.

Em *Rio Subterrâneo* as alusões à instituição educacional são recorrentes e narram fatos de forma sinestésica. As passagens em que o autor faz uso dos vocábulos “estudante”, “ginásio”, “Liceu”, “o lente”, e dentre outros, direcionam aos leitores uma imagem verossímil do sistema educacional daquela época.

Hermes ainda cursa o ginásio. Não é dos piores alunos. Certa manhã o professor pediu à turma um desenho natural. Tudo simples para o jovem Santos: desenhou uma marreca sonolenta, com uma perna encolhida, que não se apercebera de sua presença no quintal. O esboço recebeu elogios e uns retoques, foi mostrado no colégio inteiro. O lente enviou carta ao velho, assinalando as qualidades artísticas do aluno, sua "inegável vocação" para a pintura; um êxito completo. O comerciante exultou. Tinha um diletante na família! Cor e forma, luz e sombra, natureza e arte - esses assuntos foram discutidos, durante o almoço e a merenda, e até em serões que se prolongavam noite adentro, com D. Elisa no bandolim, a reviver as serenatas da juventude (Carvalho, 2016, p.45).

Essa passagem destaca a desenvoltura de Hermes para pintar, a comunicação através de carta, feita pelo professor ao pai de seu aluno, a felicidade de toda a família que tem um amante das artes, as características que adotaria em suas obras e as comemorações. Ainda sobre os planos e investimentos para o futuro artista, o escritor destacou: “o próprio velho teve, um dia,

a lembrança de desalojar um dos inquilinos do armazém para que Hermes ali instalasse o futuro atelier. Isso na condição, logo aceita pela mulher, de que os estudos não se interrompessem” (Carvalho, 2016, p.46). Também no livro *Ulisses* é notório a presença da mãe, sempre atribuindo importância aos estudos. Na construção dos diálogos, nas obras, é visível a alusão a um contexto familiar que valorizava as artes, a literatura e a música, mas que também não se descuidava do estudo formal e escolarizado.

#### 4.3.1 Religiosidade

A religiosidade é outra característica presente na obra *Rio Subterrâneo*, que remete as experiências do autor que viveu sua infância na cidade de Oeiras. Reis (2009, p. 73), lembra que “Oeiras nasceu sob o símbolo da fé. A formação social da cidade foi fortemente influenciada pela igreja católica que deixou marcas profundas da vida de seu povo”.

As obras produzidas por O. G. Rego, versam uma educação além da instituição de ensino. Os leitores de *Rio Subterrâneo* são guiados a refletirem sobre o universo de Deus. Sem proselitismo religioso, o romancista imprime nos personagens dessa obra os valores cristãos, conduzindo aqueles que fazem a leitura do romance a uma educação integral. “Lucínio não ensinava. É que Benoni punha nele os olhos salientes, banhados em doce ironia, tal como na última palestra a sós. Fora na esquina do liceu [...]. Discutiam a existência de Deus, o valor das escrituras. Ele negava a religião: Cristo é o sol” (Carvalho, 2016, p.83). Ao incorporar os valores cristãos de forma sutil e inteligente, o romancista proporciona uma reflexão estimulando os leitores a questionarem suas próprias convicções.

O diálogo a seguir, entre os personagens, possibilita que o leitor reflita uma situação de opinião e perspectivas da fé divina. No mesmo contexto da narrativa, tem-se a passagem: “Benoni apertou-lhe o braço: - ouve, menino daqui uma semana estarei morto e saberás que existe Deus. Juro que te farei acreditar. [...] Lucínio riu crente de que o outro brincava: - se morrer antes de mim, aparece-me” [...] (Carvalho, 2016, p.83-84). Os relatos, presentes nessa narrativa, apresentam concepções diferentes em relação à religião e à vida após a morte.

O escritor, mesmo involuntariamente, guia o leitor a uma educação cristã, visto que desenvolve os personagens espiritualmente. Evidências de uma educação que recebeu no lar, que o autor soube aplicar na sua escrita. Percebe-se que a presença de uma educação guiada pela fé é uma marca dos valores do escritor. Sobre o que foi mencionado, o professor Francisco Miguel de Moura que foi contemporâneo, amigo e um “discípulo” de O. G. Rego, disse que o escritor “acreditava em Deus e nos Evangelhos”. O referido professor ainda destaca, por meio

de lembranças a admiração do romancista pela bíblia. “Faça uma leitura completa dos quatro evangelhos, Chico, e não encontrará nenhuma contradição. É o suficiente para acreditarmos que são verdadeiros” (Moura, 2013).

Em “O rosto na vidraça”, quarto capítulo de *Rio Subterrâneo*, que continua os fatos narrados no primeiro capítulo, o escritor nomeia essa parte do livro com um título que vai além de uma simples descrição literal do conteúdo. Dessa forma, adiciona significados que provocam reflexões no leitor sobre o que está por vir. O. G. Rego versa sobre a fé, a cultura, a educação sobre a morte, dentre outras abordagens.

Após o susto, ela se persignou nervosamente, com a mão suada, e viu palidez no rosto do irmão, que sorria de tudo, qual idiota, enquanto o velho estalava as juntas dos dedos, e a mãe ardia os olhos de tanto fitar o comedouro, em que o belga tremia arquejante, no berço da morte. - O demônio, meu Deus! Calasse, vencida pelo desânimo. A voz era rouca, cheia de ressentimentos, e ela tossia de quando em quando, cobrindo a boca miúda com o lenço. Agora já não sabe o que dizer. Algumas tiras de luz apertam-lhe o ombro. Muriçocas voam atraídas pelo negrume do cabelo, e pairam. Hesita, torcendo as mãos. Acerca-se do corpo (Eu... Oh, Benoni...) e soluça ao se reconhecer sozinha, sem novos perfumes, sem pulseiras, entregue ao desamparo. O estudante arrota. Somente aí como que se reanima: - Traga uma vela. E a lâmpada, por que não acende? Há luz no poste da esquina (Carvalho, 2016, p.86).

A cena transcrita no trecho apresentado, explora o contexto do velório de um personagem criado pelo autor. O ato de velar pode ser associado à história da educação de maneira ampla. Velórios e rituais de luto eram momentos em que valores morais e religiosos eram transmitidos às gerações mais jovens, fazendo parte da educação moral que ainda possibilita refletir sobre os princípios morais de respeito pelo indivíduo, independentemente de estar vestido no corpo físico.

#### 4.3.1 Aspectos sociais

Em suas narrativas, O. G. Rego de Carvalho também insere um aprendizado financeiro. Isso é percebível tanto nas obras literárias como nos textos escolares: “A feira” e o “Descobrimento da América”, apresentados aqui no primeiro capítulo. O primeiro texto citado apresenta a intensificação do comércio de Oeiras, o segundo menciona o ouro levado da América por Colombo. No segundo capítulo de *Rio Subterrâneo*, denominado “Mãos e braços”, tem-se logo no início as evidências financeiras de uma família.

No outro lado do rio, junto ao grande cais de pedra, fica o depósito de cera de propriedade de Santos & Cia. Há muitas casinhas na vizinhança, sombreadas pelas imensas figueiras que dominam a avenida marginal. No intuito de ampliar seus armazéns, a firma comprou alguns desses imóveis, porém a ideia morreu, ante as perspectivas ruins para a exportação da carnaúba. O velho Luís Santos, que nascera pobre e enricara no comércio, tinha planos de expandir os negócios, até que a empresa pudesse rivalizar com outras mais antigas, sólidas e tradicionais no ramo. Dois de seus filhos, adolescentes ainda, foram empregados no escritório: um deles, o mais idoso, já chefiava a sucursal de Floriano; o outro, mais preso ao pai, ajuda-o na administração, como gerente da loja e intermediário junto aos produtores da baixada maranhense (Carvalho, 2016, p.45).

Depreende-se que há coerência entre o título do capítulo com o conteúdo. Assim, “mãos e braços” podem ser analogicamente associados a uma abordagem financeira, pois executam tarefas diárias e controlam a gestão financeira. Nesse excerto que apresenta as estratégias do personagem Luís Santos, proprietário do depósito de cera de carnaúba “Santos & Cia”, que ampliou as instalações da empresa com o objetivo de expandir a firma que comercializava produto de origem vegetal o qual contribuiu para história da economia local e nacional. Além disso, percebe-se que as narrativas de O. G. Rego apresentam heterogeneidades de temas educacionais. Ao dar destaque ao extrativismo vegetal (cera de carnaúba), o escritor coloca seus leitores a refletirem sobre educação ambiental; conhecimento tradicional e cultural, dentre outras.

#### 4.3.2 *Literatura e música*

Outra característica em *Rio subterrâneo* é o uso da música como um meio de comunicar e transmitir significados mais profundos. A referida obra foi inspirada na música *La Mer*, como já mencionado. A música pode ter efeito desencadeador da memória por meio da qual o escritor pode “reviver suas lembranças.”

A respeito do uso da música como uma maneira de entender e descrever uma forma artística de expressão, Barros (2015, p.24), em *A harmonia musical como um modelo de análise para a história intelectual*, destaca que “a música nos oferece uma metáfora de eficácia e beleza insuperáveis, que poderá nos ajudar a repensar a complexidade dos pensamentos autorais”. Portanto, a música é capaz de evocar emoções de uma forma que transcende barreiras culturais e linguísticas, e foi isso que O. G. Rego fez em *Rio Subterrâneo*.

E para finalizar esta parte, mas sem esgotar a análise da obra a qual possui um universo de análise bem mais amplo, ressalta-se que as obras do escritor são formativas por refletirem o espírito de um tempo e do espaço do Piauí, da educação dos personagens e do próprio autor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou mostrar a relevância do estudo sobre O. G. Rego de Carvalho, um literato piauiense que conseguiu conquistar notoriedade nacional. Conhecer a vida e obra de O. G. Rego, assim como sua contribuição para o campo da educação foi um desafio importante no sentido de ampliar os estudos na área da história da educação.

As riquezas apresentadas por meio das fontes proporcionaram a esta dissertação uma compreensão das influências que levaram este piauiense a se tornar escritor. A inclusão de memórias escolares desde a infância e a análise das produções de textos no ambiente escolar forneceram um contexto fundamental para atingir os objetivos propostos.

A abordagem da metodologia da professora do primário, Tia Julinha, que o escritor imortalizou em sua primeira obra, adiciona uma dimensão do contexto educacional da época, destacando a importância dessa docente na formação do escritor. A descrição da decisão de tornar-se escritor, juntamente com a recusa inicial dos jornais em publicarem seus textos, oferece uma compreensão sobre os desafios enfrentados inicialmente no cenário literário.

As primeiras publicações de contos em jornais e revistas de circulação nacional, evidenciam a importância de sua produção escrita a qual deu suporte, posterior, ao ensino de Língua Portuguesa. A inclusão de detalhes pessoais, desafios enfrentados e reconhecimento posterior, destaca a importância do autor no panorama literário, enquanto aprofundamentos adicionais na análise das próprias obras esclareceram ainda mais as contribuições desse romancista para a educação do Piauí.

A menção à repercussão na imprensa nacional e internacional, assim como a análise dos críticos literários, contribui para situar o escritor em um contexto literário mais amplo, destacando sua relevância no cenário nacional e internacional.

A afirmação de O. G. Rego como escritor é respaldada pela crescente presença de suas obras nas instituições de ensino do país. A inclusão de seus livros nos exames vestibulares, a atenção das instituições de ensino para inserir sua produção nos conteúdos, demonstra a relevância do autor no cenário literário e educacional brasileiro. Por outro lado, a repercussão de suas opiniões na imprensa local sugere que sua voz transcende a esfera literária, influenciando discussões mais amplas sobre cultura e educação.

A manifestação de sua opinião na imprensa sobre a criação da Faculdade de Filosofia do Piauí demonstra a influência e a relevância do autor em discussões sobre o desenvolvimento

educacional e cultural do estado. A atenção da imprensa sugere que as opiniões de O. G. Rego são levadas a sério, influenciando debates e reflexões sobre o futuro da educação no Piauí.

Toda a produção de O. G. Rego emerge como obra rica e multifacetada, que transcende a mera representação do espaço escolar. Ao mergulhar nas narrativas que conectam educação, personagens e sociedade, os livros oferecem uma contribuição significativa para a compreensão do contexto educacional e suas implicações mais amplas.

As narrativas em suas obras servem como um convite à reflexão sobre o papel da escola na formação não apenas de indivíduos, mas também da sociedade como um todo. A escola, portanto, emerge na produção do escritor piauiense como um campo de batalha simbólico onde se delineiam as linhas que moldarão o caráter dos indivíduos.

Em suma esta pesquisa foi apoiada em diversas fontes (jornais, revistas, livros do autor, biografia e autobiografia), que possibilitaram um panorama amplo. Segundo o escritor o conhecimento da vida do autor ajuda na compreensão da obra. Neste sentido esta produção teve acesso às fontes sobre sua vida escolar (quadro de notas). Teve-se também acesso a produção escrita da época que cursava o 2º ano primário, notícia sobre a conclusão do curso de bacharel em direito (notícia sobre a colação de grau), na fase de escritor foi apresentado textos enviados para revistas (antes das publicações de livros), além da fase consagrada como escritor, por exemplo os livros.

## 6 REFERÊNCIAS

A VEZ do Piauí. **Jornal O Piauí**, Teresina - PI, ano LX, n. 566-A, 29 dez. 1949. Vida social, p. 3.

ABL premia sete escritores. **O Jornal**, Rio de Janeiro, n. 15565, p. 8, 30 jun. 1972. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros. Livros: PIAUÍ E PARAIBA. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro - RJ, p. 3, 23 e 24 maio 1971. <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 11 maio 2023.

AMOR e morte. **Letras da Província**, São Paulo, n. 00099-00100, p. 7, 1957. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

ANTOLOGIA de Poetas da nova geração. **O Piauí**, Teresina - PI, ano XL, n. 370, 7 jan. 1949. Caderno 02, p. 4.

ANDRADE, José Maria Vieira de. A província literária dos “novos”: O. G. Rego de Carvalho e as polêmicas intelectuais teresinenses da metade do século XX. *Outros Tempos*. 2012, p. 169 - 187. Disponível em: < file:///C:/Users/marry/Downloads/admin,+41-125-1-CE%20(1).pdf >. Acesso em: 09/09/2022.

ASSUMPÇÃO, Sebastião G. Rio Subterrâneo. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, n. 00199, p. 2, 28 maio 1967. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

AS VISITAS dos outros. **Gazeta do Piauí**, Teresina -PI, p. 9, 28 jan. 1943. Disponível em: <http://memoriadojornalismopi.com.br/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Conto de escola**. In: *Várias histórias*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira; Brasília: INL 1975.

ATHANÁZIO, Enéas. UM LIVRO NORDESTINO. **Correio do Norte**, Santa Catarina, ano XXVII, n. 1226, p. 1, 2 jun. 1973. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 6 maios 2023.

ATA DA 620a SESSÃO PLENÁRIA. **Boletim do Conselho Federal de Cultura**, Rio de Janeiro - RJ, ano 8, n. 32, p. 206-207, 11 set. 1978. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 16 abr. 2023.

A LIÇÃO de Dom Avelar. **O Dia**, Teresina - P, ano VII, n. 505, p. 5, 24 out. 1957.

A. B. C da Filosofia. **O Dia**, Teresina-PI, ano VII, n. 476, p. 1, 14 jul. 1957.

A VERSÃO verdadeira. **O Dia**, Teresina-PI, 8 set. 1957. *Piauí Anedótico*, p. 5.

BARROS, José d' Assunção. **Fontes Históricas**: Introdução aos seus usos historiográficos. 2019. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2019.

\_\_\_\_\_. **A Harmonia musical como em modelo de análise para a história intelectual**. Revista Tempos Históricos, Paraná, 26 jun. 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/12758>. Acesso em: 1 out. 2023.

BACHARELANDOS de 1954 da Faculdade de Direito do Piauí. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, n. 09850, p. 14, 12 dez. 1954. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 11 mar. 2023.

BARROS, Fernando Monteiro; E., Irineu; CORRÊA, Jones; RIBAS, Maria Cristina Cardoso; LEVIN, Orna Messer. Periódicos & Literatura: publicações efêmeras, memórias permanentes. Revista Soletas, São Gonçalo - RJ, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br>. Acesso em: 26 maio 2023.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 25 maio 2023.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. O trabalho com a literatura: Memórias e histórias. Scielo, [s. l.], ano XX, n. 50, 22 maios 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 22 maio 2023.

BARDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor**: Alternativas metodológicas. [S. l.]: Mercado Aberto, 1988.

BRITO, Itamar de Sousa. História da educação no Piauí. Teresina: EDUFPI, 1996.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: UNESP, 1997. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/02/Os-intelectuais-e-o-poder.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BORBA FILHO, Hermilo. Dois livros do Piauí. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, p. 4, 25 maio 1972. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 6 fev. 2023.

BOURDIEU. A ilusão biográfica. In: *Razões práticas*: sobre a teoria da ação. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

BURKE, Peter. **A ESCRITA DA HISTÓRIA: NOVAS PERSPECTIVAS**. São Paulo: UNESP, 2011.

CARVALHO, O. G. Rego. A Feira. **Fanal**, Oeiras - PI, p. 8, 31 mar. 1940.

\_\_\_\_\_. **COMO E POR QUE ME FIZ ESCRITOR**. 2a. ed. Teresina - PI: Quimera Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. **Ulisses Entre o Amor e Morte**. 15. ed. Teresina - PI: Renoir, 2013.

\_\_\_\_\_. **Rio Subterrâneo**. 11. ed. Teresina - PI: Halley, 2016.

\_\_\_\_\_. **Somos Todos Inocentes**. 1. ed. Rio de Janeiro - RJ: Civilização Brasileira, 1971.

\_\_\_\_\_. **Lições de Português**. O Dia, Teresina-PI, 25 ago. 1957a. A cidade, p. 3.

\_\_\_\_\_. **A FACULDADE DE FILOSOFIA**. O Dia, Teresina-PI, p. 3, 7 jul. 1957b.

\_\_\_\_\_. **Apêlo à consciência**. O Dia, Teresina-PI, 22 ago. 1957c. A cidade, p. 3.

\_\_\_\_\_. O. G. Rego. Convite à lealdade. **O Dia**, Teresina - PI, p. 3, 29 ago. 1957d.

\_\_\_\_\_. Um filho. **A Cigarra**, São Paulo, n. 00181, p. 40, 19 abr. 1949. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 9 mar. 2023.

\_\_\_\_\_. Menino Deus. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 0008, p. 127, 21 out. 1950. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. Marlene. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 0005, p. 47, 18 nov. 1950. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 6 maio 2023.

\_\_\_\_\_. Castanhos eram seus olhos. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 0023, p. 19, 21 abr. 1953. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. Primos. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, n. 00196, p. 8, 27 ago. 1950. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 4 abr. 2023.

\_\_\_\_\_. **Anotações de O. G. Rêgo de Carvalho adolescente**. [S. l.], 27 dez. 1946. Disponível em: < <https://www.portalentretextos.com.br/index.php/post/ anotacoes-de-o-g-rego-de-carvalho-adolescente> >. Acesso em: 19 fev mar. 2023.

CAVALCANTE, Valdemar. LETRAS. **O Jornal**, Rio de Janeiro - RJ, p. 2, 29 fev. 1972. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 6 maio 2023.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 29 maio 2023.

\_\_\_\_\_. **A História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: LIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CERTEAU, Michel. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.

COLUNA do Servidor: INL. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, n. 04602, p. 11, 2 ago. 1975. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 14 maio. 2023.

CONCURSO permanente de contos: a viagem de cura. **A Cigarra**, São Paulo, p. 58- 64, out. 1950. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 13 abr. 2023.

COSTA FILHO, Alcebiades. **Ulisses entre o amor e morte: romance e romancista no ambiente piauiense**. In: ULISSES entre o amor e morte e seus vários temas. [S. l.]: Horizonte, 2019. cap. 7, p. 85-107.

CONCURSO permanente de contos: Correspondência. A cigarra, São Paulo, n. 00174, p. 134, dez. 1948. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

CONVERSA literária: Livros recebidos. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 0078, p. 35, 17 out. 1953. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de Teoria Literária**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

CURSO DE LITERATURA PIAUIENSE COMEÇA SEGUNDA-FEIRA. **Jornal O Dia**, Teresina - PI, ano XXIII, n. 4054, p. 2, 12 nov. 1974.

DALVI, Maria Amélia; SCHWARTZ, Cleonara Maria; TRAGINO, Arnon. A literatura no vestibular: traços de seu histórico e olhares recentes. *Via Atlântica*, São paulo, p. 7, 22 dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/98683/107079>. Acesso em: 10 jul. 2023.

ERA MARLENE: Conto de O. G. Rego de Carvalho. **Revista Fon Fon**, Rio de Janeiro - RJ, p. 5, 11 jul. 1957. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 6 fev. 2023.

ESCRITOR PIAUIENSE ADOTADO NAS ESCOLAS DO RIO. **O Estado**, Teresina - PI, p. 3, 3 abr. 1975.

ESCRITORES Piauienses na Novela O Semideus. **Jornal O Estado**, Teresina - PI, p. 4, 1 abr. 1975.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Cazuza e o sonho da escola ideal**. São Luís: EDUFMA, 2010.

\_\_\_\_\_, Maria do Amparo B. **Educação e Sociedade no Piauí Republicano**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1996.

GOMES, Ângela de Castro. A escola republicana entre luzes e sombras. In: PANDOLFI, Dulce; ALBERTI, Verena (coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; CPDOC, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IMPRESSÕES. **Diário de Notícias**, Rio de janeiro - RJ, p. 2, 7 jan. 1951. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 17 fev. 2023.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, Renè (Org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

KELLY, Celso. Letras e artes: Acabam de aparecer. **A Noite**, Rio de Janeiro, n. 15594, p. 10, 16 abr. 1957. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

KRUEL, Kenard (org.). O. G. Rego de Carvalho: **Fortuna Crítica**. 1ª. ed. Teresina: Zodiaco, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7. ed. rev. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2013. 499 p.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LITERATURA: Rio Subterrâneo. **Correio Braziliense**, Brasília - DF, p. 2, 11 out. 1967. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 1 maio 2023.

LETRAS da Província. **Letras da Província**, São Paulo, n. 00180, p. 12, 1972. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

LIVROS. **Alterosa (MG)**, Minas Gerais, n. 00170, p. 90, 15 set. 1953. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 set. 1953.

LYS, Edmundo. Semana literária: Fora do prelo. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, n. 00045, p. 47, 10 out. 1953. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 2 maio 2023.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. **Das Escolas Reunidas ao Grupo Escolar**: A Escola como repartição pública de verdade. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos Escolares: Cultura Escolar primária e Escolarização da Infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

LUCA, Tânia Regina. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOISÉS, Massaud. **DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS**. São Paulo: Cuítrix, 2013.

MORAES, Eneida. Livros e Livros. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, n. 10550, p. 9, 2 abr. 1957. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 19 mar. 2023.

MOURA, Francisco Miguel. Entretextos. In: **O. G. Rêgo de Carvalho: Letra e música**. [S. l.], 4 dez. 2013. Disponível em: <https://www.portalentextos.com.br/post/o-g-rego-de-carvalho-letra-e-musica>. Acesso em: 14 set. 2023.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NINA, Cláudia. **Literatura nos Jornais**: A crítica literária dos rodapés às resenhas. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

NOTÍCIAS. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, n. 08779, p. 15, 24 fev. 1957. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

NOTAS literárias. **Letras da Província**, São Paulo, n. 59, p. 7, 1953. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

**NUNCA vendi tanto**. O Dia, Teresina-PI, 5 set. 1957. Piauí Anedótico, p. 5.

CRIADOR & Criatura: O G Rêgo de Carvalho. [S. l.], 7 mar. 2024. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/criador-criatura-o-g-rego-de-carvalho>. Acesso em: 7 mar. 2023.

MENDES, Francisco Iweltaman Vasconcelos. História da educação no Piauí. Sobral: EGUS, 2012.

MELO, Salânia Maria Barbosa. **A construção da memória cívica**: as festas escolares espetáculos de civilidade no Piauí (1930 - 1945). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - CE, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/5883>. Acesso em: 1 out. 2023.

CONDE, José. Escritores e Livros: Várias. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 22828, p. 16, 5 set. 1967. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

MORAES, Santos. Gazeta literária: Rio Subterrâneo. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, n. 00041, p. 10, 19 nov. 1967. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

O. G. A VIAGEM INCOMPLETA. [S. l.], 7 fev. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BUAEsgKIfHM>. Acesso em: 10 jun. 2023.

O. G. REGO REEDITA. **O Estado**, Teresina - PI, p. 8, 21 abr. 1975.

PARKER, J. M. RUMBOS DE LA NOVELA BRASILEÑA CONTEMPORÁNEA: 1950-1970. **Revista de Culturas Brasileña**, Madri - Espanha, ed. 38, p. 27, dez. 1973. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 6 maios 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIAUÍ anedótico: O te e o rabo. **O Dia**, Teresina, PI, p. 5, 8 set. 1957a.

PIAUÍ anedótico: A versão verdadeira. **O Dia**, Teresina, PI, p. 5, 8 set. 1957b.

PREMIO Fábio Padro. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 30217, p. 2, 9 out. 1954. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 fev. 2023

PREMIO Fábio Padro. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, n. 09815, p. 3, 31 out. 1954. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 fev. 2023.

PRÊMIOS: **Prêmios Literários da ABL**. Rio de Janeiro - RJ, [s.d]. Disponível em: [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br). Acesso em: 26 maio 2023.

PREMIO literário “Carmen Dolores Barbosa”. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 30011, p. 24, 7 fev. 1954. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

PELA FACULDADE de Filosofia. **O Dia**, Teresina, PI, n. 480, p. 1, 21 jul. 1957a.

\_\_\_\_\_. **O Dia**, Teresina, PI, n. 480, p. 1, 28 jul. 1957b.

\_\_\_\_\_. **O Dia**, Teresina, PI, n. 479, p. 1, 25 jul. 1957c.

\_\_\_\_\_. **O Dia**, Teresina, PI, n. 479, p. 1, 1 agos. 1957d.

\_\_\_\_\_. **O Dia**, Teresina, PI, n. 487, p. 1, 22 agos. 1957e.

\_\_\_\_\_. **O Dia**, Teresina, PI, n. 488, p. 1, 25 agos. 1957f.

PROGRAMA para o vestibular-76. **O Estado**, Teresina - PI, p. 10, 29 abr. 1975.

Tito FILHO, A. Lições dos Outros. **O Dia**, Teresina-PI, p. 5, 5 set. 1957.

REIS, Amada de Cássia Campos. **História e Memória da Educação em Oeiras**: de meados do século XVIII à primeira metade do século XX. Teresina: EDUFUPI, 2009.

RESENHA, **O Jornal**, Rio de Janeiro - RJ, p. 2, 11 abr. 1972. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 11 maio 2023.

REVISTA e jornais: Ulisses entre o amor e a morte. **A cigarra**, Rio de Janeiro, n. 00233, p. 95, 27 ago. 1953. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 5 abr. 2023.

SILVA, Maria Solange Rocha. **História e Memória do Cotidiano Escolar**: lembranças literárias de escola (1867-1920). Orientador: Maria do Amparo Borges Ferro. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

SASSI, Guido Wilmar. Ulisses. **A Nação**, Santa Catarina, n. 00226, p. 9, 13 nov. 1953. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

SAUSSURE, Ferdinand. **CURSO DE LINGUISTICA GERAL**. São Paulo: Cultrix, 2006. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/>. Acesso em: 26 maio 2023.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2007. 817 p. Disponível em: <https://doceru.com/doc/xcevn58>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SILVA, Maria Solange Rocha. **Três momentos de uma peça pública: o caráter educativo da escrita de Humberto de Campos (1912-1934)**. 2022. 124 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br>. Acesso em: 20 maio 2023.

FICÇÃO: Somos todo inocentes. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 00300, p. 44, 27 mar. 1971. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 mar. 2023.

SOMOS todo inocentes: O. G. Rego de Carvalho. **Diário do Paraná**, Paraná, n. 0472, p. 18, 11 abr. 1971. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 28 jan. 2023.

SOUSA, Jane Bezerra. **Instituições escolares no Piauí em páginas de jornais (1961 a 1971)**. Curitiba: CRV, 2020.

INFORME JB: Lance-livros. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 00108, p. 10, 14 ago. 1968. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

UM INSTANTÂNEO DO POETA. **Meridiano: Caderno de Letras**, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 1, set. 1950.

UM ROMANCE. **A Cigarra**, Rio de Janeiro, n. 00005, maio 1971. Livros, p. 42. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A CASA E OS SEUS MESTRES: Educação no Brasil de Oitocentos**. 1. ed. Rio de Janeiro - RJ: Gryphus, 2005. 247 p.

SAUDANDO o aparecimento de "sete anos de pastor" (1948), José Geraldo Vieira declarou: "nasceu um grande contista". **A cigarra**, Rio de Janeiro, n. 00005, p. 84, 1 maio 1957. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 6 maio. 2023.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **Intelligentsia e intelectuais**: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 8. n. 16, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38588/20119>>. Acesso em: 07 de maio de 2023.

VESTIBULAR. **O Dia**, Teresina - PI, 9 dez. 1974. Caderno 02, p. 10.

VILANOVA, Francisco Gomes. **Instruir a mocidade e espalhar a luz: imprensa escolar como estratégia de formação dos estudantes no Piauí (1930 - 1948)**. 2022. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2022.

ZILBERMAN, Regina. **Sim, a literatura educa**. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (Org.). *Pontos & contrapontos*. São Paulo: Global, 2008. p. 17.

\_\_\_\_\_. *A leitura e o ensino da literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_. **ULISSES ENTRE A TRADIÇÃO LITERÁRIA E O TEMPO PRESENTE**. *Letras em revista*, [s. l.], ano 02, ed. 02, p. 315-324, 2011. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler>. Acesso em: 24 jun. 2023.

## 7 ANEXOS

## Anexo 1 - Resumo biográfico do escritor O. G. Rego de Carvalho

<b>1930</b>	- Orlando Geraldo Rego de Carvalho, filho de José Rego de Carvalho e Aracy Carvalho, nasce em Oeiras, primeira capital do Piauí, a 25 de janeiro.
<b>1936</b>	- Matricula-se na escola Armando Burlamaqui, em Oeiras.
<b>1938</b>	- 29 de julho - Falece o pai do escritor, José Rego de Carvalho.
<b>1940</b>	- Publica seus primeiros trabalhos ( <i>A Descoberta da América, A Feira e Bandeira Brasileira</i> ) no jornal Fanal, destinado à publicação de trabalhos dos alunos das escolas Armando Burlamaqui e Costa Alvarenga.
<b>1942</b>	- Janeiro - Transfere-se para Teresina, residindo na Rua da Glória (Lisandro Nogueira), nº61 -Ingressa no Grupo Escolar Engenheiro Sampaio - Decide ser escritor após a leitura de O Guarani, de José de Alencar - Dezembro – É aprovado no exame de admissão do Ginásio Municipal São Francisco de Sales (Colégio Diocesano).
<b>1945</b>	-Passa a estudar no Liceu Piauiense.
<b>1946</b>	- Ler a biografia de Émile Zola e outros clássicos, impregnando-se com as obras impressionistas.
<b>1949</b>	- Abril - O conto <i>Um Filho</i> é premiado no concurso da revista A Cigarra, que o pública. Começa intensa colaboração em vários jornais e revistas nacionais, como o Jornal de Letras, Correio da Manhã. Diário de Notícias e O Cruzeiro, do Rio, O Tempo e Anhembi, de São Paulo, Alterosa, de Belo Horizonte, O Globo, de Porto Alegre, e Sul, de Florianópolis, que passam a publicar os seus contos - Dezembro (Natal) - Começa a escrever as primeiras páginas da novela <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> . - Edita a revista <i>Caderno de Letras Meridiano</i> com H. Dobal e M. Paulo Nunes.
<b>1950</b>	- Ingressa na antiga Faculdade de Direito do Piauí. -Leciona Literatura e Língua Portuguesa no Liceu Piauiense. O conto Era Noite. Marlene é publicado na revista O Cruzeiro (RJ), sendo considerado o melhor do ano. - Ingressa na antiga Faculdade de Direito do Piauí. -Leciona Literatura e Língua Portuguesa no Liceu Piauiense.

	O conto <i>Era Noite</i> . Marlene é publicado na revista <i>O Cruzeiro</i> (RJ), sendo considerado o melhor do ano.
<b>1951</b>	-Viaja ao Rio de Janeiro, onde passa dois meses.
<b>1952</b>	- Ingressa no Banco do Brasil mediante concurso público, obtendo 1º lugar no país.
<b>1953</b>	- Publica seu primeiro livro: a novela <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> pelo Caderno de Letras Meridiano, obtendo a consagração da crítica especializada.
<b>1954</b>	- Forma-se em Direito, - <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> recebe Menção Honrosa no Concurso Fábio Prado de Contos.
<b>1956</b>	- Caderno de Letras Meridiano publica a 1ª edição de <i>Amor e Morte</i> . - O conto <i>Era Noite</i> , Marlene é publicado na revista <i>Ficção</i> (RJ).
<b>1957</b>	- 26 de outubro - Viaja ao Rio de Janeiro para completar sua formação cultural.
<b>1958</b>	- Inicia, no Rio de Janeiro, o romance <i>Somos Todos Inocentes</i> .
<b>1961</b>	- E nomeado assessor do Superintendente Geral do Banco do Brasil (Rio de Janeiro). - Conclui <i>Somos Todos Inocentes</i> , que só será editado em 1971.
<b>1962</b>	- Começa a escrever as primeiras páginas do romance <i>Rio Subterrâneo</i> .
<b>1964</b>	- Março -Finaliza o romance <i>Rio Subterrâneo</i> . - Licença para tratamento de saúde.
<b>1967</b>	- A Editora Civilização Brasileira publica a 1ª edição de <i>Rio Subterrâneo</i> .
<b>1971</b>	- A Editora Civilização Brasileira publica a 1ª edição de <i>Somos Todos Inocentes</i>
<b>1972</b>	- 29 de junho - A Academia Brasileira de Letras confere a <i>Somos Todos Inocentes</i> o Premio Coelho Netto. -A Editora Artenova publica a 1ª edição de <i>Linguagem e Comunicação</i> em O G. Rego de Carvalho, do crítico literário Francisco Miguel de Moura. - A Editora Civilização Brasileira publica a 2ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> .
<b>1976</b>	- A Editora Civilização Brasileira publica a 2ª edição de <i>Rio Subterrâneo</i> . - A Editora Civilização Brasileira publica a 3ª edição de <i>Rio Subterrâneo</i> . - O artista piauiense Nonato Oliveira, impressionado com a leitura de <i>Rio Subterrâneo</i> , pinta uma série de dez telas baseadas no romance. - A Editora Civilização Brasileira publica a 2ª edição de <i>Rio Subterrâneo</i> . - A Editora Civilização Brasileira publica a 3ª edição de <i>Rio Subterrâneo</i> .

	- O artista piauiense Nonato Oliveira, impressionado com a leitura de <i>Rio Subterrâneo</i> , pinta uma série de dez telas baseadas no romance.
<b>1978</b>	- O conto <i>Priminha</i> é publicado no livro <i>Piauí Terra, Histórias Literatura</i> , antologia de contos organizada por Francisco Miguel de Moura. - 24 a 26 de agosto - A pedido de Gilberto Freyre, participa de almoço em homenagem ao escritor, no Luxor Hotel, oferecido pela União Brasileira de Escritores (Piauí) sob presidência do jornalista Pompílio Santos
<b>1980</b>	- Recebe do Governador do Estado do Piauí (Lucídio Portella) a Medalha Ordem do Mérito Renascença do Piauí.
<b>1981</b>	- O Caderno de Letras Meridiano publica a 1ª edição de <i>Ficção Reunida</i> .
<b>1983</b>	- 7 de junho - eleito para a Academia Piauiense de Letras (APL), cadeira nº 6, que tem como patrono Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco. A solenidade de posse, muito prestigiada, foi realizada no auditório da Associação Industrial do Piauí.
<b>1984</b>	- O Caderno de Letras Meridiano publica a 4ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> .
<b>1985</b>	- O Projeto Petrônio Portela (da Secretaria da Cultura, Desportos e Turismo) publica a 1ª edição de <i>O Mundo Degradado de Lucínio - A Incomunicabilidade em Rio Subterrâneo</i> , do professor Fabiano de Cristo Rios Nogueira. - 22 de novembro - Recebe do Governador do Estado do Piauí (Hugo Napoleão) a Medalha do Mérito Cultural da Costa e Silva. - O Caderno de Letras Meridiano publica a 3ª edição de <i>Somos Todos Inocentes</i> - O Caderno de Letras Meridiano publica a 6ª edição de <i>Rio Subterrâneo</i> .
<b>1986</b>	- O Caderno de Letras Meridiano publica a 5ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i>
<b>1987</b>	- O Caderno de Letras Meridiano publica a 6ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> . - O Caderno de Letras Meridiano publica a 7ª edição de <i>Rio Subterrâneo</i> ,
<b>1988</b>	- A Editora Corisco em coedição com o Projeto Petrônio Portella (da Fundação Cultural do Piauí) publica a novela <i>Amarga Solidão</i> . - O Caderno de Letras Meridiano publica a 8ª edição de <i>Rio Subterrâneo</i>
<b>1989</b>	- O Caderno de Letras Meridiano publica a 7ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> . - O Projeto Lamparina publica a 1ª edição de <i>Como e Por Que me Fiz Escritor</i> .

	-26 de abril - Falece, em Teresina, a musicista Aracy de Carvalho, mãe do escritor.
<b>1994</b>	<p>- 11 de agosto -Recebe do Prefeito de Teresina (Wall Ferraz) a Medalha de Mérito Conselheiro António Sarava.</p> <p>- O Caderno de Letras Meridiano publica a 8ª edição da novela <i>Ulisses entre Amor e a Morte</i>.</p> <p>- O Projeto Lamparina publica a 2ª edição de Como e Por que me Fiz Escritor.</p> <p>-16 de dezembro - Recebe o título de Cidadão Teresense da Câmara Municipal de Teresina.</p>
<b>1995</b>	<p>- A Editora da UFPI publica a primeira edição do livro Rio Subterrâneo – Estrutura e Intertextualidade, de autoria da professora Maria Gomes Figueiredo Reis. Figueiredo dos Reis.</p> <p>-O Caderno de Letras Meridiano publica a 4ª edição de Somos Todos Inocentes</p> <p>-O Caderno de Letras Meridiano publica a 9ª edição de Rio Subterrâneo 10 de novembro - Recebe o título de Doutor Honoris Causa concedido pela Universidade Federal do Piauí (Reitor. José Camillo da Silveira Filho).</p>
<b>1996</b>	<p>-23 de março - Casa-se com a professora Divaneide Maria Oliveira Batista.</p> <p>- A Editora Corisco publica a 9ª edição da novela <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i>.</p> <p>- Recebe o Troféu Sábado Show, da TV Meio Norte, por ter sido eleito o Melhor Escritor do Ano por jornalistas e público em geral.</p>
<b>1997</b>	<p>-18 a 20 de março - A União Brasileira de Escritores-Secção Piauí, sob a presidência do jornalista e escritor Kenard Krueel, realiza, no Clube dos Diários, a Semana O G. Rego de Carvalho em homenagem aos 30 anos de publicação de Rio Subterrâneo.</p> <p>- A Editora Corisco publica a 10ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e Morte</i>.</p> <p>- 10 de setembro - Recebe homenagem do Banco do Brasil por sua contribuição à cultura do País.</p> <p>-18 a 20 de março - A União Brasileira de Escritores-Secção Piauí, sob a presidência do jornalista e escritor Kenard Krueel, realiza, no Clube dos Diários, a Semana O G. Rego de Carvalho em homenagem aos 30 anos de publicação de Rio Subterrâneo.</p> <p>- A Editora Corisco publica a 10ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e Morte</i>.</p> <p>- 10 de setembro - Recebe homenagem do Banco do Brasil por sua contribuição à cultura do País.</p>
	-19 de abril - Depois de anos ausente de sua terra natal, visita Oeiras acompanhado da professora Divaneide Maria Oliveira de Carvalho.

<b>1998</b>	- A Editora Corisco publica a 11ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> .
<b>1999</b>	<p>- 24 de janeiro Rio Subterrâneo é considerado o melhor romance de literatura brasileira de expressão piauiense em pesquisa do Jornal M Norte, realizada entre professores, escritores e acadêmicos.</p> <p>- A Editora Corisco publica a 12ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i>.</p> <p>-29 de setembro - É eleito o Melhor Escritor Piauiense do Século XX, em pesquisa realizada pelo professor Airton Sampaio, da Universidade Federal do Piauí, publicada pelo jornal Meio Norte.</p>
<b>2001</b>	<p>-19 de fevereiro - Recebe da Academia de Letras da Região de Sete Cidades, presidida pelo jornalista e escritor José Fortes Filho, o título de Personalidade Cultural do Século.</p> <p>- 8 de junho - Recebe homenagem e prêmio do Circuito Cultural Banco do Brasil por seu apoio e participação no projeto Rodas de Leitura. É reconhecida a importância do seu trabalho junto à comunidade intelectual do Piauí e do País.</p> <p>- A Editora Corisco publica a 2ª edição de <i>Ficção Reunida</i>.</p>
<b>2002</b>	- A Editora Corisco publica a 3ª edição de <i>Ficção Reunida</i>
<b>2003</b>	<p>- A Editora Corisco e o Instituto Dom Barreto publicam a 13ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> (comemorativa do cinquentenário da obra).</p> <p>-24 de janeiro - Recebe a Medalha do Mérito Visconde da Parnaíba do Instituto Histórico de Oeiras.</p> <p>-12 de novembro - É homenageado pela Assembleia Legislativa do Piauí.</p> <p>- 21 de novembro - Recebe homenagem da Câmara Municipal de Oeiras</p> <p>-25 a 29 de novembro -É realizada pelo Centro de Línguas e Cultura (Instituto Dom Barreto) a Semana O. G Rego de Carvalho,</p> <p>-A Editora Corisco publica a 4ª edição de <i>Ficção Reunida</i>.</p> <p>- O Engenheiro Andrade Junior constrói o Edifício O. G. Rego de Carvalho (Av. Dom Severino) em homenagem ao autor.</p>
<b>2004</b>	<p>- <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> é adaptado ao teatro pelo diretor Adalmir Miranda, premiado em São Paulo pela brilhante apresentação da peça.</p> <p>- A Universidade Federal do Piauí publica a 1ª edição da tradução para o espanhol de <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i>.</p>

	-12 de agosto - Recebe, no Festival de Cultura de Oeiras, homenagem do SEBRAE-PI, do Instituto Histórico de Oeiras e do Governador do Piauí (Wellington Dias) pelo cinquentenário da 1ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> (1953).
<b>2005</b>	-1º de fevereiro - Recebe o Troféu Octávio Miranda, do jornal O Dia, por seu trabalho em prol do desenvolvimento cultural do Piauí. - A Oficina da Palavra publica a 2ª edição de <i>Ulisses entre el Amor y la Muerte</i> . -É homenageado no III SALIPI-Salão do Livro do Piauí (Ano O. G. Rego de Carvalho), realizado no período de 6 a 11 de junho, no Centro de Convenções de Teresina.
<b>2006</b>	- Gravadas as primeiras cenas do filme <i>A Viagem Incompleta</i> sobre a vida e a obra de O. G. Rego de Carvalho. Direção de Douglas Machado. -Recebe a Comenda Santo Inácio do Colégio Diocesano.
<b>2007</b>	- A Fundação Quixote publica a 3ª edição de <i>Ulisses entre el Amor y la Muerte</i> . - A Fundação Quixote publica a 5ª edição de <i>Somos Todos Inocentes</i> . - A Fundação Quixote publica a 6ª edição de <i>Somos Todos Inocentes</i> -A Editora Zodíaco publica a 1ª edição do livro <i>O. G. Rego de Carvalho Fortuna Crítica</i> sob coordenação do jornalista Kenard Krueh.
<b>2008</b>	-O Prefeito de Teresina (Silvio Mendes) inaugura a Escola Municipal O. G. Rego de Carvalho em homenagem ao autor. -A Fundação Quixote publica a 7ª edição de <i>Somos Todos Inocentes</i> .
<b>2009</b>	-A Editora Renoir publica a trilogia ogerregueana ( <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> - 14ª edição, <i>Rio Subterrâneo</i> -10ª edição e <i>Somos Todos Inocentes</i> - 8ª edição).
<b>2011</b>	- 14 de março, nasce o primeiro filho de O. G. Rego de Carvalho (Orlando Victor Oliveira Carvalho), após a 4ª tentativa de fertilização in vitro, sob a supervisão do Dr. André Luiz Eigenher, médico especialista em reprodução humana.
	-A Editora Renoir publica a 15ª edição de <i>Ulisses entre o Amor e a Morte</i> . -A Editora Renoir publica a 9ª edição de <i>Somos Todos Inocentes</i> . - 09 de novembro - Falece o escritor O. G. Rego de Carvalho no apogeu de sua carreira literária, causando grande comoção entre leitores, amigos e familiares. - O Governo do Estado manifesta profundo pesar pela morte do escritor O. G. Rego de Carvalho “cidadão exemplar, o escritor honrou o Piauí com sua produção literária reconhecida nacionalmente”. Em nome dos piauienses, o Governador Wilson

<b>2013</b>	<p>Martins se solidariza com a família, a APL e todos os piauienses que tem em O. G. o exemplo de um grande escritor.</p> <p>-A Prefeitura de Teresina (Prefeito Firmino Filho) lamenta a grande perda do escritor O. G. Rego de Carvalho e manifesta profundo pesar pelo seu falecimento.</p> <p>- O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPEX) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) aprova, por unanimidade, MOÇÃO DE PESAR pelo falecimento do ilustre escritor O. G. Rego de Carvalho.</p> <p>- A Prefeitura de Oeiras decreta luto pela morte do escritor O. G. Rego de Carvalho. Segundo o Prefeito de Oeiras (Lukano Araújo Costa), o falecimento do romancista é uma perda muito grande para a cidade e para a Literatura Piauiense. O. G. foi um grande incentivador da Literatura no Piauí.</p> <p>- O Plenário da Câmara Municipal de Teresina lamenta profundamente o falecimento do escritor O. G e aprova, por unanimidade, MOÇÃO DE PESAR pela morte do autor. Para o Poder Legislativo, o Piauí perde um cidadão valoroso, um escritor renomado, um homem de bem.</p> <p>- O Tribunal de Justiça do Estado do Piauí lamenta o falecimento e aprova, por unanimidade, MOÇÃO DE PESAR proposta pelo Des. Raimundo Eufrásio Alves Filho em virtude do falecimento do escritor O.G. Rego de Carvalho. O TJ lamenta a morte de um cidadão honesto, intelectual respeitado, escritor admirável, esposo fiel, amigo leal e o mais edificante exemplo para todos nós.</p> <p>- O Senador Wellington Dias discursa sobre a vida e a obra de O. G. e considera um privilégio tê-lo conhecido pessoalmente.</p>
<b>2014</b>	<p>-13 a 15 de novembro - É realizado o IX Festival de Cultura de Oeiras, em homenagem ao escritor O. G. Rego de Carvalho (ANO: O. G. Rego de Carvalho).</p> <p>-23 de setembro - A Academia Piauiense de Letras do Vale do Longá, na forma regimentar, concede o diploma do Mérito Cultural A. Tito Filho ao escritor O. G. Rego de Carvalho.</p>
<b>2016</b>	<p>- A Academia Piauiense de Letras (APL), presidida pelo Dr. Nelson Nery Costa, publica a 11ª edição de Rio Subterrâneo e a 3ª edição de Como e Por Que me Fiz Escritor (palestra de O. G. Rego de Carvalho gravada e transformada em livro posteriormente).</p>
	<p>Fonte: Divaneide Carvalho</p>



Fonte pessoal

**Anexo 3 - Escola Armando Burlamaqui (Oeiras –PI), primeira escola que O. G. Rego estudou.**



Fonte: meionorte.com

**Anexo 4** - Escola Engenheiro Sampaio (Teresina –PI) segunda escola que O. G. Rego estudou.



Fonte pessoal

**Anexo 5** – Colégio Diocesano (Teresina –PI) terceira escola que O. G. Rego estudou.



Fonte pessoal

**Anexo 6** - Colégio Liceu Piauiense (Teresina –PI) quarta escola que O. G. Rego estudou e lecionou após concluir o curso Clássico.



Fonte pessoal

Anexo 7- Diário de Notícias do RJ (domingo 12 de dezembro 1954, 2ª seção 6ª página), informando sobre formatura de O. G. Rego, em Direito.

## Bacharelandos de 1954 da Faculdade de Di- reito do Piauí

Realiza-se, hoje, em Teresina, as solenidades de formatura dos bacharelandos de 1954 da Faculdade de Direito, constantes de missa em ação de graças e colação de grau. É paraninfo da turma o professor Clemente Fortes, e patrono, dr. Robert de Carvalho, sendo homenageados vários professores e o advogado Raimundo Alves da Silva, secretário da Faculdade.

São os seguintes, os novos advogados piauienses:

Alfredo Alberto Leal Nunes, Antônio Luís do Monte Furtado, Armando Gomes da Silva, Benedito Moreira Ramos, Custódio de Paiva Dias, Darci de Carvalho Gonçalves, Durvalina Pereira dos Santos, Eduardo de Castro Neiva (orador), Expedito Luís Furtado, Ezequias Gonçalves Costa, Francisco de Assis Castro, Franklin de Castro Lima Filho, Heli da Rocha Nunes, Homero Machado Coelho, Humberto Machado Coelho Humberto Reis da Silveira, Humberto Vaz Pais Landim, Joaquim Lopes da Silva, João Francisco Dutra, João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, João Paulino Tórres, José Augusto de Carvalho Mendes, José Carneiro Neto, José Eduardo Pereira, José Ferreira Castelo Branco, José Ferreira Neves, José Gil Barbosa, José de Ribamar Tajra Caddah, Leônidas de Castro Melo Sobrinho, Milton Tavares dos Santos, Moisés Elias Caddah, Nilo Cruz, Obetiza Soares Cavalcanti, O. G. Rego de Carvalho, Paulo Carneiro da Cunha, Pedro Alves Lemos, Raimunda Nonato Castelo Branco, Roberval Lobão do Rego, Sebastião Pires Ferreira e Washington Francisco Raultno.